

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,**  
**CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**DISSERTAÇÃO**

**SOFRIMENTO, SUBMISSÃO E SILENCIAMENTO: os três “SSS” da**  
**violência doméstica contra mulheres evangélicas no município de Nova Iguaçu,**  
**RJ.**

**Fabírcia do Nascimento Silva de Oliveira**

**2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**SOFRIMENTO, SUBMISSÃO E SILENCIAMENTO: OS TRÊS “SSS” DA  
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES EVANGÉLICAS NO  
MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU, RJ.**

**FABRÍCIA DO NASCIMENTO SILVA DE OLIVEIRA**

*Sob a Orientação da Professora Dr<sup>a</sup>.*

**Joselina da Silva**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ  
Fevereiro de 2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48s

Oliveira, Fabrícia do Nascimento Silva de, 1983-  
Sofrimento, Submissão e Silenciamento: os três sss"  
da violência doméstica contra mulheres evangélicas no  
município de Nova Iguaçu, RJ. / Fabrícia do Nascimento  
Silva de Oliveira. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2020.  
99 f.: il.

Orientadora: Joselina da Silva.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas  
Populares, 2020.

1. Violências domésticas. 2. Mulheres evangélicas.  
3. Silenciamentos. I. Silva, Joselina da, 1955-,  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,  
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.  
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E  
DEMANDAS POPULARES

FABRÍCIA DO NASCIMENTO SILVA DE OLIVEIRA


Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/02/2020.



---

Josclina da Silva, Dra. UFRJ  
(Orientadora)



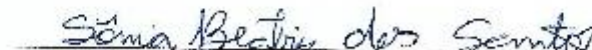
---

Amauri Mendes Pereira, Dr. UFRJ



---

Maria Manuela Alves Meia, Dra.



---

Sonia Beatriz dos Santos, Dra. UFRJ

## **DEDICATÓRIA**

Respeitosamente dedito esta pesquisa a todas as mulheres que vêm lutando e clamando por justiça, direito à vida e não violência.

## AGRADECIMENTOS

Acredito e creio no ser supremo, Deus. Obrigada por estar sempre preparando e direcionando-me para os melhores caminhos.

À minha família amada na pessoa do meu companheiro de todas as horas Emerson, sempre preocupado e maior incentivador. Foram momentos de muito nervosismo, mas, você sempre que lembrava fazia aquela pergunta: Conseguiu escrever hoje? Escreveu quantas páginas? Estas perguntas feitas por você foram cruciais para eu saber lidar com as pressões da vida acadêmica, que possamos seguir na cumplicidade! Aos meus filhos Thiago e Thaíssa que entenderam a importância e necessidade da realização desta pesquisa, amo vocês filhxs. Obrigada por estarem comigo neste período em que fiquei dedicada para a realização deste trabalho. Aos meus pais, que não tiveram oportunidade de estudar e ainda assim acreditam na educação, obrigada pelos ensinamentos, amo vocês!

Aos meus amigos do Grupo de Estudos e Ação Racial - GESTAR que foram necessários e verdadeiros amigos que a militância me proporcionou. Não poderia deixar de mencionar dois grandes amigos próximos que me ajudaram emprestando livros e ouvidos, compreendendo minha distância e impulsionando-me nesta caminhada. Gratidão Luiz Bruno e Marize Conceição.

À minha amiga Suelen pelo apoio de todas as horas. Dedico a você o versículo de Provérbios 18:v24 O homem de muitos amigos deve mostrar-se amigável, mas há um amigo mais chegado do que um irmão. Agradecida estou por sua amizade.

Como não lembrar de você Erika Barbosa, observadora e certa. Gratidão imensa pela preocupação e cuidados dedicados a mim. Sempre que percebia que eu estava sobrecarregada e distante se achegava, melhor forma de demonstração de amor e estreitamento de amizade.

À minha orientadora Joselina da Silva, sempre que possível convidava-me, ou melhor, fazia aquela intimação para que eu frequentasse o teatro. E de fato, cultura, arte e leitura são indicações e pautas defendidas por ti. Foram momentos de tensão e densidade frente ao tema de pesquisa, você como mulher negra, educadora e incentivadora acreditou desde o início que daríamos conta de realizarmos esta pesquisa.

Aos professores incansáveis e maravilhosos que marcaram positivamente minha formação docente. Gratidão à todxs!

Fui ensinada a obedecer calada sem nada questionar,  
Muitas mulheres antecederam-me, bisavó, avó e mãe.  
Solto minha voz que ecoa ancestralidade de quem não  
pode gritar e reivindicar. O corpo é meu, minhas  
regras!

Este espaço de fala dedico à todas que tiveram suas  
vozes silenciadas, votos negados, corpos multilados,  
vidas ceifadas e caminhos interrompidos.

Soltando a voz que estava entalada na garganta e  
soltando o choro que por anos era seco...voz densa,  
volumosa e potente.

Hoje, soltarei minha voz!

*“Soltando a voz” OLIVEIRA, Fabrícia 2019, Petrópolis, RJ.*

## RESUMO

OLIVEIRA, Fabrícia do Nascimento Silva de. **SOFRIMENTO, SUBMISSÃO E SILENCIAMENTO: os três “SSS” da violência doméstica contra mulheres evangélicas no município de Nova Iguaçu, RJ.** 2020. 99 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.

A presente pesquisa investigou situações de violências doméstica sofridas por mulheres evangélicas no Município de Nova Iguaçu, RJ. A vida cotidiana regulada por opressões de diversos tipos quer seja na área afetiva, bem como as vivências e sobrecargas sociais, inclusive religiosas, impostas e ou delegadas às mulheres, acarretando em muitos casos os três “sss” presentes na vida das mulheres, sendo eles: sofrimento, submissão e silenciamento. A investigação configura-se em uma pesquisa qualitativa e exploratória, foram entrevistadas sete mulheres casadas de diferentes denominações evangélicas. Objetivou-se investigar a partir das falas das mulheres o fenômeno da violência doméstica. Buscou-se também, como objetivos neste trabalho, identificar como a submissão, o sofrimento e o silenciamento podem aniquilar os corpos e mentes destas mulheres. Analisar a violência doméstica como legado do patriarcado e averiguar a importância de abordar a temática da violência doméstica entre mulheres pertencentes a religião de matriz evangélica. No Brasil, pós-implementação da lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha) a mídia vem noticiando casos de violência doméstica, mas vítimas pertencentes à instituição religiosa evangélica pouco aparecem nos casos noticiados. A temática é considerada um problema social pouco falado, principalmente na esfera religiosa em questão. Realizou-se uma investigação qualitativa e exploratória com colaboração de sete interlocutoras..

**PALAVRAS-CHAVE:** Violências domésticas; Mulheres evangélicas; Silenciamentos.



## **ABSTRACT**

**OLIVEIRA, Fabrícia do Nascimento Silva de. SUFFERING, SUBMISSION AND SILENCE: the three “SSS” of domestic violence against evangelical women in the municipality of Nova Iguaçu, RJ. 2020. 99 p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.**

This research investigated situations of domestic violence suffered by evangelical women in the city of Nova Iguaçu, RJ. Daily life regulated by oppressions of different types, whether in the affective area, as well as social experiences and burdens, including religious ones, imposed and or delegated to women, causing in many cases the three “sss” present in the lives of women, being them : suffering, submission and silencing. The investigation is configured in a qualitative and exploratory research, seven married women of different evangelical denominations were interviewed. The objective of this study was to investigate the phenomenon of domestic violence based on women's statements. It was also sought, as objectives in this work, to identify how submission, suffering and silencing can annihilate the bodies and minds of these women. Analyze domestic violence as a legacy of patriarchy and ascertain the importance of addressing the issue of domestic violence among women belonging to an evangelical religion. In Brazil, after the implementation of Law 11.340 / 06 (Law Maria da Penha), the media has been reporting cases of domestic violence, but victims belonging to the evangelical religious institution rarely appear in the reported cases. The theme is considered a little talked about social problem, mainly in the religious sphere in question. A qualitative and exploratory investigation was carried out with the collaboration of seven interlocutors.

**KEYWORDS:** Domestic violence; Evangelical women; Silences.

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

<b>Tabela</b>	<b>Página</b>
<b>Tabela 1: Apresentação das participantes.</b>	32
<b>Tabela 2: Denominações das entrevistadas.</b>	38
<b>Tabela 3: Situação socioeconômica das participantes</b>	39
<b>Tabela 4: Tipos de violências perpetrados contra as participantes.</b>	40

<b>Gráfico</b>	<b>Página</b>
<b>Gráfico 1: Religião das vítimas atendidas na Coordenadoria de Políticas para mulheres de Nova Iguaçu no ano de 2017.</b>	51

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

OMS- Organização Mundial de Saúde

OEA- Organização dos Estados Americanos

CONIC- Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

TCLE- Termo de Consentimento Livre Esclarecido

MS- Ministério da Saúde

ONU- Organizações das nações Unidas

SUS- Sistema Único de Saúde

RMS- Relatório Mundial de Saúde

DEAM- Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher

BO- Boletim de Ocorrência

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	12
2 - METODOLOGIA .....	16
2.1 Percursos metodológicos: .....	16
3 - VIOLÊNCIAS MÚLTIPLAS QUE GERAM SOFRIMENTO.....	18
3.1 - Violências de Gênero. ....	19
3.2 As Várias Violências Domésticas. ....	24
3.3. Mulheres evangélicas e a violência doméstica.....	27
4 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS MULHERES EVANGÉLICAS: Denúncias e falar emergentes. ....	31
4.1- Mulheres evangélicas .....	31
4.2. - As Mulheres Entrevistadas e seus Pertencimentos Religiosos. ....	35
4.3 Protestantismos de Lutero: Contextualização Histórica.....	36
5 - SUBMISSÃO, SOFRIMENTO E SILENCIAMENTO: O QUE SE ESPERA DA MULHER EVANGÉLICA? .....	51
5.1 - O poder da cabeça da família. ....	51
6- CONCLUSÕES.....	60
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS. ....	64
ANEXOS .....	70
ANEXO 1: TCLE.....	70
ANEXO 2: ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	71
ANEXO 3: NOMES BÍBLICOS .....	72

## **1- INTRODUÇÃO.**

O meu lugar nesta pesquisa é de uma mulher negra da Baixada Fluminense com ensinamentos evangélicos desde o meu nascimento. Desde criança até a fase adulta ouvi e presenciei atos de violências envolvendo mulheres e famílias cristãs.

Como a temática da violência doméstica nunca esteve presente nos sermões pastorais, a inquietude em investigar tal fenômeno com as mulheres evangélicas foi uma constante, não só na investigação, como também, no intuito de denunciar tais feitos por intermédio da escrita. Assim, mostrando que, as mulheres predominantemente negras, de bairros periféricos, vivenciam violências que podem levá-las à morte física e emocional.

A observação ocorreu no município onde nasci e resido até os atuais dias, Nova Iguaçu, RJ. As interlocutoras que contribuíram para a realização da pesquisa possuem nomes, endereços, famílias e vozes potentes que trouxeram à tona a problemática velada e abafada pela instituição chamada Igreja.

Minha formação religiosa é evangélica tradicional. Considero importante reafirmar meu lugar de fala frente a este trabalho e prosseguir com afinco pesquisando violências e suas modalidades. Fazendo por nós mulheres e pelas que estão em denominações evangélicas que as impedem de terem um olhar libertador e livre frente às opressões que as aprisionam.

Ter um olhar direcionado para as mulheres do grupo religioso em que me encontrava não foi nada fácil. Tudo que acontecia, ou melhor, ainda acontece, atribuímos à espiritualidade e, muitas vezes, ao ataque do inimigo: o diabo. Nunca percebemos como a responsabilidade individual de determinadas pessoas. Neste caso, atribuindo a culpabilidade ao homem e ao legado instituído do patriarcado ao longo do processo histórico.

No período em que eu frequentava assiduamente posso assim dizer, ouvia de minha liderança que o templo e todos aqueles pertencentes nele estavam blindados contra os males externos. Foi no espaço acadêmico e conhecendo de perto a militância das causas raciais e feministas que tracei caminhos opostos aos ensinamentos recebidos do meu pastor.

Assim, comecei a ter um olhar crítico sobre todas as coisas. Isto tem proporcionado a mim outras formas de entendimento, podendo dizer e, até mesmo, afirmar, que a temática sobre a violência é emergencial no espaço evangélico. E observando as práticas paternalistas que submetem as mulheres aos homens, por exemplo. O anseio pela temática fez com que me familiarizasse e pudesse compreender o conceito e suas modalidades. A partir de então, a pesquisa ora tão densa e dolorosa se apresentou primeiramente a pesquisadora que se mostrará

aqui na terceira pessoa. Vozes femininas evangélicas que foram acometidas pelo fenômeno da violência doméstica.

A investigação está circunscrita no município de Nova Iguaçu, região metropolitana Rio de Janeiro. A vida cotidiana regulada por opressões de diversos tipos quer seja na área afetiva, bem como nas vivências e sobrecargas sociais e impostas, ou mesmo delegadas. Em muitos casos os “sss” presentes na vida das mulheres desta pesquisa. São eles, o sofrimento, a submissão e o silenciamento como explicaremos mais adiante. Estas imposições subjulganas e são difíceis de identificar, fazendo com que as mesmas se culpem. Segundo Benedict (1988), a civilização ocidental é a civilização da culpa.

Ouvir a grandeza das vozes das mulheres evangélicas que contribuíram, diretamente, para a realização deste trabalho, propõe a identificação das formas de violência perpetradas contra seus corpos e mentes. Essa análise foi possível devido à rede de solidariedade entre as irmãs de fé, ou seja, mulheres evangélicas como eu. Mulheres estas que confidenciam suas questões umas com as outras com o objetivo de que o “agir de Deus” seja feito. Termo utilizado pelos evangélicos que esperam somente pela intervenção e ajuda espiritual, neste caso, o ser supremo Deus.

Nosso objetivo geral neste trabalho é investigar o fenômeno da violência doméstica que afeta mulheres evangélicas de diferentes denominações do município de Nova Iguaçu. Interessa-nos analisar os três “sss” de submissão, sofrimento e silenciamento que aniquilam corpos e mentes das mulheres; identificar a violência doméstica como legado do patriarcado e compreender a importância de abordar a temática da violência doméstica entre as evangélicas.

Enquanto mulheres negras com base e ensinamento evangélicos no espaço acadêmico enfrentam a não aceitação em trazer à tona, dentro da instituição religiosa, a temática específica, como o racismo, o feminismo, a homofobia, entre outros. Romper com o sistema estabelecidos fez com que, hoje, eu falasse das experiências vivenciadas e trouxesse as falas das mulheres que fazem parte do sistema evangélico ao que também faço.

Procuraremos, então, demonstrar nesta pesquisa, uma parte do pensamento não habitualmente exposto pelas mulheres evangélicas. São problemas sociais nem sempre revelados. Muitas vezes estes acontecimentos são interpretados como ações e ataques espirituais. Desta forma segue reproduzindo o silenciamento e a ocultação na esfera da igreja.

Ainda existe, no imaginário no interior de algumas igrejas evangélicas de que lá um mundo externo perpetrado e dominado pelo mal, repleto de violência e destruição. Por outro lado os evangélicos consideram-se imunes quando se referem a seus lares e a igreja.

Propomos-nos a investigar a violência doméstica em um dos municípios da Baixada Fluminense, tido como um dos mais populosos.

Quando falamos sobre o termo “evangélico”, é preciso que nos atentemos para o seu conceito. Segundo Mariano, 1989, “Evangélico é um termo que abrange todas as denominações cristãs originárias, de forma direta ou não, da Reforma Protestante, ocorrida no século XVI”. Velasques Filho (1990) mostra que “[...], incluem-se nessa terminologia os protestantes históricos, também chamados de ‘protestantes de origem missionária’. Prandi (1997) fala sobre os representados pelas igrejas reformadas de origem europeia e norte-americana, instaladas no Brasil desde o século passado, bem como os pentecostais e os neopentecostais”.

Segundo Almeida (2007), a questão da violência doméstica é maldita a todas as mulheres que já a enfrentaram, tentaram mediá-la e estudá-la. Sabemos que a violência ainda marcará inúmeras vidas em escala global, deixando feridas difíceis de serem cicatrizadas. De fato, há um vasto campo de autores que pesquisam a temática da violência de gênero e doméstica. Entre eles estão: Almeida (2007); Saffioti (2015), Bourdieu (2017), Scott (1990), Butler (2017), Cavalcante e Soares (2009) e Bergesch (2006), além de muitos outros não mencionados aqui.

A amplitude teórica que empodera e direciona as discussões sobre gênero não isenta perseguições e casos de morte pelas práticas de ódio que se materializam em violência. No dia vinte e seis de abril de dois mil e dezenove, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) e o Fórum Ecumênico ACT Brasil (FEACT<sup>1</sup>) manifestou, por meio de nota em um site de notícias, irrestrita solidariedade a uma jovem que prestava apoio pastoral a mulheres evangélicas que sofriam agressões domésticas. Camila Montovani e sua família passaram a sofrer inúmeras ameaças por desenvolver este apoio. Aquelas que não conseguiam sair dos relacionamentos abusivos aos quais estavam ligadas. Esta é, então, ameaçada. Fosse a necessitar apoio nacional e, quiçá, internacional, para manter sua integridade física preservada.

Nesta dissertação, o capítulo introdutório apresenta a pesquisadora e o tema proposto, contextualizando o problema de pesquisa e compreendendo o fenômeno social investigado. Os objetivos e percursos metodológicos estão acoplados a fim de expor, de forma concisa, a parte inicial da referida pesquisa. O segundo capítulo, intitulado violências múltiplas, está

---

<sup>1 1</sup> Reportagem completa de denúncia e irrestrita solidariedade do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil CONIC e do Fórum Ecumênico ACT Brasil (FEACT).

<https://conic.org.br/portal/noticias/3071-jovem-brasileira-tera-que-deixar-o-pais-apos-serie-de-ameacas>

organizado e dividido em três partes, na qual a primeira apresenta, de forma direta, as violências de gênero, e, assim, sucessivamente, doméstica e contra as mulheres evangélicas. O terceiro capítulo terá como denominação “Violência doméstica e as mulheres evangélicas: denúncias e falas emergentes”, apresentando as vozes das evangélicas entrevistadas, compreendendo o termo evangélico e um breve histórico dos nomes bíblicos, que contribuirão para o entendimento da pesquisa e finalizando com atuações e ações de duas teólogas negras que desenvolve atividades sociais e cristãs na Baixada Fluminense.



## **2 - METODOLOGIA**

O presente trabalho configura-se como pesquisa qualitativa e exploratória. De acordo com Minayo (2001) *a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares e se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado*. Trabalha com universos de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Já a pesquisa exploratória, conforme cita Gil (2010), *tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo explícito ou construir hipóteses*. Segundo Gil (2008), *as ciências sociais têm por objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos*.

Colaboraram sete mulheres, evangélicas, casadas, da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu. Todas pertencentes às instituições religiosas evangélicas tradicionais e neopentecostais.

As entrevistas semiestruturadas não estabelecem uma separação nítida entre a coleta de informações e a interpretação de dados. O instrumento realizado para a coleta de informações foi entrevistas semiestruturadas com a finalidade de analisar se a violência era reconhecida e identificada por elas.

O lócus de pesquisa foi mulheres evangélicas casadas que vivenciaram ou vivenciam, ainda, em seus relacionamentos conjugais heterossexuais a violência doméstica. Amostra foi composta maioria de mulheres negras.

Aplicação do questionário teve duração média de 35 minutos para cada participante. Os critérios para a participação da pesquisa foi ser casada, ter sofrido algum tipo de violência doméstica, concordar em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), resolução art. 196/96. Todas as participantes tiveram seus nomes em absoluto sigilo, utilizando-se nomes de mulheres bíblicas para renomeá-las.

### **2.1 Percursos metodológicos:**

Questões iniciais levantadas e hipóteses resultaram na construção da pesquisa qualitativa e exploratória. Com a finalidade de trazer a discussão emergente para os espaços religiosos evangélicos. O tema da violência doméstica contra as mulheres evangélicas esteve em destaque para além da lei 11.340/06. Não apenas informando sobre a referida Lei, mas, apontando que mulheres de uma determinada pertença religiosa sofrem com os males da

violência. Com o advento do neopentecostalismo o surgimento de muitos templos têm sido uma constante no território da Baixada Fluminense que abarca como membros em sua grande maioria as mulheres negras.

A proposta investigativa constituiu-se em três momentos são eles:

Primeiro passo foi a etapa em que iniciou pelo conhecimento de quais eram as mulheres evangélicas que sofreram ou sofrem a violência doméstica. Mulheres de denominações diferentes que possuem redes de amizade e cumplicidade, sendo este um facilitador para a construção do diálogo que se reproduziu na pesquisa em questão. Uma indicava a outra e, assim, a pesquisa consolidou-se.

Já o segundo momento constituiu-se pelo escutar. Houve alguns encontros para que os laços entre pesquisadora e participante se estreitassem-se. De forma mais prudente, as colaboradoras queriam certificar-se de que todo o conteúdo estaria disponível de forma sigilosa. Como consta no TCLE, a dúvida neste quesito foi sanada e pudemos prosseguir para a etapa posterior.

Chegamos ao terceiro momento constituído pelas entrevistas que foram transcritas e analisadas, como veremos adiante.

### 3 - VIOLÊNCIAS MÚLTIPLAS QUE GERAM SOFRIMENTO.

Na ficção, como também na escrita confessional, aqueles que compreendem o poder da voz como um gesto de rebelião e resistência incitam o explorado – o oprimido a falar. (HOOKS, 2019)

Comum encontrarmos discursos com justificativas naturais para as ações humanas, tais como: “O gênero masculino é violento por natureza”, “mulheres nasceram para os afazeres domésticos” e etc. As construções humanas hierarquizam, escravizam, matam, segregam e silenciam um grupo social sobre o outro.

Compreender a violência que permeia a sociedade requer que a desvendemos e a reconheçamos em um momento em que o contexto e o fenômeno estão inseridos. Temos, como exemplo, as modalidades de violências existentes no meio social, como a desigualdade, o racismo, o extermínio da juventude negra, a fome, o analfabetismo, o tráfico e as violências de gênero. São estas algumas das violências presentes no debate acadêmico, segundo Almeida (2007).

Segundo Fonseca, Ribeiro e Leal (2012), a violência contra a mulher é um fenômeno multicausal, multidimensional e multifacetado. Diferentes causas e dimensões acarretam a violência contra a mulher. As violências abrangem a compreensão da totalidade que a vida, a saúde, as relações interpessoais e a qualidade de vida. A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu violência como “(...) a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”, considerado como epidemia.

Quando a OMS define, no campo da saúde, o que é violência ela está conceituando, de forma preocupante, a real situação de mulheres em escala global. Em 2002, a OMS divulgou o documento intitulado: Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. De acordo com Fonseca, Ribeiro e Leal (2012), a violência doméstica é uma questão de violação dos direitos humanos.

Foi de consenso internacional o entendimento que a violência de gênero que também atinge as mulheres é uma violação dos direitos humanos. A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e erradicar a Violência contra a Mulher, a Convenção de Belém do Pará realizada em 1994, trouxe a definição da violência contra a mulher. Entende-se que seja qualquer ato ou conduta que cause dano, morte ou sofrimento físico, sexual ou mesmo psicológica à mulher, na esfera pública ou privada. Este fenômeno afeta a vida das mulheres nas esferas do trabalho, da família, da saúde e da educação.

A violação muitas vezes começa de forma sutil e aumenta lentamente. Segundo Aguiar (2002), pode-se nomear os três ciclos da violência, que apresenta três fases. A primeira deste ciclo está no início de episódios de violências como ameaças, intimidações, ignorâncias, entre outras. A segunda está na explosão, nas tensões acumuladas que eclodem em agressões verbais e físicas. Os ataques constantes em muitos casos podem acentuar e acarretar em feminicídio. A terceira também chamada de arrependimento, é misturada com amor. Faz com que o agressor prometa mudanças, confundindo a vítima que age com o coração e os sentimentos. Na maioria dos casos ocorre a conciliação. O que não significa o fim da violência.

Por ser um ciclo, é comum voltar à primeira fase, após um período. Almeida (2007), a primeira parte de sua obra fala sobre as violências múltiplas e diversas categorias de violências que atingem estas mulheres em escala global: a violência contra a mulher, a violência doméstica, a violência intrafamiliar e a violência de gênero. Estas categorias, para Almeida (2007), são utilizadas com sentido equivalente, havendo distintas expressões.

É necessário apresentar as múltiplas violências que mulheres de diferentes classes sociais, etnias e credos religiosos têm sido acometidas.

### **3.1 - Violências de Gênero.**

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que, por esse “o meu corpo, e não outro” vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimentaria. (EVARISTO, 2009, p. 18)

A perspectiva de gênero vai à frente nesta pesquisa, pois consideramos ser uma análise primordial no que tange investigarmos a violência doméstica entre mulheres evangélicas. As contribuições de Simone de Beauvoir em seu livro clássico “O segundo sexo” traz à tona um estudo potente sobre gênero e considera que o ser homem e o ser mulher são construções sociais e culturais, mostrando, então, que a ideia de gênero é “construída”.

As instituições constroem relações em formato de alicerces nas bases culturais e religiosas afirmando, reafirmando e testificando que gênero tem ligação direta com o sexo. Segundo Saffioti (1999), gênero é um conjunto de normas reguladoras dos seres humanos em homens e mulheres. A partir desse pensamento, analisaremos a construção e suas normas reguladoras.

Para conceituar o termo violência, Saffioti (1997) e Almeida (2007) o fazem de maneira objetiva e concisa à terminologia. As autoras abordam as modalidades da violência em seus trabalhos analisando os termos e conceitos referentes ao fenômeno. Para Saffioti (1997), a violência trata da ordem social. A sociedade considera normal e natural os maridos maltratarem fisicamente, psicologicamente e moralmente suas respectivas esposas/mulheres. De mesma maneira, é considerada normal a agressão de pais a filhos, instaurando-se um ciclo generalizado que, segundo a autora, gera a Pedagogia da violência.

A partir da implementação da Lei 11.340/06 conhecida como Lei Maria da Penha<sup>2</sup>. Após sancionar a Lei há uma representação dos mais básicos direitos das mulheres, o de viver sem violência. Todos os cidadãos brasileiros estavam assegurados a este direito fundamental, mas infelizmente para as mulheres desta nação foi estabelecido após a Lei 11.340/06. O ponto de partida da resistência e luta das mulheres brasileiras pode ser datada, de forma definitiva, pelas mulheres indígenas e negras, segundo Oliveira (2019). De acordo com a autora, a escravização no início do século XVI teve marcas de ações e atuações femininas no que tange à construção do processo civilizador do Brasil Colonial na qual a exploração fora desencadeada no intuito de que as mulheres se unificassem e tomassem forças em prol do bem viver. Nesse sentido, a insubmissão e a resistência das mulheres seguiu como referência a insurgência ao longo dos séculos (OLIVEIRA, 2019). Foi a partir de estudos e diversas pesquisas brasileiras que, hoje, temos a identificação das modalidades de violências domésticas. A contribuição de Suely de Souza Almeida, Marilena Chauí, Ivone Gebara e muitas outras endossaram os estudos sobre identificação das violências e desigualdades de gênero no país.

Para este trabalho, abordaremos algumas das modalidades de violência doméstica, pois temos muito a discutir acerca deste fenômeno que destrói inúmeras vidas. As autoras citadas anteriormente trazem à tona esse tipo de violência atroz<sup>3</sup> que assola mulheres em escala global, não sendo diferente com as mulheres evangélicas.

---

<sup>2</sup> Que homenageia a cearense que tivera cicatrizes físicas e psicológicas provocadas pelo marido durante seis longos anos. Ele tentou contra sua vida três vezes: a primeira através de arma de fogo, a segunda por eletrocussão e a terceira por afogamento. A luta por direitos à vida teve que ser recorrida na Corte Interamericana.

<sup>3</sup> Que expressa excesso de crueldade; em que há desumanidade: crítica atroz; comportamento atroz. Que não se consegue suportar nem tolerar; intolerável: tragédia atroz. Cujas gravidades são gigantescas; monstruosas.

<https://www.dicio.com.br/atroz/>

Estudos e pesquisas afirmam e mostram que quarenta por cento das vítimas de violência contra a mulher são evangélicas <sup>4</sup>, segundo uma pesquisa produzida pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo publicada no site do grupo Geledes<sup>5</sup> no ano de dois mil e dezesseis. Valéria Vilhena, autora da pesquisa, realizou a investigação em um Centro de Atendimento à mulheres vítimas de violência doméstica. A autora observou que, das mulheres atendidas na casa de acolhimento, quarenta por cento eram pertencentes à religião evangélica. Segundo Almeida (2007), a violência de gênero é crônica. Segundo Souza e Oshiro (2018), a violência de gênero é sistêmica. A percepção da dominação masculina envolve crenças na perpetuação da dominação das mulheres pelos homens nas tradições fundamentadas na religião, cultura e política. Assim, a violência de gênero, segundo a OMS é:

Onde as mulheres continuam sendo discriminadas ou submetidas à violência, sua saúde é prejudicada. Onde elas são excluídas, por lei, da posse de terras ou propriedades ou do direito ao divórcio, sua vulnerabilidade social e física aumenta. Na sua expressão mais extrema, a discriminação social de gênero pode levar à morte violenta ou ao infanticídio feminino. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, OMS, 2012).

O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde divulgado pela OMS anunciando, em 2002, a definição do significado violência: o uso intencional da força física ou de poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte ou dano ao psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Nesse sentido, compreendemos a fala de Saffioti e Almeida (1995) que afirmam que a violência de gênero é um fenômeno social com densas relações de poder.

Os papéis pré-estabelecidos para homens e mulheres nunca foram iguais para ambos e foram tomando musculatura, se fortalecendo nas instituições distintas que compunham a sociedade. Segundo Pougy (2007), a violência de gênero é uma estratégia hegemônica no reposicionamento dos seres humanos aos lugares socialmente instituídos. Assim, se torna possível, com o advento da naturalização das densas relações de poderio, que, com tal imposição simbólica ou direta, nos fazem acreditar que exista um modelo hegemônico de gênero para masculino e feminino.

<sup>4</sup> <https://www.geledes.org.br/40-das-vitimas-de-violencia-contramulher-sao-evangelicas/> Acessado em 03/2018.

<sup>5</sup> <https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra fundada em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira.

Para Ribeiro e Coutinho (2011), é necessário conceber as mulheres, vítimas de violência, como sujeitos sociais que carregam em si as características culturais de gênero. Essa construção social presente nas mentes e nas práticas cotidianas das mulheres seria a perpetuação que coloca a dominação do homem sobre a mulher ao longo da história.

Apresentaremos algumas frases sociais corriqueiras que transmitem e perpetuam a violência de gênero. Homem que é homem... “não chora”, “não leva desaforo para casa”, “tem que dar no couro”, entre outros. Mulher que é mulher... “Senta de perna fechada”, “Anda na linha”, “Não fica na rua”, “Dá conta de tudo”, entre outros. Notemos que, nestas frases, há construções sociais enraizadas de submissão na estrutura das relações entre homem e mulher.

De acordo com Saffioti (1999), gênero é um conjunto de normas modeladoras dos seres humanos em homens e mulheres. Esta construção que dita regras e normas determina em caráter social as atribuições dos gêneros, Segundo Scott (1990).

Gênero é a organização social da relação entre os sexos. É a partir desta constatação que se pode afirmar que questões de gênero estão presentes em todas as relações sociais entre homens e mulheres em todas as sociedades e épocas, ou seja, são atemporais e universais. (SCOTT, 1990)

Segundo Saffioti (2015), gênero diz respeito às representações dos gêneros, a imagem construída pela sociedade, a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas. A base da estrutura cristã constitui um modelo a ser seguido que seria o ideal para homens e mulheres. Mulheres iguais a Eva e homens iguais a Adão, ou seja, a base ideológica cristã cria uma essência para tudo sem contestação, afirmando de forma contundente, que este formato é imutável. Sabemos que os papéis ideológicos foram e ainda são construídos na esfera social.

Para Saffioti (2001), a violência de gênero pode ser entendida e compreendida como uma relação marcada pela desigualdade baseada na lógica machista. Para compreendermos essas perversas desigualdades, partiremos para uma análise das afirmações naturalizantes do que é “feminino” e o que é próprio do “masculino”. As construções que se naturalizam nas nossas relações, longe de ser natural, foram postas pela tradição cultural, pelas estruturas de poder. (SAFFIOTI, 1999)

Preocupante no entendimento desta sociedade que aprendeu a naturalizar formas de opressão e repressão quando se depara com uma mulher que completara seus trinta anos de idade sendo ela solteira e sem filhos. Geralmente, as cobranças são severas e violentas, o peso que uma mulher opta pela não maternidade e não matrimônio pode ser destruidor. A

preocupação intensa sobre o gênero feminino é patriarcal e machista, totalmente imposto, como uma regra a ser seguida com obrigatoriedade. Nunca houve, com isso, incentivos relacionados à vida profissional, assim como respeito pelas opções femininas.

Segundo Benedict (1988), a civilização é a da culpa. É comum as mulheres vítimas serem culpabilizadas pelas agressões sofridas. Se uma mulher é estuprada, logo se questiona sua vestimenta, o horário que saiu, ou mesmo sua maquiagem, por exemplo. E não há culpas e julgamentos somente do outro, nós mulheres, desenvolvemos autculpa sobre as violências perpetradas contra o nosso psicológico e corpos.

[...] Existe uma visão tradicional que tornam as mulheres e seus corpos culpados da violência que sofrem, embora, na verdade, a violência se encontre enraizada na sociedade, que se pauta por um sistema por si mesmo violento na medida em que a engendra, mas que atribui ao corpo da mulher a violência que ela própria, a sociedade, produz, e na qual aparecem, como importante componente, as instituições religiosas. (OROZCO, 2009, p. 138).

As religiões pautadas no patriarcalismo tendem a legitimar culpa sobre o feminino. Mesmo que este corpo “mulher” busque na religião a diminuição de seu sofrimento, que para muitas, faz parte do ser mulher. Assim, também para si toda a culpa da introdução do pecado no mundo. Ouvi das mulheres que entrevistei o seguinte pensamento: “Se Cristo sofreu, quem sou eu para não passar um pouco de sofrimento nesta terra”.

Outra parte importante é que a imposição da representação naturalizada do feminino determina que as atividades domésticas e o cuidado materno sejam inerentes às mulheres. Assim, os afazeres domésticos passam a ser exclusivos da representação feminina, proliferando nos discursos machistas que mulheres devem ser caprichosas com a casa. Devam também, desenvolver alguma atividade artesanal, ser caseira, não usar roupas curtas e decotadas, entre outros mitos.

A violência de gênero tem um lugar nas inter-relações afetivas. O mito de que, para que a mulher seja feliz por completo deva se casar para ficar segura perante uma sociedade que a cobra e impõe seus valores pré-determinados.

Segundo Vilhena (2017), o que precisa ser entendido é que gênero e religião são fatores socialmente interligados. A não junção das temáticas distancia na compreensão de dois temas tão delicados e complexos. Assim, como na conjuntura atual a bancada evangélica nos parlamentos nas três esferas de poder, nega-se a debater temáticas densas como: homossexualidade e religião, feminismo e religião, movimentos sociais e religião, estado laico e religião, dentre outros temas.



### 3.2 As Várias Violências Domésticas.

Um conhecido disse que havia muita raiva no texto, que eu não deveria ter me expressado com tanta raiva. Mas eu não via razão para me desculpar. É claro que eu estava com raiva. A questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça. Estou com raiva. Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. Além da raiva, também tenho esperança, porque acredito profundamente na capacidade de os seres humanos evoluírem. (Chimamanda Ngozi, 2015)

Violência doméstica contra a mulher, segundo Pequeno (2007), é um fenômeno que possui diferentes causas. Reconhecer os males que decorrem da violência doméstica é entendermos a abrangência de múltiplos aspectos que causam, na vida psicológica, moral, física e sexual das mulheres e que são afetadas por quaisquer modalidades destas violências.

Refletindo com os apontamentos de Pequeno (2007) podemos também dizer que, mesmo que a mulher não se perceba afetada por nenhuma das modalidades de violência doméstica, entende-se que estas atingem brancos e negros. Assim, como meninos e meninas, não são palpáveis, na maioria das vezes, segundo Saffioti (1997). Perceber um fenômeno que age quase sempre na subjetividade e nos símbolos sociais se torna, em grande parte, imperceptível.

Segundo Bandeira e Thurler (2009), o sistema de autoridade e dominação, que é a presença do patriarcado e as estruturas das relações sociais vão sustentando a competitividade entre homens e mulheres. A representação social de mulheres vítimas de violência na atualidade está se delineando primordialmente para a violência física que é o extremo, e conseqüentemente, o feminicídio.

O intuito desta pesquisa é investigar a violência contra as mulheres evangélicas que acarretam o sofrimento, submissão e silenciamento das mesmas. O fenômeno e suas modalidades precisam ser compreendidos como um mal social. (ALMEIDA, 2017). A violência está presente na nossa sociedade há muito tempo, e para identificarmos essa violência, não é uma tarefa fácil. Neste trabalho abordaremos algumas práticas de violência que nos cercam. A sociedade de um modo geral considera normal e natural convivermos com as múltiplas modalidades de violências e, repito identificá-las não é um exercício fácil. A bíblia, livro lido e seguido pelos evangélicos relata guerras, mortes, fome, um grupo dominando o outro e a prática de violência explícita. Segundo o dicionário Aurélio a palavra violência significa “Estado daquilo que é violento, ato violento, ato de violentar, veemência,

irascibilidade, Abuso da força, tirania, opressão, constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer e coação.”

Antes de tudo, a violência é uma questão de violação dos direitos humanos. A vida de mulheres no espaço privado sofre intromissões e violações, antes, durante e depois de leis sancionadas que protegem, ou deveriam proteger suas vidas, proporcionando bem estar. Isso significa que nenhum documento legal que garanta a vida, integridade e bem viver das mulheres, garante o fim dessa violência mal dita, termo usado por Almeida (2007). A lei nº 11.340 de sete de agosto de dois mil e dezesseis (Lei Maria da Penha), criada e sancionada para coibir a violência contra as mulheres no território nacional, é ainda pouco discutida em algumas instituições conservadoras, como por exemplo, algumas igrejas.

Saffioti (2015), ao falar de violência usa o termo *atroz* com o intuito de mostrar que é algo bárbaro, bruto, truculento e cruel. Parece que a temática está esgotada, mas ao analisarmos as falas de nossas interlocutoras percebemos que precisamos falar, pesquisar e denunciar esse tema que assola as mulheres e, bem como, as mulheres evangélicas.

Em uma mesma família podem ocorrer diferentes tipos de violência contra a mulher, a criança, o adolescente, o idoso, etc. O homem pode se estressar no trabalho e ficar irritado, descontando em sua mulher e nos filhos e, conseqüentemente, a mulher pode descontar em seu filho e esta criança pode, em muitos casos, praticar atos violentos na escola, na igreja ou em suas relações no geral, gerando, da mesma maneira, a pedagogia da violência Saffioti (2015).

Não somente nas relações em grupo familiar quanto em outras organizações sociais a mulher é o ser que pode ser mais suscetível e sofrer com a violência do que um homem. A violência pode ser considerada como toda e qualquer forma de conduta de violação à integridade humana e que cause danos irreversíveis ao bem viver psicológico, físico e sexual das mulheres. O controle sobre a mulher é entendido como um comportamento de dominação do masculino sobre o feminino. A manutenção e cultivo que ainda incentiva a violência perpetrada sobre as mulheres eram aceitos pela sociedade e que, recentemente, algumas instituições passaram a classificar como violência doméstica. Fatos como o impedimento que uma mulher exerça atividades fora de sua casa, impor o tipo de roupas que deve usar, determinar que todas as mulheres tenham um relacionamento conjugal heterossexual, humilhando-as por quaisquer motivos, etc.

Segundo a Constituição brasileira, artigo 5º, parágrafo IX:

Todos são iguais perante a lei (...) direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, à propriedade, nos termos seguintes: É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. (BRASIL, 1988)

Mesmo tendo uma lei Federal que protege o direito à vida de todas foi necessária outra Lei que garantisse um amparo integral às mulheres. A Lei 11.340/06 surge para reafirmar os direitos às mulheres garantindo-lhes direito à vida e à igualdade permitindo a visibilidade e o debate nacional e internacional sobre o combate à violência doméstica. Versando assim, sobre os direitos políticos básicos que são: trabalhistas, familiares, econômicos, reprodutivos e de saúde. A socióloga Saffioti (1997), diz que a violência doméstica apresenta características específicas, como a rotinização. Mesmo que o companheiro se desculpe depois de cometer atos violentos o mesmo irá repetir tal prática com o passar do tempo, podendo virar uma rotina.

A violência doméstica e familiar compreende-se segundo o Art.7ª da Lei 11.340/06 em:

I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja e presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivo;

IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V – a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2006).

O estereótipo do homem agressivo criado e divulgado pela sociedade segundo Miller (1999) é aquele com aparência rude, grosseira, de classe social inferior e valentão em suas atitudes. Sabemos que não há um perfil único, basta ter recebido ensinamentos do patriarcado, portanto, qualquer homem está acima de qualquer suspeita de ser um agressor doméstico. Não podemos isentar, por exemplo, o homem evangélico, o romântico, o bem criado e o

trabalhador, entre outros. Como as agressões físicas provocam lesões corporais, logo, a preocupação exclusiva com a integridade física das mulheres.

Devemos dar atenção à *violência psicológica ou emocional*, o prejuízo à vida da mulher que pode ser desastroso porque o agressor controla suas ações, decisões e crenças com intimidação, rejeição, manipulação e agressão verbal. Parece demonstração de amor excessivo o esposo/companheiro conjugal impedir a mulher de trabalhar, encontrar com os amigos, sair de casa e, em muitos casos, pegar o celular da mulher para saber com quem ela está falando e, posteriormente, apagando os contatos. A *violência patrimonial* resulta em o companheiro reter os objetos da mulher após o rompimento do relacionamento como: os documentos pessoais, suas roupas, dinheiro, bens, sejam quais foram. Proibi-la de sair de casa. A *violência sexual* compreende que, mesmo que o homem seja seu namorado ou esposo, ele não tem direito de forçar o ato sexual sem o consentimento da mulher. O casamento não autoriza atos sexuais forçados.

A *violência física* que é causada por ferimentos e lesões corporais advindos de tapas, chutes, empurrões, perfurações, tiros entre outros. A *violência moral* consiste em todo ato calunioso ou difamação.

Para Dias (2006), há vários motivos pelos quais a primeira agressão sofrida geralmente não é denunciada. Ao falar da mulher evangélica percebemos que não é fácil romper com a exposição perante a igreja e a sociedade. Ir a uma delegacia denunciar o homem que é visto como o “escolhido de Deus” para sua vida. As vezes há uma intervenção religiosa com regras e normas que, de certa forma, passam por cima das leis sociais. Ou seja, camuflam, de fato, as ações de seus integrantes, os distanciando do mundo real. A dualidade que o sujeito carrega em idealizar um mundo perfeito com pessoas “santas” e a realidade em estar num mundo com pessoas que pesam e praticam todas as ações presentes na sociedade em geral.

As relações abusivas são praticadas contra mulheres de diferentes níveis de instrução. Por isso ativamente se estimula que as mulheres que passaram, ou que, porventura, estão vivenciando abusos em seus relacionamentos tornem isto público.

### **3.3 - Mulheres evangélicas e a violência doméstica.**

Segundo Souza e Oshiro (2018), dependendo do nível de envolvimento das mulheres evangélicas com a igreja, esta pode desempenhar papel fundamental para a permanência ou ruptura de suas “fies” com casamentos violentos. Mesmo que os aconselhamentos dos líderes

religiosos sejam de espera e de oração para que o quadro seja revertido pela intervenção divina. O rompimento conjugal não é fácil para qualquer mulher, mas em se tratando do matrimônio evangélico, existem ainda, as interferências bíblicas que, de certa forma, são as bússolas que orientam os sujeitos que pertencem a este seguimento religioso. Podendo assim, em muitos casos, neutralizar a decisão de quebra do ciclo de violência entre mulheres de matriz evangélica.

Reflitamos que tal atitude de ruptura de relacionamentos violentos carece de uma rede de apoio. Neste caso, os conselhos e pensamentos dos líderes religiosos contam como fator de decisão para as fieis, gerando a obediência ao líder espiritual, mesmo que seus corpos e mentes estejam feridos e mutilados pela violência doméstica, como aponta Gebara (2000).

(...) as mulheres, como todos os seres na ordem patriarcal, devem obedecer a um padrão social preestabelecido, no qual as pessoas entram na dinâmica da cultura da obediência quase sem perceber que obedecem, sem ter outra opção, participando assim, de uma igualdade idealizada, jamais efetivada na vida real nem nas relações cotidianas, mas que “Deus” confirma esta ordem vigente. (GEBARA, 2000, p. 121)

Há ainda frases ditas por mulheres de diferentes igrejas evangélicas, como: “Ruim com ele, pior sem ele”, “homem é tudo igual, só muda o endereço”, “Pelo menos casei e tenho um marido”, etc. Para Krob (2014), as igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura da mudez e da omissão. Para a autora, o silêncio da instituição é uma forma de violência, assim como o ato de recusa ao denunciar, conscientizar e falar sobre o problema social no púlpito da igreja.

Quando uma criança vem ao mundo, por exemplo, em muitos casos os pais tem o conhecimento do sexo do bebê. Ao nascer, ainda na sala de parto, a mãe é informada se seu bebê é um menino ou uma menina. Esta criança se constrói a partir do que já está determinado para o seu sexo, ou seja, os ensinamentos são diferenciados para os meninos e para as meninas. Tais construções têm a parcela da sociedade e da igreja, segundo Krob.

As igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores. (KROB, 2014).

Na visão de Krob (2014), a igreja passa a ser refúgio, local onde mulheres que sofrem violências buscam auxílio e acolhida. Um dos lugares menos questionados é o templo

evangélico, visto que, neste local, a vítima está buscando a Deus em oração. Ali onde a família e o agressor podem considerar livres de males sociais que assolam as vidas de mulheres. Importante destacarmos que o espaço físico da igreja considerado protegido, segundo Krob (2014) é o mesmo local onde estão inseridos pastores, obreiros e homens que muitas vezes agridem mulheres e crianças. Santidade e proteção às suas mulheres ficam apenas em belos discursos, em muitas oportunidades.

Segundo Krob (2014), a mulher que busca auxílio na religião sente seu sofrimento diminuído e neutralizado. Mesmo com o alívio imediato proporcionado pelo espaço espiritualizado, o ser mulher tende a autoculpar-se não as vendo como vítimas. Ainda dialogando com o pensamento da autora, em muitos casos, a igreja, por intermédio de seus líderes religiosos, tornam-se cúmplices da reprodução e da manutenção da violência contra a mulher quando instaura a cultura do silêncio no seio da comunidade religiosa.

Imaginemos certos assuntos expostos nos gabinetes pastorais sendo de forma secreta abordada entre membro e pastor por anos aguardando solução divina através de oração e campanhas espirituais, mas há negligência pela parte da pessoa que está passando por danos físicos e psíquicos, neste caso, a mulher. Em se tratando da familiaridade da temática da violência doméstica, segundo o Instituto de Pesquisa Data Senado que publicou em 2019 uma pesquisa de opinião em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência, o conhecimento da Lei Maria da Penha é de 19% das entrevistadas, o que demonstra preocupação na difusão de uma Lei que tipifica violência doméstica como um crime. A referida pesquisa não fez o recorte religioso das entrevistadas, mas podemos suspeitar que grande parte das participantes são evangélicas a partir do pressuposto de que a religião de matriz evangélica vem crescendo no Brasil, a cada década.

Segundo Nascimento (2016), o número de violência contra a mulher evangélica no país está se elevando. O ciúme, desemprego, ingestão excessiva de bebida alcoólica dentre outros, estão fazendo parte das vidas de homens e mulheres evangélicos, notemos que as mazelas sociais são passíveis a todos os seres em sociedade. Sendo assim, pesquisas mostram que as mulheres evangélicas não estão fora do contexto cruel da violência doméstica. (NASCIMENTO, 2016).

A ação do marido, neste sentido, não está evidente, mas, o ataque do mal é perceptível quando os fatores sociais são espiritualizados demasiadamente, conforme afirma Vilhena (2011).

A violência do agressor é combatida pelo “poder” da oração. As “fraquezas” de seus maridos são entendidas como “investidas do demônio”, então a denúncia de seus companheiros agressores as leva a sentir culpa, por seu modo de entender, estarem traindo seu pastor, sua igreja, seu próprio Deus. Logo, o que era um dever, o da denúncia para fazer uso de seu direito de não sofrer violência, passa a ser entendido como fraqueza ou falta de fé na provisão e promessa divina de conversão-transformação de seu cônjuge. (VILHENA, 2011, p.117)

Mulheres valentes que lutam contra as hostes espirituais que atingem suas vidas e famílias buscam incessantemente para que a providência de Deus mude o quadro de suas vidas, atribuindo toda e qualquer investida do inimigo em suas vidas.

## **4 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS MULHERES EVANGÉLICAS: Denúncias e falar emergentes.**

As crentes falam e a pesquisadora escuta, eis que surgem meses depois a denúncia.

Com a junção da fala e da escuta, neste verso ecoará a denúncia.

Evangélico, crente ou cristão não importa a nomeclatura. Se você é irmã de fé não foge dessa leitura.

A denúncia das crentes está bem aparente, se sofres agressões, não seja conivente.

OLIVEIRA, Fabrícia, 2019. “Denúncia”.

### **4.1- Mulheres evangélicas**

Para Hunt (2009) combinar religião e violência é um fenômeno relativamente novo na história. A violência está no bojo do cristianismo onde há dominação e exploração que de acordo com Hooks (2019) compreende o poder da voz como um gesto de rebelião e resistência que incita o oprimido a falar. Não sendo diferente no processo de construção deste material que primeiramente distinguiu a diferença entre ouvir e escutar. O ato de ouvir remete-se a um dos cinco sentidos do corpo humano onde o ouvido capta simplesmente. E a escuta corresponde atenção, sensibilidade no ouvir. E foi o processo minucioso da escuta onde os silêncios e suspiros profundos foram interpretados de forma respeitosa e afetiva.

A partir da observação do depoimento de cada entrevistada a pesquisa propôs analisar as condições de sofrimento, submissão e silenciamento das mulheres evangélicas que vivenciam ou vivenciaram violências contra seus corpos e mentes.

Neste momento nos referirmos às colaboradoras da presente pesquisa, sem revelar seus nomes reais. Iniciaremos a partir deste momento a apresentação de acordo com nomes de mulheres que possuem suas histórias contidas na bíblia.



Tabela 1: Apresentação das participantes.

<b>NOME</b>	<b>COR</b>	<b>IDADE</b>	<b>TEMPO DE CASADA</b>	<b>N. DE FILHOS</b>	<b>ESCOLARIDA DE</b>
ANA	MORENA	34	14 anos	3	Ens. Médio
ESTER	BRANCA	68	34 anos	2	Fund. Incompleto
MARIA	NEGRA	66	40 anos	4	Ens. Médio
MARTA	NEGRA	37	12 anos	3	Superior Completo
NOEMI	BRANCA	50	27 anos	11	Fund. Incompleto
RAQUEL	NEGRA	32	8 anos	1	Sup. Cursando
RUTE	NEGRA	46	10 anos	2	Sup. Cursando

Fonte: Entrevista

Ana - Idade 34 anos, casada há 14 anos e mãe de três filhos. Sua formação educacional possui ensino médio completo e membro da igreja Nova Vida.

Ester – Idade 68 anos, casada há 34 anos e mãe de dois filhos. Possui o ensino fundamental incompleto, evangélica há mais 15 anos e membro da igreja Batista.

Maria – Idade 66 anos, casada há 40 anos e mãe de quatro filhos. Possui ensino médio completo, evangélica desde o seu nascimento e membro da igreja Batista.

Marta – Idade 37 anos, casada há 6 anos e mãe de três filhos. Possui ensino superior em pedagogia, evangélica há 20 anos e membro da igreja Assembleia de Deus.

Noemi – Idade 50 anos, divorciada há 10 anos e mãe de onze filhos. Foi alfabetizada, mas possui dificuldades na escrita, evangélica e membro da igreja Assembleia de Deus.

Raquel – Idade 32 anos, casada há 8 anos e mãe de um filho. Está cursando o ensino superior, evangélica e membro da igreja Batista.

Rute – Idade 46 anos, casada há 10 anos e mãe de dois filhos. Está cursando o ensino superior, evangélica atualmente distante do templo físico da igreja.

A idade das colaboradoras na entrevista é superior a trinta anos. Todas se casaram acima dos vinte anos. O tempo de relacionamento conjugal varia de oito a quarenta anos de convivência com seus parceiros. Não tivemos dificuldades em obter informações relacionadas a idade, visto que as participantes não demonstraram o tabu imposto pela sociedade de que a mulher deva esconder sua idade.

No tocante a identificação racial percebemos certa dúvida relacionada a autoidentificação, esta questão as deixaram em constantes dúvidas. Algumas estavam com receio de errar. Eu, como pesquisadora, informei que não se tratava de respostas certas ou erradas. E sim em nos dizer como elas se viam ou se identificavam com relação ao pertencimento étnico. Em entrevista, foi explicado que seriam suas percepções individualizadas, não houve interferência da pesquisadora em relação as respostas dadas.

Caminhando na história e no tempo, a classificação racial está presente no sistema censitário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, tendo por finalidade a obtenção individualizada dos sujeitos referentes como os mesmos se veem. Para Rocha e Rosemberg (2007), o termo cor da pele é utilizado como expressão racial presente no Brasil desde o período colonial até os dias atuais. Utilizando os pensamentos de Osório (2003), o método de identificação racial estabelece a decisão de indivíduos referente a sua classificação. A pertença racial está diretamente relacionada aos fatores externos, como os grupos negros e indígenas foram e ainda são tratados neste país, fator que reforça para que negras e negros não se identifiquem pertencentes etnicamente.

Com relação a população negra que ainda não se reconhece, a identidade é formada a partir do processo construído social e historicamente, visto que, ocorreu a perda identitária com o advento da diáspora<sup>6</sup>. Um exemplo bíblico relacionado a epiderme foi a maldição de Noé. Após o dilúvio, Noé fica embriagado e nu. Um dos seus filhos presencia a ebriedade e nudez do pai, chama seus irmãos para avistar a cena. O pai tomado de vergonha e raiva amaldiçoa seus três filhos. Jafé, pai dos europeus, persas e indianos (Indo-europeus); Sem, pai dos semitas (Judeus e Árabes) e Cam, pai dos africanos (negros), a pintura chamada “Redenção de Cam”<sup>7</sup> o filho amaldiçoado.

A representação racial das sete entrevistadas ficou assim: duas mulheres se identificaram enquanto brancas, quatro mulheres se identificaram negras e uma morena.

De acordo com Silva (2011), no Brasil, há mais evangélicos negros do que praticantes das religiões afro-brasileiras. Tal afirmativa, requer que tenhamos seriedade e prudência na condução do estudo, pois, a cultura de pessoas negras está em debate.

Conforme Machado (2005), a expansão das igrejas evangélicas, sobretudo a neopentecostal é uma tendência das camadas populares. O público alvo destacado pelo autor

---

<sup>6</sup> Diáspora.

<sup>7</sup> Texto “A Invenção da Raça e o Poder Discricionário dos Estereótipos” Giralda Seyferth  
[http://dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1993/anuario93\\_giraldaseyferth.pdf](http://dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1993/anuario93_giraldaseyferth.pdf)

citado acima, são identificados predominantemente por negros e indígenas frequentadores de igrejas evangélicas. A mesma camada que contribui para que a manutenção dos templos seja uma constância. Mesmo que este membro seja assalariado e passe dificuldades financeiras para o seu sustento e de sua família. O compromisso com a “obra do Senhor”, frase dita e reproduzida pelos líderes evangélicos e membros, refere-se à continuidade dos afazeres financeiros e braçais destinado aos fiéis.

. Para Perrot (2006), enxergar a mulher apenas como um objeto de trabalho ou de sexualidade é algo que reduz a figura feminina à condição de serviçal. Os trabalhos executados com amor e dedicação pelas mulheres evangélicas na igreja, em muitos casos não são reconhecidos e lembrados. São as irmãs da cozinha, do berçário, da limpeza, das tias da Escola Bíblica Dominical EBD entre outros. Na maioria das vezes não são vistas em outra função pela própria igreja. Executar tão bem determinada função que os frequentadores não conseguem imaginar aquela pessoa em outro cargo. Neste sentido, reduz a condição da mulher em um objeto e não sujeito que tenha suas escolhas e opte por mudanças.

A partir da perspectiva de trabalhar confrontando a diferença e expandindo na esfera evangélica a consciência de gênero, raça e classe foram possível graças aos estudos de intelectuais negras como Lélia Gonzalez, Patrícia Collins, Bell Hooks e muitas outras. Destacaremos aqui de Hooks (2019). Segundo ela, há os interligados de dominação. Enfrentarmos a autoridade patriarcal é entender que o sistema estrutural atinge mulheres negras das camadas populares, ou seja, o pilar da sociedade. Segundo Hooks (2019), se não transformamos nossa consciência, não podemos mudar nossas ações ou demandar que os outros mudem. Por isso, o enfrentamento das feministas se tornou uma ameaça para instituições que sempre exerceram poder, afirma Hooks.

Quando mulheres e homens compreendem que o trabalho de acabar com a dominação patriarcal é uma luta enraizada no desejo de fazer um mundo onde todas as pessoas possam viver de forma completa e livre, então sabemos que o nosso trabalho é um gesto de amor. (HOOKS, 2019).

Interceccionalizar gênero, raça e classe são expor situações máximas de exclusão da população feminina negra em diferentes instituições. Mulheres que estão à margem da miséria, analfabetismo e situações de aniquilamento psíquico, físico, político e social que podemos nomear como: violências. Segundo Castro (1999), a mulher negra tem sido ao longo de nossa história, a maior vítima da profunda desigualdade racial vigente em nossa sociedade. Não diferente entre aquelas evangélicas que sofrem com todas as formas de violências, pois

estamos analisando vidas das mulheres que em sua maioria negras. De acordo com Hooks (2019), sistemas interligados de dominação, modos que reforçam e perpetuam a estrutura que subalternam mulheres e principalmente as negras.

As mulheres negras tem sido, ao longo de nossa história, a maior vítima da profunda desigualdade racial vigente em nossa sociedade. O resultado é o sentimento de inferioridade, de incapacidade intelectual e a quase servidão vivenciada por elas. (BENTO, 1994).

Há duas representações que demarcam a exclusão e inferiorizam: são o demarcador racial e do fato de ser mulher.

#### **4.2 - As Mulheres Entrevistadas e seus Pertencimentos Religiosos.**

Tende-se confundir ou até mesmo englobar as terminologias das denominações religiosas pós-protestantismo. Faremos um breve histórico da pertença religiosa ancorado nas pesquisas de Mariano<sup>8</sup> (2004) e Reina<sup>9</sup> (2017), para posteriormente entendermos quais igrejas foram representadas através das mulheres evangélicas entrevistadas. Abordar a temática protestante possibilita-nos a inclusão dos negros na pesquisa que poderá ser estudada a partir da premissa de que a população negra e indígena foi e ainda são público alvo dos missionários e pastores que tem como discurso o “ide de Cristo”, no livro de Marcos capítulo 16, versículo 15, Jesus deixa uma missão para seus discípulos “*Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura.*” E desde então os seguidores da referida doutrina se veem responsáveis pela propagação e difusão de suas verdades.

Católico (cristianismo): As principais doutrinas do catolicismo, difundida como meio de dominação e amedrontamento foram purgatórios com diferentes estágios com tempo indeterminado onde se acredita em vida após a morte

---

<sup>8</sup> Ricardo Mariano é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Sociologia da USP, pesquisador do CNPq, vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP e, desde 2014, editor da Plural: Informações extraídas no site Escavador <https://www.escavador.com/sobre/7344418/ricardo-mariano>

<sup>9</sup> Formada em Ciências Humanas pela Sciences Po Paris, mestra em Sociologia Política Comparada pela mesma instituição, e doutoranda pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). (Informações da autora em seu artigo: Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica). Disponível em: [file:///C:/Users/PC%201/Downloads/143005-Texto%20do%20artigo-282408-1-10-20180202%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/PC%201/Downloads/143005-Texto%20do%20artigo-282408-1-10-20180202%20(2).pdf)

Seguidores da igreja católica que podem ser chamados de cristãos. Ou seja, seguidores de Cristo. Filho do Deus (pai), gerado pelo Espírito Santo que enviou a este mundo o Cristo, filho de Deus que viveu trinta e três anos encarnado entre nós para salvar a humanidade da sua condenação. No Novo Testamento, segunda parte da bíblia, que descreve a missão primordial de Jesus como ensinamentos e curas. Ressalto que o nascimento de Jesus Cristo foi durante o domínio do Império Romano que no latim significa aqueles que mandam. Nasce a igreja cristã descrita no livro de Atos capítulo 2 (Novo Testamento), que foi a Igreja primitiva na Palestina (Jerusalém). Mais adiante, no livro de Atos no capítulo 11 narra o surgimento do termo cristão, quando pela primeira vez os discípulos foram chamados cristãos. Expande-se até a antiguidade por toda a Europa, África e partes do Oriente.

Adentrando nas Américas, saltando na história a partir do século XVI, explorando e conquistando territórios e almas que foi um dos movimentos que colonizou/ evangelizou indígenas e negros trazidos de África enquanto na Europa ocorria o movimento chamado separatista que resultou na Reforma Protestante que estremeceu a estrutura poderosa da Igreja Romana. O catolicismo que difundiu no Brasil nas caravanas de Cabral segundo Oliveira (2006), foi o que tivera relação com a igreja de padroado, dos reis de Portugal.

A expansão marítima possibilitou a difusão do cristianismo católico os continentes americanos, africanos e asiáticos sua doutrina, focando no caso brasileiro, a união do catolicismo no período colonial foi o controle da vida social, nascimento, casamento e morte estavam sobre o domínio da igreja, e mais, a prática da confissão que era uma prática controladora da igreja. Neste sentido, a igreja católica fazia um controle da vida social de indígenas e negros.

#### **4.3 - Protestantismos de Lutero: Contextualização Histórica.**

O termo evangélico apesar de possuir uma compreensão abrangente, engloba todos os protestantes. Nesta pesquisa, o termo refere-se para designar, na maioria dos casos, os pertencentes às regiões pós-protestantismo. Até porque os fiéis das igrejas entendidas como neopentecostais se veem como evangélicos. A classificação do termo evangélico para Mariano (2004) é designada da seguinte forma:

Na América Latina, o termo evangélico abrange as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.). Grosso modo, o pentecostalismo

distingue-se do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres. (MARIANO, 2004)

Ainda segundo Mariano (2004), Igrejas Metodistas surgiram na Inglaterra durante o século XVIII propondo reformar a Igreja Anglicana. Estava baseada na crença da salvação pela fé em Cristo, dando origem a essa nova corrente protestante.

O termo pentecostalismo, segundo Mariano (2004), abarca as igrejas pioneiras, sendo elas a Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. Ambas marcadamente conhecidas pela ideologia anticatolicismo que rejeita os prazeres e objetos terrenos, a ideologia de tais igrejas era não ter apego ao que não fosse diretamente ligado à religião, podemos dizer que a vida se limitava a casa, trabalho e igreja, não era permitido lazer ou qualquer coisa que fosse considerado prazer terreno, passeio no shopping, peças teatrais, banho de praia, práticas de esporte ou qualquer atividade com pessoas ou grupos que não fossem da mesma pertença religiosa. Do mundo e onde se pratica o dom de línguas, esse dom refere-se ao fato registrado em Atos dos Apóstolos capítulo 2 versículos de .5 ao 13, onde os discípulos estavam reunidos e começaram a discursar sobre a vida de Jesus e todas as pessoas que estavam presentes entendiam na sua própria língua, muitas igrejas acreditam que ainda hoje é possível obter tal dom, denominações que seguem a ênfase da doutrina do início da religião. É conhecida por um evangelho que propaga a cura divina, acura em questão está relacionada à ação do Divino, sem a intervenção da medicina, atraindo adeptos em forma de multidões. Uma das igrejas pentecostais mais antigas do Brasil foi fundada no início do século XX, na capital de São Paulo, por um italiano, a Congregação Cristã. Notemos que três missionários europeus convertidos ao pentecostalismo americano decidem propagar o ide e evangelizar o Brasil. Segundo Mariano (2004), pós década de 1950, ainda na vertente do pentecostalismo, fundaram as igrejas Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor e Casa da Bênção.

O Neopentecostal refere-se à vertente do pentecostalismo, igrejas fundadas por pastores brasileiros após a década de 1970 onde cresceram e fortaleceram tendo como discurso teológico a guerra espiritual contra as hostes demoníacas, esses são os espíritos maus que, são os inimigos referenciados em Efésios capítulo 6, versículo 12 e seus adeptos na terra, e propagam em seus púlpitos o discurso distorcido, fazem referência aos que possuem pensamentos e credos religiosos diferentes; pregação da Teologia da Prosperidade, essa linha

de pensamento enfatiza que nenhum “servo ou filho de Deus” nasceu pra sofrer, não é admitido a pobreza, o desemprego, a doença ou qualquer coisa que afete negativamente a vida humana, esta filosofia enfatiza que se um membro ou adepto está desempregado ou enfermo é porque está em pecado e não está com sua vida correta perante seu Deus. Existe a afirmação descontextualizada de que Deus é dono do ouro e da prata, esta declaração se dá pelo fato de que o Deus Cristão se apresenta como criador de todos os bens naturais Salmo 24 verso 1 “*Ao Senhor pertence a terra e tudo que nela há, o mundo e o que nele habitam.*” e também do ouro e prata Ageu capítulo 2, versículo 8 “*Minha é prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos*”. Os servos/fiéis são filhos, logo, herdeiros da riqueza. Determina a vida próspera, saudável e feliz. As igrejas Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e Renascer em Cristo constituem uma das igrejas neopentecostais segundo os apontamentos de Mariano (2004). A seguir a tabela com as denominações de nossas participantes:

<b>Tabela 2: Denominações das entrevistadas.</b>
<b>ASSEMBLÉIA DE DEUS (3)</b>
<b>BATISTA (2)</b>
<b>MINISTÉRIO JEOVÁ (1)</b>
<b>NOVA VIDA (1)</b>

Fonte: Entrevista

Duas mulheres pertencem a igreja Batista que é reconhecida como uma igreja protestante tradicional. Este reconhecimento se dá por não acreditarem no batismo com o Espírito santo e sim, no batismo pelas águas, o batismo por imersão. E três mulheres ficando na categoria dos pentecostais, acreditam e fazem o batismo por imersão, não deixando de lado o batismo pelo Espírito Santo, onde marca definitivamente o evangélico que possui o dom de línguas, popularmente, línguas estranhas. Uma entrevistada pertencente a igreja Nova Vida que está na categoria dos neopentecostais, teologia da prosperidade, não aceitação de doenças ou nenhum mal acometidos para os humanos, uma vida mais espiritual do que humana. Uma entrevistada pertence ao Ministério Jeová que segue a mesma linha da igreja Nova vida.

Para Hooks (2019) expressar cada palavra é um privilégio com risco de morte. Não somente a morte física deva ser temida ao abordamos temas dolorosos como este, pensemos a

quantidade de vidas de mulheres que foram e estão sendo ceifadas física e psicologicamente pela violência de gênero em escala mundial. Violência de gênero está nas formas de relações abusivas onde o homem exerce poder físico á autoridade no trato com mulheres.

### **Nossas entrevistadas e as violências que sofrem**

Tabela 3: Situação socioeconômica das participantes

<b>NOME</b>	<b>RENDA MENSAL</b>
ANA	- 1 Salário Mínimo
NOEMI	500,00 Reais
RUTE	1 Salário Mínimo
ESTER	1 Salário Mínimo
MARIA	1 Salário Mínimo
MARTA	2 Salários Mínimos
RAQUEL	1 Salário Mínimo

Fonte: Entrevista

Duas mulheres da igreja Batista e uma da Assembléia de Deus tem uma renda mensal de um salário mínimo. Uma representante da igreja Nova Vida tem renda inferior a um salário mínimo e uma da igreja Assembléia de Deus recebe 500,00 por mês.

Ana recebe uma ajuda do Governo por ter seus filhos menores de idade e por seu marido estar desenvolvendo atividades de trabalho informal, não tendo vínculo empregatício registrado. Noemi mãe de 11 filhos sendo que, 7 são menores de idade, não tem garantido próprio sustento. Rute trabalha como auxiliar de serviços gerais em uma escola, sua renda mensal é de 1 salário mínimo para ela, seu esposo e seus dois filhos, Marta trabalha lecionando em uma escola do município do Rio de Janeiro, Raquel conta exclusivamente com a renda do esposo e Ester e Maria são aposentadas.

Segundo Faleiros (2009), a violência financeira implica relação de poder. Sendo assim, após uma suspeita de separação o marido retenha dinheiro, cartão de crédito e até mesmo o sustento alimentício da família a fim de manipular na decisão para que não haja ruptura do ciclo da violência. Deixando mulheres na total dependência financeira e afetiva dos agressores que em muitos casos são evangélicos. Notemos que a renda não está somada com a



de seus companheiros, as mulheres, por todas as dificuldades que enfrentam pensam em ter seu próprio recurso. As tabulações pessoais das mulheres foram apresentadas. Analisaremos a seguir os tópicos e desenvolvimentos dos resultados apresentados pelas colaboradoras classificando a modalidade de violência que as mesmas já vivenciaram e ou vivenciam.

Anteriormente foi realizada a apresentação das participantes, suas denominações, sua identificação racial e suas situações socioeconômicas, exposições importantes para que pudéssemos observar o perfil predominantemente das evangélicas de Nova Iguaçu. Importante mostrarmos quem são as mulheres que movimentam a economia, que sustentam suas famílias que muitas vezes economizando e driblando o sistema opressor que por vezes na visão delas é uma provação e que com muita oração e busca espiritual Deus entrará para mudar o rumo da história. Mas, que a partir desse momento apresentaremos de forma expositiva violências que, Ana, Ester, Maria, Marta, Noemi, Raquel e Rute compartilharam/denunciaram. Foram palavras, olhares, silêncios e gestos expressados que possibilitaram a construção, ora de forma parcial de suas falas emergentes e potentes. Objetivamos de forma respeitosa e sensível reproduzir ainda que muitas vezes com o misto de sentimento entre distanciarmos e aproximarmos das sujeitas expositoras. Tudo o que ouvimos das entrevistadas foi importante e válido, importante destacarmos esse ponto aqui.

Segundo o quadro abaixo, os tipos de violências experienciados e alguns ainda vividos no presente momento. A quantidade de mulheres que sofreram as modalidades está na tabela a seguir.

Tabela 4: Tipos de violências perpetrados contra as participantes.

TIPOS DE VIOLÊNCIA	QUANTAS JÁ SOFRERAM
FÍSICA	2
PSICOLÓGICA	7
PATRIMONIAL	6
SEXUAL	5
MORAL	5

Fonte: Entrevista

Segundo o Instituto Patrícia Galvão, a cada 2 minutos uma mulher registra agressão sob a Lei Maria da Penha. De acordo com informações das participantes apenas Rute foi a

Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher- DEAM registrar Boletim de Ocorrência (BO) contra seu ex-marido à época.

Quando eu me separei efetivamente eu cheguei a dar parte na DEAM mais por conta das ameaças aí eu fiz por uma questão de posicionamento. Não foi por conta de espancamento físico, foi por conta dos ferimentos internos que ele deixou em mim. Eu naquele momento identifiquei que já era uma violência e neste período de quase doze anos atrás eu já sabia o que era uma Delegacia da Mulher e que eu poderia tomar uma atitude. (Rute, 46 anos)

Segundo o Data Senado (2019), 68% das mulheres entrevistadas pouco conhece a Lei 11.340/06 conhecida com Maria da Penha. Em contrapartida 19% conhece muito e 11% desconhece a Lei. O fato de poucas conhecerem a Lei foi um fator para que somente Rute, após sofrer ameaça,s de seu ex-companheiro, renunciasse. Para Rute a violência resultou na agressão e sofrimento psíquico, doloroso e danoso as vidas das mulheres. Para Faleiros (2009), a violência psicológica é uma relação de poder e uso de autoridade. Com ameaças, desrespeito, amedrontamento, insultos e desqualificação que em geral fazem parte do processo da modalidade de violência. Inquietudes provocadas não são compreendidas e tampouco discutidas e tratadas, principalmente na esfera evangélica. Necessário falarmos e pesquisarmos as dores e amarguras a partir das experiências individualizadas das mulheres. O martírio psicológico causa o efeito acumulativo e com as mulheres entrevistadas não é diferente.

Meu marido não fazia parte da igreja, 17 anos no mundo. Eu intercedia a Deus todos os dias pela conversão dele. Depois de tantas orações ele aceitou Jesus, mas continua me tratando da mesma forma que antes, não me bate, mas, fala cada coisa para mim. (Maria de 66 anos)

De acordo com o estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2006, “Violência contra a mulher” compreende-se como todo ato de violência praticado por motivos de gênero, perpetrado contra as mulheres de qualquer classe social, raça e credo religioso. Almeida (2007) faz um apanhado histórico e situa em sua obra que o Ministério da Saúde foi o percussor em recebimento de mulheres violentadas, que no caso, se enquadra na categoria de violência intrafamiliar, uma modalidade de violência que se processa por dentro da família. Em 1981, há exatos 38 anos a OMS define violência como: a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis. Esta considerada epidemia quer seja pelo

quantitativo de vítimas ou pelo agravamento das sequelas produzidas e reproduzidas na vida física ou mental das mulheres.

A violência contra a mulher não está relacionada exclusivamente as marcas físicas, mesmo que ao nos deparamos com a temática pela primeira vez é comum fazermos tal associação. De acordo com Echeverria (2018), a violência psicológica é praticada nos entremeios do cotidiano. Onde ocorrem as ofensas, xingamentos, pontapés acarretando a culminância de situações de agravo psicológico. A descrição sobre a violência psicológica está no Artigo 7º, inciso II da Lei 11.340/06 Maria da Penha:

II- a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, A Violência Psicológica Contra a Mulher: Reconhecimento e Visibilidade chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006).

Após a referida Lei ser sancionada o cenário jurídico brasileiro passou a ter a definição da violência psicológica com tamanha completude entendendo que as proporções dos danos não estavam atreladas unicamente ao físico das mulheres. Notemos o pensamento de Marta relacionado as suas reservas emocionais pós agressões psicológicas:

Todas essas coisas de certa forma me trouxe um trauma no decorrer do tempo, então, eu não me sinto mais a mesma pessoa de antes. Acho que tem um lado bom que não deixa a gente cair de novo. E o lado ruim é que a gente fica com tantas reservas que até quando eu lido com pessoas de boa fé, boa mente eu acabo desacreditando. (Marta, 37 anos)

Na fala de Marta ficou perceptível suas reservas em relacionar-se com outras pessoas mesmo que no espaço evangélico, entre os irmãos de fé. As feridas emocionais não saram com curativos e procedimentos farmacêuticos, carecem de tratamentos que podem levar anos para que os mesmos possam minimizá-los. O ponto de reconhecer e identificar seu sofrimento segundo, Monteiro e Souza (2007), que há outras modalidades de violência sobre outros tipos, que fazem da imagem da mulher sentir-se sem valor e desprezada, ocorrendo assim o fenômeno de enlaces psíquicos. O mesmo ocorreu com todas as entrevistadas, a violência psicológica as assolam e ou já as assolaram. Vejamos também o que Raquel sentiu acerca dos danos psicológicos:

As marcas que tinham em mim não eram marcas de violência física, mas as marcas eram de sentimentos. Eu tinha baixa autoestima através do que eu vivia. Eu sofria muito por isso. Eu me sentia feia, magra de mais, me sentia toda estranha, tudo de ruim eu sentia porque ele falava pra mim que eu era feia, que iria me largar, que eu não prestava pra nada, que nunca eu iria ser feliz... Dizia que mesmo que ele viesse a morrer eu iria ficar sozinha, que ia acontecer tudo de ruim na minha vida. Tudo que ele falava entrava na minha mente e eu vivia tudo aquilo que ele falava. (Raquel, 32 anos)

Relatos que nos mostram consequências da saúde psíquica e mental envolvendo baixa autoestima, vergonha, desconfiança e vários transtornos ligados a construção de suas imagens enquanto mulheres, provocando a anulação de suas personalidades. Sequelas que podem ser irreparáveis se não forem tratadas. Assim como outras, a violência sexual também descrita na Lei 11.340/06, no inciso III descreve que:

III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja e presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. (BRASIL, 2006)

Este tipo de violência pode devastar em curto e em longo prazo as esferas físicas e mentais das vítimas. O cotidiano de dor em muitos casos não é compreendido, pois, são violências que não deixam ferimentos expostos. As deixam vulneráveis para os sintomas psiquiátricos em decorrência de um trauma que decorre em ações de silenciamento e sofrimento. Das sete participantes cinco relataram ter sofrido violência sexual. O constrangimento e a lesão ainda aberta fez com que poucas declarassem como foi o ato brutal contra elas. Para as evangélicas em questão, falar da violência sexual foi um ato de romper com o silêncio e os dogmas religiosos e expor suas dores e sentimentos. Identificar a violência sexual em um relacionamento considerado abençoado por Deus, e visto como embaixo da unção divina é separar o chamado mundo espiritual das relações sociais.

Quando a gente casa parece que tanto o homem quanto a mulher se tornam obrigados a fazerem sexo. Na verdade, tudo que ultrapassa o comum acordo mesmo dentro do casamento, no meu ver, é uma violência. Porque o homem muitas vezes quer forçar. O pai do meu filho pequeno... Eu estava de resguardo tinha acabado de ganhar criança, cheia de pontos... Ele forçou e conseguiu. Mais uma vez eu digo, no meu momento de vulnerabilidade. Será que se eu estivesse fora do resguardo pós-parto ele iria forçar? (Marta, 37 anos)

Para Silva (2009), o estupro cometido pelo marido, companheiro, ex-marido ou ex-companheiro pode ser mais traumático do que aquele realizado por um estranho. O sentimento da quebra de confiança provoca na vítima rejeição e culpa nas agredidas. No campo jurídico não há seguridade para que o marido tenha o direito de agredir sexualmente sua esposa, mesmo esta recusando naquele dia e hora. Foi notório identificarmos as vítimas exercendo autculpa em um ato de violação contra seus corpos.

Ele, meu ex-marido, só visitava a igreja quando ele chegava em casa alcoolizado ou drogado e com o efeito das drogas ele me agredia sexualmente... E no dia seguinte eu ficava triste, chorando e cabisbaixa pelos cantos aí ele dizia que iria mudar. Falava que não era pra eu o deixar aí ficava mais ou menos um mês frequentando a igreja comigo, virava crente comigo durante aquele tempo, mas depois voltava tudo de novo. (Raquel, 32 anos)

Raquel converteu-se e seu marido à época não era compromissado com a religião. O processo constante de violências fez com que a mesma intercedesse à Deus para sua mudança. E esta foi uma fase de busca espiritual e violência silenciada. As demais que sofreram com a violência sexual relataram sem detalhar os fatos, como as duas acima. Entendemos que romper não só com o silêncio na esfera das violências é um processo de denúncia para a sociedade no geral e para a instituição evangélica, pois as mesmas escondem estas mazelas que podemos perceber como trato do patriarcado.

De acordo com Saffioti 2(015), a sociedade considera normal e natural que homens maltratem suas mulheres, assim como que pais e mães maltratem seus filhos, ratificando, deste modo, a pedagogia da violência. Ressalto, que neste caso as múltiplas violências praticadas contra as mulheres, que geram marcas profundas de serem cicatrizadas que é o cenário das violências trabalhadas e denunciadas nesta pesquisa. *Na época, a igreja que eu congregava o pastor não sabia lidar com o assunto. E até hoje não sabem. (Raquel de 32 anos).*

Algumas instituições desconhecem a temática e em muitos casos optam em não abordar o assunto que deveria ser de conhecimento das lideranças religiosas. Segundo Welzer-Lang (1991), a violência pública é uma violência masculina, um fenômeno sexuado. De acordo com o DataSenado (2019), revelou que 41% dos agressores são companheiros atuais como maridos e namorados, afirmando que o algoz e vítima mantêm laços de relacionamentos. Mulheres que foram agredidas pelos ex-companheiros na pesquisa do DataSenado em parceria com o Observatório da Mulher Contra a Violência foram 37%.

Entre nossas entrevistadas, a violência praticada por filhos também foi relatada por Ester e Marta. As marcas foram expostas de tal maneira que suas falas acerca da violência perpetradas por seus filhos não deixam dúvidas sobre a pedagogia da violência, segundo Saffioti (2015).

Inclusive há pouco tempo atrás, deve ter uns dois meses eu discuti com o meu filho de 22 anos e ele quase me esfaqueou. Só não me esfaqueou porque eu o segurei, consegui o dominar. Se eu não conseguisse? Ele tem a minha altura. E ele é homem e jovem, tem bem mais força do que eu. Se eu não tivesse aquela rapidez de conseguir o segurar, ele teria me esfaqueado... Me matado. Se eu não morresse poderia ficar com alguma sequela. (Marta, 32 anos).

Ainda na opinião de Saffioti (2015), nas relações entre homens e mulheres a desigualdade é construída com frequência. O ciclo social da violência está enraizado. Portanto, ao destacarmos a temática da violência a tendência é associarmos ao “homem” que possui algum relacionamento amoroso/intimo com a mulher. Filhos, enteados, irmãos entre outros, ao praticarem atos violentos contra mulheres na esfera da família está no grupo dos agressores intrafamiliares. O que ocorreu, segundo o relato de Ester:

Já sofri violência do meu marido e do meu filho também. O meu filho eu quis matar, não fiz nem sei o porquê. Pedi a Deus pra tirar todo sentimento ruim de dentro de mim, hoje lido com eles sem dor. Eu sei que é o inimigo que usa a vida das pessoas pra ficar perturbando os outros, agora eu tenho consciência que não é minha família que tenta contra mim. O diabo é sujo! (Ester, 68 anos).

Fundamentalmente por esta razão, prefere-se trabalhar com o conceito de direitos humanos, entendendo-se por violência todo agenciamento capaz de violá-los, Saffioti (2015). As violações a qual as mulheres são acometidas geram um impacto devastador na vida sentimental/afetiva que gera desconfiança e medo em relação a todos. O pensamento dela em relação a sua vida sentimental faz a violentada crer que todos os homens cometeram as mesmas atrocidades contra ela, e por isso o posicionamento de se manter afastada de qualquer relacionamento sentimental. E dos filhos foi relatado por elas.

Eu temia quando ele chegava perto de mim, tinha medo de tudo... Da fala dele, do soco dele, eu tinha muito medo dele. Sofri tanto com este homem, que agora que estou separada dele não penso em arrumar ninguém. (Noemi de 50 anos)

Notório os traumas advindos das violências contra suas vidas. O intuito nesta parte do trabalho era de separar por partes as violências vivenciadas, mas, tamanho devasto relatado

em suas vidas as falas estão de forma livre tomando seu lugar, lembro mais uma vez falas emergentes e sofrimentos estão aparecendo. Os maus-trados que as entrevistadas relataram não está exclusivamente relacionado aos tapas e empurrões, mas sim tudo que relaciona a sua autoestima. Comum ouvirmos de elas defenderem e elogiar seus companheiros mesmo identificando todas as atrocidades praticadas por eles contra elas. Analisemos o relato de Marta que sofrera estrangulamento pelo ex-companheiro a mesma não o isenta de suas ações violentas, mas demonstra preocupação em ser uma mulher divorciada perante a comunidade evangélica.

Quando meu filho era pequeno, meu ex-marido apertava meu pescoço... Tentou me matar por estrangulamento não consegui porque Deus não deixou. Eu estava até grávida. Naquele momento eu não senti isso, mas quando passou uns 6 meses eu senti. Inclusive eu tive depressão, eu começava a me culpar... Casei errado e agora eu sou “solteira nunca mais” agora estava divorciada. A culpa foi minha que casei mal, a culpa foi minha porque eu não tive paciência, comecei a ter um turbilhão de ideias. As pessoas a minha volta me faziam pensar assim. A pressão que vinha de fora fazia com que eu pensasse assim. Quando eu ia para a igreja, inclusive eu participava de ministérios, mesa de oração, dirigia culto... As pessoas diziam assim: Eu não quero uma divorciada do meu lado. Sempre as pessoas mais velhas dizia isso... Não pode deixar uma pessoa divorciada para dirigir o culto de libertação, diziam que eu não prestava porque eu tinha deixado o meu marido. (Marta, 37 anos)

No processo de escuta foi possível analisarmos que as vítimas se olhavam como culpadas em todos os momentos de vivência e rompimento mesmo no ciclo de violência. A culpa se materializa de forma subliminar. Entre as evangélicas que entrevistamos foi comum ouvirmos o seguinte: Será que eu casei com a pessoa errada? Ele não foi o escolhido de Deus para mim? E outros questionamentos relacionados aos afazeres domésticos também as culpam como: *o jantar que eu fiz não o agradou, a hora em que eu cheguei, a casa que eu não arrumei*. A culpa trás sentimento de aprisionamento e passividade frente a um relacionamento abusivo como nos relata Ana.

*Passo várias humilhações, depois que me vi com três filhos escuto dele que sou feia, que tem mulheres bonitas na rua... já peguei ele de conversa no telefone com outra pessoa, sabe? (Ana de 34 anos).*

Qualquer que seja a forma assumida de agressão, a violência emocional está sempre presente, na visão de Saffioti (2015). A violência psicológica ou emocional sofrida pelas sete entrevistadas causou sofrimento psíquico relatado e identificado por elas.

Trazendo para o debate a violência física que foi relatada por Marta e Noemi. Primeiramente apresentaremos a descrição da modalidade segundo a Lei 11.340/06: I - a

violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal.

Em entrevista, Noemi entende como violência doméstica somente a agressão física e aquela provocada apenas pelo marido. *Foi fácil identificar a violência doméstica que eu vivia porque ele me batia (Noemi de 50 anos)*. No entendimento dela, todas as outras violências sofridas foram um gesto ou ato de nervosismo do marido à época.

Marta relata que a violência doméstica não é atribuída somente ao marido e que não configura somente em agressões físicas. A mesma que já sofreu muitas violências percebe que o processo de identificação foi fácil. *Já sofri quase todas as violências... a física, psicológica, sexual e moral. (Marta de 37 anos)*.

As marcas da violência física podem ser evidentes ou não quando o agressor usa força para machucar fisicamente a vítima. São inúmeras as formas de violências silenciadas e abençoadas entre as mulheres pertencentes as religiões de matriz evangélica, segundo Gebara (2010).

O agressor repousa... Pensa-se vitorioso, deixando a vítima no chão e possivelmente no seu ventre a semente da continuação da humanidade. Humanidade estuprada que guardará as sequelas de violência ao longo de sua história e ao logo de gerações sucessivas. Semente violenta em corpo violentado... raiva da humanidade depositada em corpo de mulher. (GEBARA, 2010)

Gebara retrata realidades atuais vivenciadas por mulheres brasileiras quando a mesma faz duas perguntas instigantes que são: *O que temos nós mulheres que atrai tanta violência? O que existe em nós que provoque a vontade de violar, de agredir e de eliminar?* (Gebara, 2010, p. 171-172) Os questionamentos de Gebara não serão respondidos aqui, mas certamente, nos possibilitará pensar e falar com vozes que ecoarão por liberdade. Segundo Hooks (2019), quando nos desafiamos a falar com uma voz libertadora, ameaçamos até aqueles que podem, a princípio, afirmar que querem ouvir nossas palavras.

Seguindo na observação das participantes, analisaremos quantas procuraram seus líderes religiosos, pastores, para relatarem casos de violências. Salientamos que as sete mulheres colaboradoras são pastoreadas por homens.

A igreja influencia negativamente muitas vezes na violência, acho que a igreja, Deus que me perdoe ajuda a perpetuar a violência. Na maioria das vezes os pastores são despreparados, não tem estudos suficientes para ser um líder, não possuem cursos adequados, por exemplo: Tem gente que nem o ensino médio tem, não estudou nada do assunto das áreas humanas e está ali a frente de um rebanho para querer orientar. (Marta, 37 anos)



Rute, Maria, Ester, Noemi e Raquel não compartilharam casos de violências com seus líderes. Motivos diversos levaram as cinco mulheres a não dividirem suas dores psíquicas e físicas com seus pastores.

Segundo Vilhena (2017), a maioria dos evangélicos não têm mulheres à frente dos trabalhos. Estar assumindo liderança como pastorear uma igreja evangélica é predominantemente para os homens. Confiar algo extremamente particular e íntimo para um homem, mesmo que este seja seu pastor, a barreira do gênero está colocada. Geralmente nesses casos, a esposa do pastor acompanha a conversa e interfere caso haja necessidade ou outra “irmã” fazer a condução do caso, segundo Vilhena:

Muitas mulheres da Assembleia de Deus e da Igreja quadrangular nem conhecem suas fundadoras ou cofundadoras. Não percebem que, no início da história dessas igrejas, os homens decidiram que as mulheres dali para frente ficariam fora. Posso dizer que a maioria dos evangélicos não têm mulheres à frente dos trabalhos. Elas são bem-vindas para serem mulheres de oração, de intercessão, para arrumar a igreja, para levar toalhinha, para cuidar da limpeza da igreja e para fazer visitas. Elas estão nos espaços de serviços, não de liderança da igreja. (VILHENA, 2017)

Para as participantes de nossa pesquisa, exercer liderança seria estar no Ministério Infantil, Grupo de Evangelismo, Professora da Escola Bíblica Dominical EBD etc. A evangélica Valéria Vilhena<sup>10</sup>(2017), em entrevista e também em suas pesquisas analisa e posteriormente aponta os lugares em que as mulheres evangélicas ainda ocupam nas instituições religiosas protestantes. Entre as mulheres que não compartilharam seus casos nos gabinetes pastorais a justificativa foram as seguintes: *Tenho que ser sábia, edificar a minha casa, o meu casamento, a minha família (Maria, 66 anos)*. Muitos líderes evangélicos/cristãos, se apegam de forma arbitrária ao texto de Provérbios capítulo 14 versículo 1 “*Toda mulher sábia edifica sua casa, mas a tola a destrói*”, para amedrontar e aprisionar mulheres, o texto não contraria decisões tomadas de forma a preservar a integridade física e emocional da mulher, tais líderes se omitem em encorajar as mulheres a romperem com relacionamentos abusivos e não tolerarem violências sejam de quais tipos forem. A missão de não serem insensatas e tolas sob cai como uma meta a ser cumprida, mesmo que custe sua vida emocional e física. O amparo no livro bíblico de Provérbios, de forma indevida, fundamenta justificativas da edificação e sensatez entre as mulheres evangélicas gerando em muitos casos

---

<sup>10</sup> Entrevista intitulada: “Quando a igreja não discute gênero, ela nega direitos humanos” Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/06/quando-a-igreja-nao-discute-genero-ela-nega-direitos-humanos-diz-evangelica-feminista.htm>

o silêncio em situações que necessitariam de compartilhamento como o que ocorreu com Raquel.

É um assunto que falo hoje sem dor nenhuma sabe! Eu sinto o arrependimento de não ter compartilhado com ninguém a situação que eu vivenciei por um tempo. Arrependimento de não ter falado com a minha mãe, poderia ter compartilhado com a minha mãe... Com outras pessoas. Como eu estava cega naquela época, eu achava que Deus iria mudar, que Deus iria tratar ou que alguma coisa iria acontecer. Quando nós estamos na presença de Deus, quando somos evangélicos a gente acredita que as coisas vão mudar e por isso eu não compartilhava com ninguém, sofria calada! (Raquel, 32 anos)

Hoje, Raquel está em seu segundo casamento, mas foi possível percebermos a partir do arrependimento de não ter compartilhado o sofrimento que sofrera. Para Krob (2016), a cultura do silêncio e da omissão em denunciar os atos de violência e seus autores está na estrutura das instituições sociais que são injustas. Ao longo dos tempos, perpetuam com a reprodução e manutenção dos mitos da violência. Os atos de ignorá-las e negar o lugar devido que as mesmas deveriam exercer são formas de silenciar a vítima.

Elas fazem mal desejando o saber e, como resposta a este mal, tenta-se restaurar a harmonia social em forma de castigo, de silêncio, de tortura e de morte. Mantém-se assim a hierarquia do mundo e da humanidade. Mantém-se os papéis sociais reconhecidos por um tipo de organização social. (GEBARA, 2000)

Muitas mulheres, algumas por desconhecimento e outras por não quererem romper com aprisionamentos impositivos à seus corpos e mentes, aceitam ir para a igreja. Aceitam como verdade absoluta o que um homem impõe e diz sobre suas vidas. Ana e Marta compartilharam com seus pastores os casos de violências perpetrados por seus maridos. *Decidi falar com o meu pastor porque eu não aguentava mais aquela situação. O pastor não fez nada! Disse que eu deveria ler Provérbios 14. (Ana, 34 anos).*

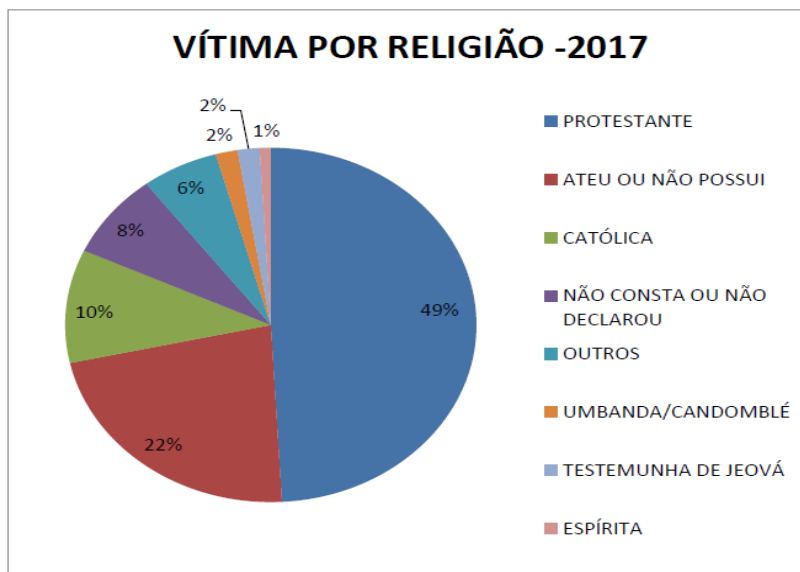
Atitudes ou posicionamentos em favor das mulheres que deveriam ser tomados por pastores ainda estão aquém. Quando o assunto está relacionado às mulheres que sofrem violências há uma tensão quando a palavra “gênero” é pronunciada nas igrejas, segundo apontam nossas entrevistadas. O desconhecimento ou aversão à palavra que atualmente não tem podido aparecer na comunidade evangélica. A figura do masculino, a mesma que o cristianismo liga a imagem/figura de Deus tem a construção do símbolo e da imagem que se destina aos pais, pastores, diáconos, presbíteros e obreiros todos os homens, tem um posicionamento perante Marta:

O pastor disse que eu tinha duas escolhas, primeira: perdoar, conversar e continuar tocando o casamento para ver se ele melhorava... E segunda opção: Se eu achasse que estava insuportável as atitudes violentas dele eu poderia me afastar dele com a separação. Toda a igreja foi contra esse pensamento, todos achavam que eu deveria ficar com ele até o fim. Isso fez eu continuar com ele mais um tempo, eu não deveria ter continuado porque foi pior. Eu deixava a minha filha com a minha mãe. Eu ia pra lá e ele começava a me proibir de sair, agia de forma mais violenta comigo. Ele ficou com raiva por eu ter levado para fora o assunto. Ele achava que eu deveria esconder aquilo. Um dia, eu tive que fugir de casa. Para sair daquela situação eu tive que fugir literalmente mesmo. Eu disse que iria comprar pão e não voltei mais até hoje. Depois disso ele foi atrás de mim? Foi. Mas eu já tinha saído. Tive que deixar móveis pra trás, documentos, roupas... Muitas coisas, tudo eu deixei. Eu iria ficar lá pagando pra ver? Esperando ele me matar? (Marta, 37 anos)

Segundo Souza e Oshiro (2018), dependendo do nível de envolvimento das mulheres evangélicas com a igreja, esta pode desempenhar papel fundamental para a permanência ou ruptura de casamentos violentos. O relato de Marta deixa nítido que uma ação imediata foi crucial para que o rompimento do ciclo da violência fosse neutralizado. Mesmo ouvindo toda a comunidade evangélica e o seu líder que pensava e aconselhou a vítima a ficar em um relacionamento violento, Marta desobedeceu aos aconselhamentos que poderiam levá-la a morte. De acordo com nossas entrevistadas foi comum ouvir de líderes religiosos que a mulher deva se sujeitar a maus tratos psicológicos, físicos e morais. No entanto, é necessário ter o discernimento de que o homem pastor exerce seu poder e autoridade sobre a vida das mulheres no contexto religioso. De acordo com Krob (2014), as instituições religiosas e seus representantes estão inseridos no sistema patriarcal e suas políticas, ideologias e atitudes contribuem para a perpetuação da manutenção do sistema. Comum, nos casos de aconselhamentos pastorais que a culpa recaia sobre a mulher, pois, a mesma busca auxílio, refúgio e acolhida em uma instituição que sempre tivera em sua governança o homem, cabeça do lar/da família. Sendo assim, instituições sociais como: Estado, escola, igreja e família, reforçam e reproduzem muitas vezes a desigualdade de gênero.

A Coordenadoria de Políticas para Mulheres de Nova Iguaçu – CPM divulgou dados estatísticos de 116 mulheres que foram atendidas no ano de 2017. Segundo gráfico abaixo 49% das vítimas que procuraram atendimento na Coordenadoria se declararam evangélicas protestante.

Gráfico 1: Religião das vítimas atendidas na Coordenadoria de Políticas para mulheres de Nova Iguaçu no ano de 2017.



Fonte: Coordenadoria de Políticas para Mulheres de Nova Iguaçu.

Uma das perguntas direcionadas as sete participantes foi se elas conhecem alguma mulher evangélica que sofra ou já tenha sofrido violência doméstica. E por unanimidade todas tem amiga evangélica que ainda sofrem com esta mazela. *Conheço muitas. Que não tiveram a coragem que eu tive de se libertarem (Marta, 37 anos)*. A rede de contato e de amizade que as evangélicas possuem é extensa, além de sua comunidade religiosa de pertença. Mulheres de diferentes denominações possuem laços estreitados. Uma orando pela outra é que as unem. Um dos fatores para que fosse possível a materialização da presente pesquisa.

*Conheço sim. Esta minha amiga sofreu e ainda sofre violência do marido e dos filhos. A vida dela é uma coisa terrível (Ester, 68 anos)*. A violência foi nomeada não só Ester. Todas reconheceram que maus tratos, ameaças, xingamentos humilhações são violências. As entrevistadas sem exceção têm conhecimento entre suas redes de contato (amigas, parentes e ou vizinhas) pelo menos uma mulher que esteja sofrendo violência doméstica.

## 5 - SUBMISSÃO, SOFRIMENTO E SILENCIAMENTO: O QUE SE ESPERA DA MULHER EVANGÉLICA?

### 5.1 - O poder da cabeça da família.

“Como é possível descolonizar nosso pensamento numa sociedade que ainda não nos vê como sujeito?” (Grada Kilomba, 2012)

A herança do patriarcado, manifestada pela dominação masculina, está presente em diferentes instituições como: política, Igreja, família e outras organizações sociais. Para exemplificar o patriarcado estruturado na nossa sociedade relatarei um fato que aconteceu no dia vinte e dois de setembro de dois mil e dezoito em um transporte público no trajeto Centro RJ x Nova Iguaçu. No interior do transporte dois homens conversavam e, de repente, a conversa se direcionou para a temática da política. Um homem com a voz bem firme disse: “Eu sou PT (Partido dos Trabalhadores), sou negro e jamais poderei votar em um candidato que não gosta de negros. O erro do PT foi colocar uma mulher para governar o país! Onde já se viu uma mulher governar alguma coisa que não seja a cozinha? O homem sempre foi à cabeça e nunca foi designado para ser calda. Colocaram uma mulher para ser a cabeça e o homem para ser calda, vejam no que deu.” E o mesmo finaliza afirmando a seguinte frase: “mulher não pode governar um país!”

Eu e todas as mulheres presentes naquele transporte suportamos tal violência proferida por aquele homem que achou normal externalizar tal agressão. A violência tão corriqueira nas relações sociais precisa de um olhar mais apurado e minucioso para perceber sua presença.

Identificar ações violentas entre gêneros presentes na sociedade é pôr em prática, no campo da Sociologia, o debate sobre o fenômeno da violência de gênero que atinge todo o planeta, sem distinção. Quando são noticiados atos de violência de gênero, ou melhor, o feminicídio, há revolta e indignação por grande parte da sociedade que tem enraizada em si o machismo estrutural. Mesmo havendo comoções e revoltas quando vidas de mulheres são ceifadas, esta mesma sociedade não admite que há a perpetuação do machismo estrutural. Bourdieu (2017) diz que a violência simbólica legitima as práticas de violência.

Segundo Bourdieu, a violência simbólica é suave, sutil e, em muitos casos, invisíveis. Muito difícil, ainda nos dias atuais, é identificarmos a violência simbólica presente na estrutura da nossa sociedade. Quando nos deparamos com demarcações sociais onde se define o que homem e mulher devem fazer, aí está a violência simbólica embutida na normalidade social. Violência simbólica e física são armas dos homens, Bourdieu (2017).

A dominação masculina, para Bourdieu (2017), está ligada à nossa estrutura de pensamento, aquela mais profunda onde há uma normativa pré-estabelecida que demarca os papéis sociais de homens e mulheres. Quando falamos em demarcações sociais, violência simbólica e dominação há por detrás dessas ações o androcentrismo, características patriarcais

como principal forma de definição do masculino e como parâmetro de medida e hierarquização entre os gêneros. A centralização de poder e a distribuição de exercícios de destaques na sociedade são direcionadas pela influência do androcentrismo na esfera pública e privadas.

Quando o homem foge dos padrões pré-estabelecidos da estrutura patriarcal há uma adaptação para este homem que, teoricamente, saiu dos padrões normativos. Uma mulher que exerce a profissão de cozinhar a mesma se reconhece e é vista como uma cozinheira. Quando um homem vai para o espaço demarcado e pré-estabelecido de uma mulher o reconhecimento é reconfigurado, ou seja, este homem que cozinha não é chamado de cozinheiro, e sim de chef. Notemos a resignificação do mesmo trabalho desempenhado por ambos.

Desde cedo a sociedade passa a tratar meninas e meninos de forma diferente, atribuindo valores e desafios diferentes para cada um, diferenciações sustentadas em razão do sexo, o que é feito de uma forma bastante naturalizada, a fim de criar na sociedade a cultura de que homens e mulheres, em razão de suas diferenças biológicas, possuem comportamentos e características sociais diferentes. Constrói-se, então, a ideia de que os meninos – e, conseqüentemente, os homens – são mais fortes, mais práticos, menos emocionais, menos cuidados, mais violentos e impulsivos (e tudo isso é retirado arbitrariamente das características femininas). (SANTOS; BUSSINGUER, 2017,0 p. 3)

Os conceitos de androcentrismo, violência simbólica e dominação masculina presentes na obra de Bourdieu abordam diferentes instituições como: igreja, escola, Estado, etc. Para tal, focarei a discussão na instituição igreja que é o foco primordial desta pesquisa. Falar que mulheres evangélicas são acometidas pelo mal da violência de gênero e não focar na estrutura enraizada do androcentrismo e da dominação masculina presentes no espaço religioso seria legitimar o que alguns líderes evangélicos afirmam, que na comunidade evangélica não há tal prática, somente com pessoas não-evangélicas.

Um dos dez mandamentos contidos na bíblia sagrada diz: “Não cobiçaras a mulher do teu próximo, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença”. Mulher, boi e jumento estão bíblicamente arrolados na categoria ‘coisas’. A proibição neste contexto é para os homens. Com todos os avanços e discussões travados ao longo do tempo não nos cabe seguir a risca documentos/livros antigos sem analisar o nosso atual momento e as políticas de proteção existentes.

Resultado de uma ideologia de dominação masculina que é produzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres. A autora define violência como uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com o fim de dominar, explorar e oprimir. A ação violenta trata o ser dominado como “objeto” e não como

“sujeito”, o qual é silenciado e se torna dependente e passivo. (CHAUÍ, 1985 apud SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 149)

O conceito de dominação masculina não está, exclusivamente, reproduzido pela figura do homem. Mulheres receberam e estão passíveis à dominação masculina, pois a prática dá sinais no mundo inteiro. Quebrar com este mal só será possível com educação.

Para Bourdieu, a instituição igreja é uma produtora e perpetuadora da dominação masculina junto com outras instituições como: família e o Estado. O cristianismo é um dos responsáveis pela produção e reprodução da hierarquia dos sexos, construindo socioculturalmente os papéis dos gêneros que conhecemos; o homem como liderança e a mulher como cuidadora.

Não diferente com as participantes, as mesmas aprendem a partir da bíblia, que a mulher precisa ser submissa ao seu marido. A dependência é uma condição imposta, legitimada e respaldada pela bíblia que faz com que mulheres evangélicas se sujeitem/subordinem ao poder que os homens têm sobre suas vidas. Legado este do patriarcado.

Castells (1999, p. 278) conclui: “(...) o patriarcalismo dá sinais no mundo inteiro de que ainda está vivo e passando bem (...)”. O patriarcalismo compreende o comportamento, procedimento, modo de vida e o prestígio social dos patriarcas, ou seja, o legado do patriarcado vivo na estrutura das relações sociais contemporâneas. A instituição religiosa cristã reforça a prática patriarcalista em relação ao trato interpessoal na esfera familiar, na divisão de tarefas (casa e igreja) e na reprodução biológica perpetuando que mulheres são sensíveis fisicamente em comparação ao homem. Para exemplificar formas de perpetuação do patriarcalismo reproduzidos pela igreja darei alguns exemplos. No mês de outubro comemora-se o dia das crianças, e, como forma de lembrança, normalmente, acontece festas comemorativas a elas (crianças). Os presentes para os meninos geralmente são: carrinhos ou bolas de futebol. Objetos que, simbolicamente, representam ações externas à casa, os símbolos representam muito na formação de meninos e meninas durante sua fase infantil. Para as meninas os presentes ganhados são panelinhas, bonecas, vassouras e todo tipo de utensílios que reforçam que meninas devem cuidar de algo ou alguém. O lugar determinado para as mulheres está ligado desde sua infância à símbolos que afirmam as práticas de meninos e meninas.

Saffiott (2015) afirma que o território humano não é meramente físico, mas também simbólico. Suportar os maus-tratos, para os homens, se torna aceitável na relação patriarcal

bíblica. Por este motivo, ainda é dificultoso identificar a violência simbólica. Os símbolos e signos que demarcam socialmente a violência de gênero estão invisíveis e são muito sutis.

Bourdieu afirma que a violência simbólica demarca os papéis sociais impondo o que é feminino e masculino, dialogando muito com Simone de Beauvoir e tornando de forma impositiva e subjetiva as diferenças entre homens e mulheres. A imposição patriarcal marca vida de mulheres. Ser formada para cuidar da casa, do marido, dos filhos desde a infância já é uma imposição. Imposição esta que surge de maneira subjetiva porque não percebemos, de forma concreta, tal imposição que determinam os papéis sociais, por isso não conseguimos identificar diretamente o patriarcalismo que vem surgindo disfarçado de naturalidade.

Em muitos casos, mulheres evangélicas não identificam nenhuma modalidade de violência ocorrida/vivenciada por elas, na família e tampouco na igreja. A violência de gênero está presente religião, sendo classificada como violência religiosa. Na esfera religiosa cristã/evangélica a representação imagética de Cristo na cruz simboliza que um homem sofreu física e moralmente, sendo exposto a diversas formas de sofrimento e que as dificuldades de hoje, assim como as diversas formas de violência enfrentadas por mulheres, não se compara ao sofrimento de Jesus.

Saffiott (2015) afirma que nem sempre a violência será palpável, ou seja, nem sempre a violência será vista a olho nu. A autora nos direciona para as outras modalidades de violência presentes na vida das mulheres e, sobretudo, a vida das mulheres evangélicas que são destaques desta pesquisa. A violência palpável seria a violência física perceptível e notória em mulheres violentadas fisicamente. A modalidade da violência psíquica enlouquece a vítima, e, em muitos casos camuflados, não são perceptíveis, assim como as marcas deixadas pós-agressões físicas.

A partir do estudo das feministas foi possível o ampliar da temática, o identificar e o noticiar das múltiplas modalidades da violência contra a mulher.

O texto bíblico do livro de Efésios cinco, versículo vinte e três diz o seguinte: “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. Diz que Jesus Cristo, na figura masculina é a cabeça da igreja.” Algumas lideranças ministeriais defendem que o cargo de liderança religioso deve ser designado para os homens e não para as mulheres, fazendo com que o sistema desigual se perpetue na esfera religiosa e as práticas de desigualdade entre gêneros no ambiente evangélico seja amplamente difundida.



O entendimento do homem que estava no transporte público, citado anteriormente, reafirma que o mesmo deve ser visto como a cabeça das instituições sociais e, principalmente, na igreja. Anular ou tentar coibir o papel e ações das mulheres na estrutura social é reconhecer que o patriarcado está vivo e passando bem, Castells (1999).

Salomão, um rei/sábio muito reconhecido na bíblia diz que: “Porque na muita sabedoria/ conhecimento há muito enfado, e quem aumenta a ciência aumenta a tristeza.” (Eclesiastes 1:18). Esta pesquisa tem me proporcionado um conhecimento sobre as condições que as mulheres evangélicas se encontram e ter essa dimensão da realidade nos aumenta a tristeza em saber que vidas estão sofrendo violência.

Um conhecido disse que havia muita raiva no texto, que eu não deveria ter me expressado com tanta raiva. Mas eu não via razão para me desculpar. É claro que eu estava com raiva. A questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça. Estou com raiva. Devemos ter raiva! Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. Além de raiva também tenho esperança, porque acredito profundamente na capacidade de os seres humanos evoluírem. (CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, 2015)

Durante muito tempo as mulheres foram silenciadas, resquícios de um patriarcado vivo e forte. Mesmo com dor, era nos exigido o silêncio! Quando criança é corriqueiro os pais não quererem ouvir o choro dos filhos, mandar que engulam o choro se torna tão natural, que, na fase adulta, nos escondemos/ recolhemos para chorar longe de todos.

Sabemos que as mulheres são as que mais sofrem com os danos advindos da violência doméstica, mas, filhos, familiares e o próprio agressor podem ter custosas punições e ou sanções. Lorde (1977) nos diz que: “Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar”.

O silêncio não nos impulsiona ao enfrentamento. Como Lorde, (1977) afirma, ele é tão pesado que as mulheres afoguem. Dialogando com o pensamento e prática cristã protestante nos deparamos com trechos bíblicos servindo de respaldo para justificar o fenômeno da violência contra mulheres evangélicas.

Recentemente um dos líderes religiosos mais influentes da denominação neopentecostal, o Bispo Edir Macedo, explanou no altar da igreja acerca da submissão da mulher, citando como exemplo uma de suas filhas. Jornais eletrônicos nacionais publicaram pensamentos, ações e postura de um homem/pastor que lidera na sua grande maioria mulheres em seu seguimento religioso. Afirmou que suas filhas só poderiam cursar a faculdade após o

casamento “você vai fazer o ensino médio, depois, se quiser a faculdade você quem sabe, mas, até o seu casamento será apenas uma pessoa de ensino médio”. Justificou seu posicionamento da seguinte forma: *se minha filha fosse uma doutora e tivesse o grau de conhecimento elevado e encontrasse um rapaz que tivesse grau de baixo conhecimento, ele não seria a cabeça, ela seria a cabeça.* (MACEDO, 2019).

Eu lembro só a título de exemplo, eu lembro que os nossos primeiros anos de casados, puxa, era uma maravilha! Eu trabalhava o dia inteiro e ficava pensando nela. Quando eu chegava em casa estava ela lá... eu não olhava para as unhas dela tampouco se estava maquiada. O que eu olhava era o todo, eu sabia que ela estava fazendo alguma coisa para mim. [...] me esperando com o que ela produzia no fogão, a comida que ela preparava. E ela fazia o meu jantar pensando em mim, e eu saía do trabalho pensando em comer a comida dela, entenderam onde eu quero chegar? Todo homem quer isso. Você pode ficar até três semanas sem sexo, mas, não ficamos sem o alimento um dia se quer. (MACEDO, 2016)

Um dos nomes mais conhecidos tanto para na igreja quanto na mídia afirma, contundentemente, o papel da mulher, mesmo que essa mulher seja sua filha ou esposa. O enraizamento patriarcal não escolhe que mulher irá atacar. O líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) justifica sua declaração da seguinte forma: caso minhas filhas estivessem cursando o ensino superior, elas seriam a “cabeça” do relacionamento delas.

Propício resgatarmos a pregação de um pastor que diz “faculdade antes do casamento é alerta para educação de meninas”, pois afirma ter ofertado para sua filha apenas o ensino médio, fundamentando o discurso no livro bíblico de Efésios cinco e versículo vinte e três que diz que o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja. Cristo, Bispo e homem estão colocados em um grau hierárquico superior à mulher. Submissão significa obedecer a ordens e imposições de um superior, neste caso, o homem. Optar pela decisão ou expressar-se de forma livre, por muito tempo, foi um direito não permitido as mulheres em escala global. Segundo o dicionário online de português<sup>11</sup>, o termo submissão é entendido e caracterizado como: servilismo, subordinação, dependência, etc.

Identificar que o líder espiritual apoia a submissão das mulheres em um espaço referenciado como o púlpito das igrejas e ser contrário a tal pensamento e prática, pois são formas de romper com a violência perpetrada no espaço religioso. Resgatando partes da entrevista do Bispo em questão podemos identificar outras pregações disponíveis em sites abertos, onde há explícita propagação da submissão ao ser mulher. Tema da mensagem que o mesmo proferiu intitulada: “Qual a qualidade o homem quer na mulher?”, material disponível

---

<sup>11</sup> Ver significado em: <https://www.dicio.com.br/submissao/>

no site da IURD. Sob o a justificativa bíblica, cada vez mais mulheres são alvos do subjugo da violência contra suas vidas e um deles é a imposição da submissão.

Uma das lições da Comunidade Cristã Bíblica Renascer <sup>12</sup>publicada em 2015, estudo sobre marido e mulher demonstra, explicitamente, o porquê a autoridade masculina foi designada para os homens. Segundo a lição disponibilizada no site da própria instituição religiosa, a submissão está baseada no pensamento tríplice de que a mulher foi feita depois do homem. Por fim, a mulher foi feita a partir do homem. Primeiro coloca-se a ordem da criação sendo o ser primeiro a existir Adão; a mulher, o corpo feminino, passou a existir para suprir a solidão do homem e terceiro cria-se a mulher da parte física do homem, pegando parte do masculino para criação do feminino, tornando-a, assim, parte/propriedade dele.

Os exemplos de Edir Macedo e da lição da Comunidade Cristã Bíblica Renascer demonstra-nos a propagação nas mídias e nos púlpitos das igrejas a submissão das mulheres no desenvolvimento de suas práticas religiosas, os papéis desempenhados em seus relacionamentos e suas posições sociais. Não sendo diferente com os outros dois “SS” que analisaremos a seguir.

O silenciamento é um tema ainda velado e pouco discutido nas diferentes instituições, principalmente na esfera evangélica. De forma direta ou indireta, calar uma pessoa ou um grupo sobre determinado assunto específico é uma maneira de silenciar. Deixar quem tem voz falar e se posicionar é o princípio do rompimento da grave situação que aniquila vidas. Neste caso, direcionando nosso debate ao recorte de gênero, as mulheres são as mais afetadas pela mazela do silenciamento imposto. Importante compreendermos que tal imposição é o abuso de poder que ocorre, intrinsecamente, de forma impositiva a quem sempre teve autoridade, poder, liderança e virilidade nas diferentes organizações sociais: o homem.

Segundo Alves (2019), o silenciamento atinge pessoas que são caracterizadas por uma identidade silenciada historicamente, como mulheres, negros, crianças, empobrecidos e outros, dependendo do ambiente social. Ainda seguindo o pensamento do autor, os temas específicos como violência, política, sexo e outros mais tende a ser escondido por quem tem mais poder. O poder que majoritariamente esteve nas mãos dos patriarcais na cultura ocidental.

Para analisarmos o fenômeno do silenciamento observaremos como o mesmo se caracteriza nas nossas relações por dentro e por fora das instituições que nos cercam. De

---

<sup>12</sup> O Ministério Celebrando a Vida, pertencente à Comunidade Cristã Bíblica Renascer. Em site particular divulga periodicamente lições bíblicas, disponível em: <https://ccbrsp.wixsite.com/comunidadecrista/licao09-marido-e-mulher>

forma sutil, dificilmente ele virá com um “cale a boca” ou um palavreado de inibição direto. Para Alves (2019), em muitas vezes, referendado por uma instituição de autoridade, neste caso, a estrutura religiosa cristã reafirma quem irá ser silenciado e quem terá o aval para silenciar.

As mulheres não falam sobre os abusos perpetrados contra suas vidas e corpos. Varrer para debaixo do tapete social os silenciamentos para que o mesmo não seja reconhecido e identificado tem sido uma constante com mulheres que sofrem com a situação. De forma sutil, a temática está aparecendo e identificando os reais silenciadores e as silenciadas no processo de propagação da violência doméstica.

Pelos silenciamentos institucionais e a naturalização os corpos femininos foram e, ainda são, obrigados a não emitirem sons de libertação e denúncias. Não estamos mencionando o ato de falar, mas direcionando a imposição estabelecida às mulheres com atos violentos naturalizados perante a sociedade. Tantas violências contra negras e negros, contra as mulheres. Segundo Hooks (2019), devemos tornar visíveis as múltiplas experiências das mulheres negras, denunciando silenciamentos e ocultamentos.

## 6 - CONCLUSÕES

Direcionar o debate ao bem viver das mulheres evangélicas nos alerta sobre a importância de descentralizarmos os olhares para a casa e focarmos nas vidas que possuem nomes, emoções e sonhos quando seus corpos e mentes são afetados pelas múltiplas violências.

Deparar com a incumbência em investigar o fenômeno em grupo que está diretamente ligado à igreja requer prudência e cautela na condução ao abordar tais temas sem, portanto, ferir a religião estudada. Trazer à tona o pensamento das mulheres evangélicas acerca da violência produzida e reproduzida contra elas na sociedade e no espaço religioso é desvelar a virtude da estética cultural que padroniza a figura da mulher como sábia. Desta forma, colocando-a em uma condição de cuidadora, ajudadora, submissa e sem domínio sobre sua própria vida. Todas moldadas por um sistema forte que é o patriarcal, presente também em espaços religiosos.

Não é mera ficção a temática da violência contra mulheres, apenas por estarem presentes em filmes, novelas e programas de TV em geral. Os efeitos produzidos nas artes cênicas retratam a realidade ainda existente e recorrente com essas mulheres. Por um lado, quanto mais problemas de gênero forem abordados e expostos mais haverá informações e possibilidades de exposição e debate acerca do assunto. Com o aumento da pressão, a implementação de políticas públicas que beneficiem mulheres pode nos fazer voltar a acreditar em mudanças. Acreditar que a arte em geral possa denunciar as desigualdades diversas existentes em nosso país e, até mesmo, no restante do mundo.

Ressaltamos que as mulheres evangélicas também são atingidas pelo mal da violência é intencional para trazer o fato de que esta violência também ocorre noutros meios. Assim sendo, estes religiosos não podem ser retiradas deste meio. Seus credos religiosos não as isentam de tais fatos. Audre Lorde diz que o silêncio não nos protege e parafraseando-a digo que a religião não vai nos proteger das mazelas sociais.

Herança do patriarcado enraizado na estrutura organizacional da igreja demonstrou um impacto devastador na vida das mulheres entrevistadas. A investigação proporcionou conhecer diferentes realidades no que tange as modalidades da violência doméstica contra a mulher, estando elas representadas no município de Nova Iguaçu, RJ. O fenômeno investigado não é recente e em exclusivo na contemporaneidade trata-se de um tema pouco discutido ora, vezes desconhecido em algumas instituições conservadoras, como a igreja por

exemplo. Um problema antigo que, por muito tempo, foi legitimado pelas diferenças entre os gêneros.

A proposta foi apresentar violência de gênero e religião com o intuito de mostrar que poder e dominação fazem parte da estrutura organizacional das igrejas evangélicas, sendo representadas pelas entrevistadas na pesquisa investigativa. Trata-se de um fenômeno social que interessa a todos, pois as mulheres evangélicas estão interagindo e se relacionando em sociedade. Sabemos que há um caminho longo a ser percorrido até a equidade de gêneros entre os espaços evangélicos.

Com o crescimento do advento tecnológico está sendo permitida a difusão de diversas informações, como por exemplo, a temática das agressividades contra mulheres. Um assunto recente e novo para algumas instituições conservadoras como a igreja. Durante o período das entrevistas foi observado que todas as mulheres participantes da pesquisa ouviram falar e ou conhecem o que é a violência doméstica, acredita-se ser por intermédio da era tecnológica. Mesmo com o conhecimento do enunciado as mulheres evangélicas conhecem outros casos de hostilidades perpetrados as mulheres pertencentes ao mesmo espaço religioso que elas que ainda sofrem brutalidades.

A partir das falas das mulheres entrevistadas foi possível analisar que o fenômeno da violência doméstica assola a vida de mulheres evangélicas. Romper com os silenciamentos institucionais foi possível quando escutamos mulheres oprimidas pelo legado do patriarcado enraizado na estrutura evangélica que ainda reproduz que o homem é a cabeça, aquele que lidera e a mulher o auxilia e concorda em todas as suas decisões. Silenciamentos impostos quando as mulheres evangélicas de forma direta ou indireta não assumem liderança no espaço religioso em questão, propagação de uma voz única que anualmente fala da mulher no dia das mães e no dia 08 de março.

Foi analisado que as entrevistadas não são tímidas, mas silenciadas. Na individualidade, no processo de escuta foi observada a leitura crítica das mesmas frente ao sistema religioso, a postura dos seus respectivos líderes (pastores), o trato recebido por seus maridos em casa e na igreja e etc. As narrativas que compõe a presente pesquisa transcendem o discurso de uma voz única, a patriarcal na esfera evangélica.

Os ensinamentos que alimentam os mitos religiosos transmitidos tanto para meninos e meninas no seio evangélico colaboram para o fortalecimento e perpetuação situações futuras de violência. Reforçar que os cristãos e seus lares estão imunes das ações inerentes aos seres humanos é uma forma de alimentar com o mito religioso. O despreparo teológico de alguns

líderes religiosos não saberem lidar com a situação de violência doméstica onde as mulheres da igreja estejam em muitos casos, vivenciando violência doméstica. Não basta aconselhar nos gabinetes pastorais que as mulheres orem e sejam pacientes esperando em Deus para que seus companheiros sejam curados de um mal social. . Os líderes precisam familiarizar-se com a temática e embasar/sustentar seus discursos e aconselhamentos na Lei, visto que foi uma reivindicação das mulheres chamadas e conhecidas como feministas que percorreram um longo caminho na luta por direitos e preservação de nossas vidas ao qual posteriormente resultou em uma Lei Federal brasileira que objetiva punir e coibir atos de violência doméstica contra mulheres.

Os desafios enfrentados para pesquisar e escrever sobre esta temática entre as irmãs de fé foi um processo de muito desgaste emocional. Escutar e sentir de perto as formas de violências relatadas gerou em mim, enquanto pesquisadora momentos em que eu sabia que deveria escrever terminar o processo de escrita e seguir adiante na caminhada acadêmica. Desde que iniciei, ou melhor, iniciamos nesta pesquisa digo isto porque tive apoio da minha família, professora e das colaboradoras que prontamente confiaram nesta que vos fala. Não fixei meus pensamentos de que tratava simplesmente de um objeto de pesquisa que fornecia as informações que seriam pertinentes ou fundamentais para a realização. A todo tempo eu sabia que eram pessoas que carregavam consigo suas histórias, traumas, sentimentos e sonhos. Ao ler Bell Hooks em seu livro *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra* relata parte de sua experiência de uma família de negros evangélicos. Senti muita proximidade entre nossas histórias e inquietações quando Hooks (2019), diz que a pessoa oprimida que se move de objeto para sujeito fala com a gente de um jeito novo. E de fato, foi este jeito novo que as interlocutoras falaram para e com esta pesquisa. Sempre as vi e tratei como sujeito e não objeto de pesquisa. Compreendo ser importante relatar parte do que vivenciei como pesquisadora na investigação do fenômeno da violência doméstica contra as evangélicas.

Toda mulher pode ser vítima da violência doméstica não importa sua matriz religiosa! Destacamos a pertença religiosa evangélica porque na atual conjuntura a referida comunidade se isenta dos problemas sociais e ataca de forma cruel outras formas de sagrado. Pertinente analisarmos o mal da violência ouvindo aquelas que identificam e vivenciam violências. Estamos falando de mulheres que por algum motivo não compartilham com seus pastores violências perpetradas contra suas vidas, 71% das entrevistadas optaram em não falar com seus respectivos líderes. As mesmas que passam pelo menos três dias na semana no templo

religioso desenvolvem atividades evangelísticas, ajudam na manutenção em geral e fortalecem suas vidas espirituais não se sentem seguras em compartilhar determinado assunto.

Confesso que conduzir com neutralidade total a referida temática é para poucos, sensibilidade e afeto estiveram comigo nos momentos de construção da pesquisa e principalmente na fase em que consistiu a escuta e conhecimento dos casos que a todo o momento foi nomeado de violências. Nesta caminhada houve o autodescobrimento de minha escrita, mesmo ouvindo sofrimentos casos de silenciamentos. Foram horas, dias e semanas ouvindo e (RE) ouvindo cada fala com a incumbência de registrar neste espaço as vozes emergentes de Maria, Ana, Rute, Marta, Ester, Raquel e Noemi.

Foram de extrema importância os livros que li, a palestra que ouvi e ministrei e os espaços privados que são as vidas das mulheres compartilhadas a esta pesquisadora que vos escreve.



## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, Suely Souza de “**Violência de Gênero e Políticas Públicas**” Rio de Janeiro: UFRRJ, 2007.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi Para educar crianças feministas: um manifesto/ Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Denise Bottmann. 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi Sejam todos feministas/ Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Christina Baum. 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGUIAR, C. (coord). Guia de serviços de atenção a pessoas em situação de violência. Salvador: Fórum Comunitário de Combate a Violência/ Grupo de Trabalho Rede de Atenção, 2002.

AGUIAR, Neuma. Um Guia Para Políticas Sociais por Gênero e Raça. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: IUPERJ, 1994, pág.26.

BASTOS, Tatiana Barreira. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**: análise da Lei Maria da Penha. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2011.

BASTIDE, Roger. *Les religions africaines au Brésil*. Paris: Presses Universitaires de France, [1960] 1995.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de Gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: Revista Sociedade e Estado, vol.29, n.2, p.449-469. Brasília: Universidade de Brasília, maio-agosto, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, 2006.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Norma técnica de padronização das delegacias especializadas de atendimento às mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1994.

Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 509-527, Outubro de 2006.

BARROS, N. V. Mulher e violência: desvelando a naturalização da violência simbólica no contexto familiar. *Texto e contexto*, v. 8, n.2, p.266-269, maio-ago., 1999.

BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada. São Paulo: Perspectiva. 1988.

BERGESCH, Karen. A Dinâmica do Poder na Relação de Violência Doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

BÍBLIA, Português. Bíblia de estudos Scofield: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição ver, fiel. Brasília: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2009.

BRANDÃO, E. R. Violência conjugal e recurso feminino à polícia. *Horizontes plurais novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Editora 34, 1998.

BRASIL. Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006. Brasília-DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> Acesso em: Janeiro/2020

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CASTELLS, Manuel. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precaridade do trabalho e vulnerabilidade relacional. Saúde loucura. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_ O poder da identidade. V.2 da trilogia A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 169-285 do 2º tomo, isto é, 116 páginas dedicadas ao patriarcado.

CAVALCANTE, Arthur; SOARES, Ilcéia A. Violência de Gênero Contra Mulheres e Meninas: desafios e compromissos das igrejas. In: OROZCO, Yury Puello (org.) *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo direito de Decidir, 2009.

CARNEIRO, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In Ashoka Empreendimentos Sociais & Takano Cidadania (Orgs.), *Racismos contemporâneos* (pp. 49-58). Rio de Janeiro: Takano Editora.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CARDOSO, Ruth; PAOLI, Maria Célia (Org.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.

COMINETTI, Audine Romano. **Responsabilidade do Estado nos casos de violência doméstica contra a mulher**. 2005. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2005.

COELHO, C. C. Gênero e políticas públicas. In: SILVA, A. L.; LAGO, M.

C. S.; RAMOS, T. R. O. (Orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Ed: Mulheres, 1999.

CHOMBART DE LAUWE, Paul-Henry. (1964) *Images de La femme dans La société*. Liège: Les Éditions Ouvrières.

DataSenado – Portal Institucional do Senado Federal em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência. “Violência Doméstica e familiar Contra a Mulher” <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=violencia->

[contra-a-mulher-agressoes-cometidas-por-2018ex2019-aumentam-quase-3-vezes-em-8-anos-1](#) Acesso em janeiro de 2020

DIAS, Maria Berenice. A impunidade dos delitos domésticos. Palestra proferida no IX Congresso Nacional da Associação Brasileira das mulheres de Carreira Jurídica. Alagoas. Disponível em: [www.mariaberenice.com.br](http://www.mariaberenice.com.br) acesso em junho de 2019.

\_\_\_\_\_. DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

Estudo bíblico da Comunidade Cristã Bíblica Renascer: Ministério Celebrando a Vida. 2015 <https://ccbrsp.wixsite.com/comunidadecrista/licao09-marido-e-mulher> Acesso em janeiro de 2020.

DICIONÁRIO. Definição de violência. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/violencia> Acesso em: Janeiro/2020

FAGUNDES, Fátima TerezaAlves. Violência contra a mulher: perpetuação da violência após a separação conjugal. *lato e contexto*. v. 8, n.2, p.519- 522, maio-agos. 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal 1993.

FONSECA, D. H., RIBEIRO, C. G., & LEAL, N.S.B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 2002, 307-314.

FRANCISQUETTI, P. P. A escuta da dor. *Jornal da Rede Saúde*, n.19, p.3-4, 1999.

GEBARA, Ivone: *Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia do mal*, Ed. Vozes,2000.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas.

GROSSI, M. P. Novas/velhas violências contra a mulher no Brasil. *Revista de estudos feministas*, v.especial. p.473-484, 1994.

GROSSI, M. P. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal. In: GROSSI, M. P.; PEDRO, J. *Masculino e feminino, plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

HERKENHOFF, João Baptista. **Curso de direitos humanos: gênese dos direitos humanos**. São Paulo: Acadêmica, 1994. v. 1

HERMANN, Leda Maria. **Maria da Penha lei com nome de mulher: violência doméstica e familiar, considerações à lei n. 11.340/2006 comentada artigo por artigo**. Campinas, SP: Servanda, 2007.

HUNT, Mary E. **Religião e violência contra as mulheres: diferentes causas, compromissos comuns**. Religiões em diálogo: violência contra as mulheres. Org. Yuri Puello Orozco. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir, 2009.

JUREMA, S. Mulheres e direitos. *Memória Gestão 95/99*. Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. UNIFEM, 1999.

Kilomba, Grada. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast, 2012

LLANOS, Gabriela Castellanos. De **la concientización al empoderamento**: trayectoria del pensamiento feminista en los estudios de género en Colombia. Centro de Estudios de Género, Mujer y Sociedad. Santiago de Cali: Universidad del Valle, 2000.

LEMOS, Fernanda. **A mulher como sujeito de sua própria história**. In: Uma sociedade de Mulheres? Para além da separação de homens e mulheres. IHU on-line Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: UNISINOS, 2007, 14 -19.

LEMOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

MADURO, Otto. **Religião e luta de classes**. 2 ed. Tradução de Clarêncio Neotti e Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, ago. 2005.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2001.

MAÇALAI, Gabriel; NIELSSON, Joice Graciele. A Violência de Gênero e o Discurso Religioso: Entre a opressão e a inclusão. Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, v.4, 2016. P.201-219.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes. 2001.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. O Protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MILLER, Mary Susan. Feridas invisíveis: abusos não físico contra mulheres. Tradução Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.

MONTEIRO, C. F. S; SOUZA, I. E. O. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. Psicologia & Sociedade, 2007, p. 26-31.

ALVES, Miguel do (Res) silenciamento 2019. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/mandando-a-letra/do-ressilenciamento/> Acesso em janeiro de 2020.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros passos, 59).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. Genebra: OMS, 2012.

PAIVA, J. R. *Mulheres espancadas*. 1999a. Disponível em: <[www.members.tripod.com/soswomen/pagel.html](http://www.members.tripod.com/soswomen/pagel.html)> Acesso em: 3 mar. 2002.

PEQUENO, M.J.P. Direitos humanos e violência. 2007.

PERROT, M. (1988). *Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros*, (2ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pregação do Bispo Edir Macedo sobre Qual a qualidade o homem quer na mulher? <https://www.youtube.com/watch?v=uSRjEhUs5OU> Acesso em janeiro de 2020.

Pregação do Bispo Edir Macedo. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/09/25/interna\\_nacional,1087806/bispo-edir-macedo-diz-que-mulher-nao-pode-ter-mais-estudo-que-o-marido.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/09/25/interna_nacional,1087806/bispo-edir-macedo-diz-que-mulher-nao-pode-ter-mais-estudo-que-o-marido.shtml) Acesso em janeiro de 2020.

Relatório Mundial de Saúde Krug EG et al., eds. World report on violence and health. Geneva, World Health Organization, 2002. Disponível em: <http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf> Acesso em : 07 de janeiro de 2020.

Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, 2002. Disponível em: <http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf> Acesso em janeiro de 2020.

Quando a igreja não discute gênero, ela nega direitos humanos, diz evangélica feminista. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/06/quando-a-igreja-nao-discute-genero-ela-nega-direitos-humanos-diz-evangelica-feminista.htm> Acesso em janeiro de 2020.

REZENDER, Elisa Oliveira. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**: um cenário de subjugação do gênero feminino. Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília. Ed. 9, 2012.

RIBEIRO, C. G & COUTINHO, M. L. L. Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. Psicologia e Saúde, 2011.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAFFIOTI, H. I. B. **Violência doméstica**: questão de polícia e da sociedade, in M. Corrêa (org.), *Gênero e cidadania*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu (col. Encontros), 2001.

\_\_\_\_\_ Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Caderno Pagu, (16) 115-136, 2001.

\_\_\_\_\_ Mulher, modo de produção e formação social. *Contexto*, nº 4, novembro, 1977, São Paulo, p. 45-57.

\_\_\_\_\_ Violência de gênero – lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas Sociais*, São Paulo, PUC, 1997, p. 59-79.

\_\_\_\_\_ Já se mete a colher em briga de marido e mulher, in: São Paulo em Perspectiva, Revista da Fundação Seade, v.13,n.4, out-dez/1999, p.82-91. Número especial: A Violência Disseminada.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, v. 13, n. 1, 2007.

SILEIRA, R. S., NARDI, H. C., & Spindler, G. (2014). Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 323- 334.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 54, 2007.

SOUZA, Sandra Duarte e LEMOS Carolina Teles. **A casa, as mulheres e a igreja**: relação de gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

Sofrendo em Silêncio: evangélicas são as que mais buscam o Loretta Valadares por violência doméstica. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sofrendo-em-silencio-evangelicas-sao-as-que-mais-buscam-o-loreta-valadares-por-violencia-domestica/> Acesso em janeiro de 2020.

SOUZA, Sandra Duarte; OSHIRO, Claudia Poleti. *MULHERES EVANGÉLICAS E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: O QUE O PODER PÚBLICO E A IGREJA TÊM A VER COM ISSO?* Caminhos, Goiânia, v.16, n. 2, p. 203-219, jul./dez. 2018.

SCOTT, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica* (G. L. Louro, Trad.). *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. (Original publicado em 1988)

SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, v. 13, n. 1, 2007.

\_\_\_\_\_ Religião e identidade cultural negra: católicos, afro-brasileiros e neopentecostais. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v.20, n. 20, jan./dez. 2011.

STRÖHER, marga J. O que espero da religião? Palavras que me tragam para a vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (org). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de decidir, 2009.

TIMM, Alberto R. Por que razão Paulo ordenou que as mulheres ficassem caladas na igreja? (1º Coríntios 14:34 e 35). Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-e-respostas-biblicas/por-que-razao-paulo-ordenou-que-as-mulheres-ficassem-caladas-na-igreja/>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020

VILHENA, Valéria Cristina. Uma igreja sem voz – uma análise de gênero da violência doméstica entre as mulheres evangélicas. São Paulo, Ed. Fonte Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. Pela voz das mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião apresentada na Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

WEBER, Max (1964), *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica. In:

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn C. (Orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: Nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

## ANEXOS

### ANEXO 1: TCLE



**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO IE -  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PPGEduc –PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES  
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Prezada Senhora,

Meu nome é Fabrícia do Nascimento Silva de Oliveira e estou realizando a pesquisa acadêmica aplicada sobre o tema: Violência doméstica contra mulheres evangélicas. Esta pesquisa compõe a minha dissertação de mestrado realizada no PPGEDUC/UFRRJ, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joselina da Silva. As informações a seguir destinam-se a convidá-la a participar voluntariamente desta pesquisa na condição de fonte, ou seja, o sujeito que fornece as informações primárias para a pesquisa em curso.

Para tanto é necessário formalizarmos a sua autorização para o uso das informações obtidas nos seguintes termos:

- A sua participação é totalmente voluntária;
- Pode se recusar a responder qualquer pergunta a qualquer momento;
- Pode se retirar da pesquisa no momento da coleta de dados e dá-la por encerrada a qualquer momento;
- A coleta de dados tem caráter confidencial e seus dados estarão disponíveis somente para a pesquisadora autora do Trabalho Final de Curso (TFC) e para seu orientador;
- Partes do que for dito poderão ser usadas no relatório final da pesquisa, sem, entretanto, revelar os dados pessoais dos entrevistados, como nome, endereço, telefone, etc. Dessa forma, as informações obtidas não serão divulgadas para que não seja possível identificar o entrevistado, assim como não será

permitido o acesso a terceiros, garantindo proteção contra qualquer tipo de discriminação ou estigmatização;

- Os dados e resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em congressos, publicados em revistas especializadas e da mídia, e utilizados na dissertação de mestrado, preservando sempre a identidade dos participantes;
- Fica, também, evidenciado que a participação é isenta de despesas;
- Se desejar, o participante poderá receber uma cópia dos resultados da pesquisa, bastando assinalar ao lado essa opção: ( ) **SIM, desejo receber cópia do relatório final.**
- Em casos específicos de pesquisas em que se requer o uso de vídeos e fotos dos informantes (*grupo focal, pesquisa ação, etc*), o informante deverá assinalar que concorda e libera o uso de imagem para divulgação em ambientes midiáticos ou em ambientes científicos como congressos, conferências, aulas, ou revistas científicas, desde que meus dados pessoais não sejam fornecidos:  
( ) **SIM, concordo com a cessão de minhas imagens por livre e espontânea vontade /OU / ( ) NÃO, o uso de minhas imagens em forma de vídeos ou fotos não é permitida.**

Ao concordar com os termos descritos e aceitar participar do estudo, pedimos que assine o termo em sinal de que o TCLE foi lido, formalizando o consentimento voluntário de participante.

**Nome completo:** \_\_\_\_\_

**Tels:** ( ) \_\_\_\_\_

**Email:** \_\_\_\_\_

## **ANEXO 2: ROTEIRO DA ENTREVISTA**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **1- INFORMAÇÕES PESSOAIS:**

---

Idade.

Escolaridade.

Estado civil.

Há quanto tempo evangélica?

Denominação pertencente.

Marido evangélico?

Tem filhos? Quantos?

Renda mensal.

#### **2- INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS:**

---

Já ouviu falar de violência doméstica? Sabe o que é?

Para você violência doméstica é: 1º somente física? 2º fácil de identificar? 3º atribuída somente ao esposo?

Já sofreu alguma violência? Qual?

Ainda sofre violência?



Depois de adulta, você sofreu violência de seu pai, marido, namorado, noivo, filho e tio?

Compartilhou com seu pastor alguma violência sofrida?

O que seu pastor disse ou fez?

Denunciou alguma violência sofrida na delegacia? O que as autoridades fizeram?

Conhece alguma mulher evangélica que sofra ou tenha sofrido violência doméstica, após estar na igreja?

### **ANEXO 3: NOMES BÍBLICOS**

**Apresentamos as histórias das personagens contidas na bíblia onde relata a origem de seus nomes e alguns acontecimentos que marcaram suas vidas.**

Ana, podemos encontrar sua história no livro bíblico de I Samuel. Não há muitos registros sobre a história de Ana no primeiro livro de Samuel, há o relato de um homem chamado Elcana marido de Ana que morava na região de Efraim. Após anos sem gerar filho seu esposo casou com uma mulher que se chamara Penina. O segundo casamento era permitido, já que sua primeira esposa a que ele mais amava não tinha lhe dado filhos. Ana sofria constantemente com as ações de Penina, por não poder gerar filhos. Ana chorava por desejar ser mãe e não ter tido essa graça. Sua vida ficou marcada quando orou incessantemente para que seu Deus lhe desse um filho. A angústia era tanta que ficava sem comer por dias. Quando realizou um voto, prometeu que se Deus a concedesse a graça da maternidade ela entregaria o filho para ser criado no templo após ser desmamado. Perseverança, ousadia e fé foram fatores que marcaram o nome de Ana na história bíblica. Após ser agraciada com um filho, Ana o entrega Samuel ao tempo como cumprimento de sua promessa. Samuel foi o mais importante profeta da época que exerceu os ofícios de juiz, profeta e sacerdote. A história de Ana mostra suas angústias e conquistas pela maternidade, ela não conformou em ser afrontada por sua rival mesmo sabendo que Elcana (seu marido) tinha um amor especial por ela, mas, como elemento que simbolizava prosperidade e

fertilidade herdeiro sanguíneo era um fator que o levou ao segundo casamento em busca de um filho. Em suma, Ana orou até que fosse atendida.

Rute, a história marcante dessa mulher pode ser encontrada no livro bíblico de Rute 1.v4 (livro que leva seu nome). A história passa no contexto em que Elimeleque viajou de Belém de Judá para Moabe com sua esposa Noemi e seus dois filhos para fugir da fome que assolava Belém. Quando a família chega em Moabe, os filhos de Elimeleque se casam com moabitas, uma se chamava Orfa e a outra Rute. Passado quase dez anos após a morte de Elimeleque (sogro de Rute), morreram também seus dois filhos, sendo um deste esposo de Rute. Ficando em uma única família três viúvas desamparadas. Havia entre os hebreus daquela época o costume de que após a morte do seu marido, a viúva casaria com o parente mais próximo para garantir a sobrevivência, não foi diferente com Rute após sua viuvez. Com o dever de cuidar de sua sogra Noemi que estava com a idade avançada a sensibilidade foi um fator que marcou Rute no processo em que estavam as mulheres viúvas sem norte e amparo. As duas voltaram para Belém onde conheceram Boaz, um parente de Elimeleque que possuía propriedade e poderia ser o parente redimidor que mudaria a história de Rute e Noemi. Quando Boaz soube da história de Rute, de sua atitude nobre de não abandonar sua sogra, se sensibilizou e casou-se com Rute. A personagem ficou conhecida pela coragem em ir para outra terra.

Ester (nome de origem Persa que significa Estrela) Ester 2.7

Ester foi uma jovem Judia que morava em Susã, era exilada de Jerusalém que vivia com seu primo Mordecai, era órfã de pai e mãe. O rei Assuero decretou que fossem levadas ao palácio jovens virgens, de boa aparência e formosura que fossem preparadas para que dentre elas ele escolhesse a próxima rainha.

Dentre as mais belas jovens houve destaque para Ester, uma jovem pobre e exilada, sua beleza chamou a atenção de Hegai, que era o responsável em preparar as jovens para se apresentarem ao rei. Durante 12 meses Ester foi preparada para se apresentar ao rei Assuero. Ao chegar o tempo de Ester se apresentar ao rei, todos se agradavam dela, ao vê-la o rei a amou e a fez rainha. Mordecai, primo de Ester, estava sempre nas dependências do palácio real, certo dia quando estava sentado à porta do rei, descobriu uma conspiração contra o rei Assuero e declarou, sua delação foi investigada e os conspiradores descobertos e mortos enforcados.

Após este episódio, Hamã foi engrandecido pelo rei e todos os servos do rei o reverenciavam, no entanto Mordecai não se inclinava gerando uma insatisfação em Hamã.

Quando Hamã soube que Mordecai era judeu e que haviam muitos judeus naquela região, decretou que fossem eliminados e aniquilados todos os judeus inclusive Mordecai.

Ester soube de todo o plano de Hamã e buscou um meio de salvar seu povo da aniquilação, ela sabia que para entrar na presença do rei deveria ter um motivo embasado e a própria autorização do rei, usou sua sabedoria e chamou a atenção do rei que autorizou sua fala, Ester convidou o rei para um banquete somente ela, o rei e Hamã, ela declarou para Assuero que Hamã havia determinado o massacre de todo o povo judeu que habitava nas províncias de Susã. Ester rogou ao rei Assuero que impedisse a aniquilação de seu povo, desta forma ela impediu que centenas ou talvez milhares de judeus fossem exterminados simplesmente pela insanidade de um homem.

#### Noemi ( Significa: Suave, Graciosa) Rute 1.2

Noemi era a esposa de Elimeleque, ela tinha 2 filhos, Malon e Quilion era natural de Belém de Judá, a família se mudou para Moabe devido a fome que atingiu Belém de Judá, seus filhos se casaram com as moabitas Orfa e Rute.

A história de Noemi é marcada pela perda de seu esposo e logo após seus 2 filhos, ao se encontrar numa terra distante e sem ninguém de sua parentela ela resolve voltar para Belém de Judá e passar seus últimos dias em sua terra natal.

Noemi voltou para sua terra sem a esperança de se casar novamente, visto que sua idade já era avançada. As pessoas que souberam da situação de Noemi a se comoveram e comentavam : Está não é a Noemi, mas ela num momento de extrema tristeza pediu para que a chamassem de “Mara” que quer dizer amarga, pois tinha todos os motivos para se tornar uma mulher amarga, tinha saído de seu território em busca de melhores condições, mas tudo que encontrou foi sofrimento e dor, a perda do esposo e de seus dois filhos Rt 1.19-20.

Existia o costume entre os judeus de que uma viúva deveria se casar com um parente de seu esposo para perpetuar a memória do falecido e garantir o sustento da própria viúva, Noemi já não tinha “idade” para casar-se novamente Rt 1.12

Noemi ficou conhecida por ser orientadora de sua nora Rute e ajudá-la a mudar suas histórias, mesmo numa situação desfavorável, Noemi não desistiu de lutar e através de sua experiência e conhecimento deixou sua marca e um exemplo de determinação e perseverança.

**\*\* Noemi exemplifica inúmeras mulheres que perdem tudo que amam na vida, mas continuam a ter esperança, ainda que em momentos de aflicção chegam a pensar que não há mais solução, encontram forças para não desistir e alcançam a segurança que tanto buscaram.\*\***

Raquel (significa: Ovelha) Genesis 29.1-20

Existia um fazendeiro em Hamã, que morava em Padã Arã, que se chamava Labão o arameu, este tinha duas filhas a mais velha se chamava Lia e a mais nova se chamava Raquel, este era irmão de Rebeca, mãe de Jacó.

Jacó filho de Isaque e Rebeca, foi instruído por seu pai à ir em busca de uma noiva que fosse da sua parentela para que se casasse.

Ao chegar próximo a um poço em Harã, território onde morava os parentes de sua mãe , Jacó avista alguns homens que davam água ao rebanho, ele se apresentou e perguntou por Labão seu tio, os homens logo lhes dão a informação de que Raquel, filha de Labão já estava a caminho com as ovelhas, quando Raquel encontra-se com Jacó há um sentimento mútuo, a partir desse momento Jacó decide pedi-lá em casamento.

Jacó relatou para Labão tudo sobre sua viagem e ficou um mês com seu ele, ao passar do tempo entendendo que algo estava acontecendo, Labão pergunta a Jacó sobre qual o objetivo dele continuar cuidando das ovelhas, visto que não estava recebendo salário, então Jacó declara que trabalharia 7 anos para que seu tio lhe permitisse casar-se com Raquel, sua filha mais nova.

Passou o tempo combinado e Labão não cumpriu com sua palavra e deu Lia, a filha mais velha em casamento (no costume da época, não se permitia que a filha mais nova se casasse antes da mais velha). Jacó trabalhou mais sete anos para que pudesse casar-se com Raquel , pois a amava.

A vida de Raquel foi marcada, devido a sua esterilidade, sua irmã Lia tinha filhos e ela ansiava ser mãe, mas não podia. Raquel sofria constantemente, pois sua irmã tinha filhos de Jacó e ela não. Num ato de desespero Raquel induz Jacó a se relacionar com Bila, sua serva.

Bila teve dois filhos e estes foram criados por Raquel , a história dela ficou marcada por uma frase que denota o sofrimento de uma mulher que desejava incessantemente ser mãe, Gn 30.1b “ Dá-me filhos senão morreréi”.

Naquela época e pra àquela sociedade gerar muitos filhos era sinal de benção, uma mulher que não gerava filhos era considerada “amaldiçoada”. Após anos de sofrimento

Raquel é agraciada e concebeu um filho chamado José, e posteriormente teve seu segundo filho chamado Benjamin, Raquel morreu no parto de seu segundo filho, no entanto alcançou a graça de gerar filhos e teve seu nome marcado na história. José o primogênito de Raquel foi o filho mais amado por Jacó e se tornou um nome de referência até os dias atuais, José se tornou governador do Egito.

**\*\* Na atualidade existem inúmeras mulheres que tem algo em comum com Raquel, que em meio ao sofrimento, encontram forças para exercitarem sua fé e alcançam a realização de seus sonhos e projetos, mesmo em meio a situações totalmente desfavoráveis, dão conta de suas famílias e conseguem educar seus filhos os tornando referências para a sociedade.\*\***

Marta (irmã de Lázaro e de Maria) Lucas 10.38-42; João 11.21-22; João 12.2

Marta era a irmã mais velha, morava com seus irmãos Marta e Lázaro num povoado chamado Betânia que ficava cerca de 3km de Jerusalém.

Esta ficou conhecida por sua hospitalidade e dedicação aos afazeres domésticos, sua história começa com sua disposição e amorosidade em oferecer sua casa para que Jesus hospedasse. Durante a estadia de Jesus, Marta se demonstrava muito agitada e preocupada com suas atividades, havia uma dedicação demasiada as questões da sua casa. Jesus percebeu que, mesmo sendo uma mulher muito graciosa e de muita garra para as atividades doméstica, era necessário que houvesse uma dosagem para que as tarefas cotidianas não tirasse o prazer de partilhar de uma boa conversa e de aproveitar as oportunidades de aprendizado. Lázaro foi acometido de uma doença que o levou a morte Jo 11.1-18. Marta esboça sua fé na pessoa de Jesus Cristo, quando declara seguramente que, se Jesus estivesse por perto seu irmão não teria morrido e se Jesus pedisse a Deus pelo retorno certamente seria atendido, ela estava fragilizada pela perda de seu irmão, mas sabia que o agir de Deus através de sua fé poderia ir muito além do que se pode imaginar. Marta se destacou por sua hospitalidade, por sua dedicação as suas atividades domésticas, por sua fé e por sua disponibilidade em servir.

**\*\* Há muitas Martas nos dias atuais, mulheres incansáveis que se dedicam ao trabalho fora de casa, aos trabalhos domésticos, são hospitaleiras, encontram tempo para exercitarem sua fé e não hesitam em servir aqueles que necessitam\*\***

Maria (Irmã de Lázaro e de Marta) Lucas 10.38-41; João 12.3

Maria era a irmã do meio da família de Marta e Lázaro, sua história é marcada por duas situações de muito destaque nos escritos bíblicos.

Quando Jesus chegou à casa de Maria, ela dava total atenção aos ensinamentos de Jesus enquanto sua irmã Marta cuidava dos afazeres da casa, num determinado momento Marta movida pelo cansaço da rotina árdua das tarefas, pede para que Jesus deixe sua irmã ajudá-la nas tarefas ao invés de continuar aprendendo, no entanto Jesus declara num tom doce e suave, que Marta estava demasiadamente preocupada com as atividades enquanto que Maria havia escolhido dedicar um pouco do seu tempo ao aprendizado. Maria demonstra sua fé e devoção a Jesus quando num gesto único, unge ou lava os pés do Mestre com um perfume de nardo puro muito valioso na época e secou com seus próprios cabelos, sua atitude ganhou notoriedade por demonstrar sua humildade e seu cuidado com Jesus. Não há muitos relatos sobre a vida de Maria, mas sua história denota uma mulher disposta a aprender e com tamanha humildade e cuidado com Jesus Cristo.

## **APÊNDICE 1**

Apresentar duas mulheres negras evangélicas que reúnem em suas práticas de vida secular e religiosa a combinação entre suas práticas evangélicas e feminismo. As duas lideranças são oriundas do território da Baixada Fluminense, uma de São João de Meriti e outra de Duque de Caxias. Assim como as sete participantes interlocutoras que ecoaram suas vozes emergentes, da mesma forma ouviremos Maria da Fé da Silva conhecida popularmente como Fezinha e a Maria do Carmo Moreira Lima conhecida como Kaká. Achamos pertinente socializar a entrevista realizada com as pastoras para que de alguma forma suas atuações, intervenções e pensamentos circulem e posteriormente sejam conhecidos.

### **Maria da Fé da Silva Viana (Fezinha)**

Com toda a história do meu nascimento, o meu pai não foi me registrar então minha mãe só pode deixar da seguinte forma: Maria da Fé da Silva. Meu pai chamava-se Ramos da Silva. Só quando eu casei é que papai foi cuidar da questão do casamento é que ele registrou em cartório que ele era Ramos da Silva, então Silva, era dele. Aí eu ficaria Maria da Fé da Silva, como meu marido tinha o sobrenome Viana. Eu casei, separei e hoje sou viúva, mas, não tiro o Viana senão vai ficar muito feio só Maria da Fé da Silva eu prefiro Maria da Fé da Silva Viana.

Pesquisadora: A presente pesquisa compreende uma investigação sobre a temática da violência doméstica contra mulheres evangélicas. Um recorte com as evangélicas da Baixada Fluminense e uma das propostas é de ouvir as lideranças evangélicas femininas.

Fezinha: Bem, eu não sou pastora. Sou teóloga. É assim, a escola da teologia de denominação, no meu caso a Metodista... Geralmente as pessoas estudam teologia e são consagradas pastoras. Eu não quis! Eu não quis ser pastora, porque eu sou muito livre. Eu não quis me prender a uma igreja, eu preferi ficar trabalhando com pastorais. Então, eu trabalho com a pastoral de combate ao racismo da qual eu sou coordenadora e trabalho com a pastoral da terceira idade fazendo parte da mesa. Eu sou a teóloga desses grupos.

Pesquisadora: O que foi para a senhora a vivência, os olhares as falas dentro do contexto religioso evangélico enquanto mulher negra assumindo liderança?

Fezinha: Difícil, né! A primeira coisa começou comigo mesma. Eu sou da pastoral de combate ao racismo desde 1985 e em 1988 nós nos tornamos Ministério. Quando nos tornamos Ministério um irmão perguntou se eu não queria fazer o 2º Grau no Colégio Bennett. Ele era coordenador e coisa e tal lá. Era um irmão negro e um irmão mesmo pra mim. Somos amiguíssimos! Eu achei que ele estava querendo avançar comigo porque eu tenho essa coisa de falar da minha vida... Eu falo com todo o mundo e todo mundo sabia que eu vivia mal com meu marido, essas coisas todas. E quando ele fez o segundo convite para eu estudar no Colégio Metodista Bennett à noite e eu morando aqui na Baixada eu pensei: esse cara está afim de algo a mais. E eu não aceitei o convite.

Fui cursar o 2º grau somente em 1992 em uma escola aqui perto. Então, esta foi a primeira coisa. Em 1996 eu fui “Beleza negra” em São João de Meriti. Tinha um calendário e este calendário... O Frei David chamava todas as mulheres negras que ele conseguia alcançar, principalmente as que exercesse liderança. Eu fui convidada para tirar fotos, levei minha netinha, pois, eu queria muito que minha netinha saísse no calendário. E depois de tirar um monte de fotos aí tinha um cidadão lá o Sebastião que era professor da UFRJ. Eu nem sabia tampouco o conhecia, o via por intermédio do movimento negro mas, não tinha intimidade. Aí o Frei David falou assim: vou fazer uma experiência, venha cá Sebastião tire uma foto aqui com a Fezinha. Então tiramos uma foto e posteriormente a fotografia foi capa de calendário. Quando o pessoal viu aquela minha foto, meu deus! Um certo dia eu cheguei no Colégio

Bennett para uma reunião... Eu me lembro que me chamaram assim em particular para perguntar se eu estava com o 'cara' da foto. Eu disse: Nem o conheço. Apenas tirei foto com ele. Certa pessoa falou assim: Eu gostaria muito de comprar o seu calendário, mas, você com esse homem... Não fica bem você é uma mulher crente! É desse jeito

E só depois que fui saber... deus faz tudo muito certo. A mulher do cara também é crente. Foi muito interessante que uma apresentação lá no IPCN, disseram que ela (esposa da pessoa que tirou uma fotografia comigo) falou: Pois é, meu marido tirou foto com uma mulher que eu não sei de onde saiu esta pessoa que estava harmonizando com meu marido na foto. Minha amiga Ana estava e disse: Ah é minha amiga, a Fezinha. Uma mulher evangélica explicou tudinho. Logo a mulher disse que ficaria sossegada por eu ser uma mulher cristã.

Quer dizer, eu fui atacada e a mulher dele estava se preparando para me atacar e, no entanto, nós não nos conhecemos, apenas tiramos uma fotografia juntos. Então, isso é muito difícil.

Outra coisa que era bastante difícil pra mim, hoje não, pois estou com 74 anos e com esta idade ninguém sofre mais assédio. Eu já fui muito assediada! As pessoas perguntavam... Eu sou assim muito casa aberta os pastores até hoje ...

Chegam-se pessoas de fora (homem ou mulher), falam assim: vou dormir na casa da Fezinha. Minha casa é aberta a todos, coloco uma esteira na sala as visitas dormem sem problemas. Muita gente perguntava: Fezinha você não acha que fulano dormindo na sua casa vai dar o que falar? Eu logo dizia: vai dar o que falar por quê? Eu sei quem eu sou, eu sei o que quero... Viajei muito. Viajei esse Brasil todo com pastores, esses que pertenciam ao meu grupo não eram os outros que vinham até mim perguntar conversa fiada. Eu tive muitos problemas e ataques de mulheres também. As mulheres tem uma visão de que mulher da igreja deva ser casada

As mulheres do meu bairro perguntavam, não sei como você anda tanto na igreja e não arruma um casamento, porque mulher de igreja tem que casar! Eu dizia: Pra que eu tenho que me casar? Eu não quero. Mas era desse jeito, sofri vários ataques.

Entrevistadora: Como foi iniciar como pioneira na igreja da senhora aqui e São João de Meriti a temática da não violência doméstica com mulheres evangélicas?

Fezinha: Fizemos um trabalho que não era partido da igreja. A partir de um curso que fiz em São Paulo (São Bernardo do Campo), foram dez aulas da mulher contando a sua



história. E nesse curso que foi um encontro ecumênico de mulheres. Trabalhamos com mulheres quebradeiras de coco do nordeste, as boias frias do Centro Oeste, conhecemos histórias incríveis de mulheres, porque tanto as teólogas contavam as histórias das mulheres do cristianismo, na bíblia e na igreja primitiva como também as mulheres que iriam contavam as suas histórias. E a partir de conhecer essas histórias foi me maturando uma ideia de que eu deveria trabalhar isso na minha comunidade.

Na minha comunidade tinha mulheres que na hora de vir para a igreja o marido dizia assim: Você vai para onde?

E esposa dizia: Vou para a igreja.

E o marido dizia: Não. Você vai lavar o meu carro.

A esposa dizia: Mas meu filho, vou à Escola Dominical. Quando eu voltar eu lavo.

E o marido respondia assim: Não. Quando você voltar terá que preparar o almoço.

Eu tomei isso com as lições que eu tinha fui entendendo que isso era violência. Não estava batendo, mas, estava tolhendo a mulher da sua própria prática religiosa, então comecei a trabalhar com essa questão de violência. Foi aí que fui descobrindo que desde o começo do mundo que as mulheres vivem buscando uma forma de se livrar dessa violência.

Quando eu escrevi “A mulher buscando seus direitos na bíblia” Falo das mulheres lá do princípio como é que elas tentaram se esquivar desse mal. E as mulheres de hoje não está nem aí. Ela passa por essas coisas, sofre esse tipo de violência e ainda quando o homem não é crente elas ainda contam na igreja. Mas se o sujeito for crente, elas não contam. Porque não vai manchar a conduta de um servo do Senhor. A partir dessas histórias comecei a procurar e acabei achando uma mulher de pastor que apanhava. Seu marido pastor batia só na cabeça dela, porque na cabeça não deixa marca.

Descobri outro pastor também que batia com toalha molhada, porque batendo assim ele não deixava marcas... Comecei a juntar todos os casos e perguntei para elas se não iria denunciar. As mulheres não sabiam como fazer denúncias contra os casos de agressões. Mulheres falaram-me assim: Se tirar ele da igreja capaz de ficar pior. Pelo menos ele está na igreja, depois ele ora e fica tudo bem.

Um certo dia tivemos um encontro na Casa de Cultura e eu falei tudo isso que estou relatando aqui. A Leila perguntou se eu topava fazer um trabalho de visitar as igrejas para falarmos desse assunto?

Eu disse: Topo.

Nós visitamos oito igrejas, tudo aqui em São João de Meriti. Em todas as igrejas visitadas as mulheres diziam que não sofriam violências por seus maridos. Sei de um caso de uma vizinha minha que passa por isso, ela diz que nunca passou graças a Deus, louvado seja o meu Senhor... Mas, as lágrimas desciam. A gente entendia muito bem que elas estavam passando.

São João de Meriti criou um grupo chamado “Casa Lilás”, logo este grupo descobriu o que nós desenvolvíamos o mesmo trabalho e nos chamou. E lá fui eu para a “Casa Lilás”, lá eu contei a situação que eu via nas igrejas e a Casa Lilás tinha recursos, e começou a monitorar e achou um mulher dessa. E quando achou levou a mulher para lá oferecendo toda a segurança para a mulher, mas ainda não tínhamos a CIAM, DEAM, não tínhamos nada disso.

Quando a Casa Lilás ofereceu toda a segurança para mulher logo ela abriu o jogo. Mandaram buscar o homem que acabou confessando tudo o que ele fazia. Foi um momento muito difícil, mas este homem se prontificou a participar e a partir daí em fazer encontro com outros homens para falar desse assunto.

As mulheres sempre correndo atrás dos projetos conseguiram criar um Núcleo de Atendimento a Mulher na Delegacia. Não tinha funcionários, ferramenta, não tinha nada. Cada uma de nós ficava lá na NUAM para atendermos as mulheres. Até que uma mulher foi atendida, uma evangélica que estava enfrentando dificuldades na vida e não podia pedir nada o marido porque ele batia nela. A Leila um dia encontrou com ele feira e ele fez ameaças à ela (Leila é uma parceira que milita na luta contra não violência contra as mulheres). Disse para a Leila o seguinte: Se continuar ‘botando minhoca’ na cabeça da minha mulher, vocês vão pagar caro hein! A Leila me chamou e disse: Fezinha, porque você não o conhece, mas, ele com certeza te conhece. Ele já havia ameaçado a Leila também. Mediante tamanha ameaça paramos de ir nas igrejas por um bom tempo. A ameaça foi feita por um homem evangélico!

Depois teve outro caso com um homem que era do Conselho Tutelar que também era violento com sua mulher.

Teve um foi até artista que contracenou o personagem Barnabé... Vieram-me fazer queixa dele. Batia tanto na mulher que a mesma ficou turbeculosa, teve muitas histórias envolvendo violências. Quando veio para São João de Meriti uma delegada chamada Sueli Murra criou a Delegacia da Mulher de Duque de Caxias que era da Dr.<sup>a</sup> Márcia Noeli, que é crente. Foram essas duas mulheres crentes que valorizaram nosso trabalho. Uma revista da Universal publicou uma reportagem com a gente e nesta reportagem dizia que 60% das violências domésticas aconteciam em lares de cristãos. Essa revista foi muito importante,

correu por vários lugares. Nós compartilhamos para muitas pessoas porque muitos que duvidavam, na minha própria igreja tinham pessoas que duvidavam.

Entrevistadora: Como foi o desenvolvimento do trabalho contra violência doméstica na igreja da senhora? Era bem visto? Tinha a participação e parceria da membresia da igreja que via como um trabalho necessário? Ou achavam que a temática não deveria ser tratada no contexto evangélico?

Fezinha: Achavam e acham até hoje. Se dependesse das pessoas da igreja eu não estava em nenhum movimento popular.

Entrevistadora: A senhora vê dificuldades de falar da temática social no espaço físico da igreja ou o pensamento dos líderes evangélicos (pastores e pastoras) e o pensamento da igreja em si propagarem o pensamento de que evangélicos são blindados do mau.

Fezinha: Tivemos um pastor que ele era uma pessoa boa muito amiga e casado com uma pastora também. Encontrei com ele no Bennett e, ele tem duas filhas e sua esposa pastora. Certo dia ele vinha entrando no Bennett assim muito nervoso... E sua menina mais velha falou alguma coisa com ele quando de repente ele deu um tapão no rosto de sua filha. Eu parei e fiquei assim analisando aquela cena. Ele me avistou e disse assim: Fezinha me desculpa! Eu estou muito nervoso. Minha filha me levou ao desespero.

Eu falei: Caramba, Wilson! Você não devia fazer isso com sua filha.

Um homem com o Ministério pastoral.

Passado um tempo ele se divorciou da esposa, eu fiquei sabendo... Como eles eram cúpula e eu povão, eu era amiga dele porque nós nos gostávamos. Passado algum tempo eu fiquei sabendo que ele não queria dar o divórcio para a esposa porque ele queria uma indenização no valor de seis mil reais pelo tempo em que ele passou casado com ela. Foi outra pastora que me contou que era comadre dele.

Quando eu fiquei sabendo eu disse: Não é possível! Certa vez eu o vi bater no rosto da filha ele até me abraçou e pediu desculpas.

Esta minha amiga disse: Pois é, você viu da filha, mas ele bate na mulher também.

Contei este fato para outra pessoa e falaram que eu era fofqueira e que as pessoas deveriam ter cuidado comigo que eu estava falando coisas que não devia.

Passou um tempo ele casou-se novamente e ele deu uma sova na mulher, na que ele estava recém-casada. Um casal de amigos que exerciam cargo superior na igreja foi na delegacia com a mulher. Denunciaram o agressor e a mulher o largou e retornou para sua localidade que era a região Sul do país.

Vieram até mim e falaram que eu estava correta quando eu havia dito que ele era uma pessoa violenta.

A ex esposa que fora agredida por ele estava no Sul. Quando ele estava em vias de perder o direito de pastorear ele foi atrás da mulher. Ele veio para o Rio de Janeiro e retirou a queixa contra ele dizendo que ele não a agrediu que ela teve uma queda acidental

Pesquisadora: Na verdade, a cúpula da igreja Presbiteriana retiraria o direito de um pastor agressor de pastorear?

Fezinha: Isso. Ele iria perder o direito porque registrado a queixa o sujeito não tem escapatória, você fez. Mas, a mulher retirou alegando que na ocasião estava muito nervosa e coisa e tal. Disse que havia tropeçando na perna dele e conseqüentemente caiu. Todo mundo sabe quando é um tapa no rosto, mas, aconteceu isso. Quer disser, a violência está dentro da igreja, mas, abafada com essa história de nervoso, ou eu estou em uma crise e aí ficamos sem ação dentro da igreja para agir.

E como é que vamos agir? È a mesma coisa que o racismo dentro da igreja. Há quatro anos nós estivemos um caso de racismo declarado. Um pastor que era candidato a bispo. Ele foi ofendido por outros pastores, quando ele perdeu a eleição eles disseram assim: Ainda bem que ele não ganhou ainda bem que o urubu não ganhou. Aí uma pessoa ouviu correu no microfone e falou, e apontou quem havia dito aquela palavra racista. Pois eles inventaram que o cara (que era de outra região fora da minha) estava debochando dele por conta de um personagem do desenho animado que é Zeca Urubu, e que entre eles, os amigos, os chamavam assim. E no final das contas não deu em nada! Aí como eu estou coordenadora da Pastoral, logo ligaram para mim dizendo que eu deveria fazer alguma coisa. Liguei para a Comissão de combate ao racismo da OAB e enviar um e-mail para o Bispo, estava tudo acertado. A representante de Cabo Frio ir até lá. E o pastor de Cabo Frio o que fez? Retirou a queixa. Enfim, sigo com os meus pares na luta contra o racismo e outras formas de discriminação.

Pastora Kaká - O conselho mundial de igrejas elegeu a década contra a violência, violência contra a mulher, ou melhor, toda e qualquer possibilidade desse tipo de violência, de relações violentas.

E aí eu trabalhando com adolescentes em situação de privação de liberdade e tal na sócio educação e aí já está carimbado né bem na minha teste, trabalhar com a violência, é realmente.

Então é, nas questões que o conselho de igrejas foi levantando sobre a questão da violência, o poder, não sei o que não sei o que lá etc, assim tinha a ver de certa forma, e aí não sei o que deu nas cabeças das mulheres locadas na federação de mulheres que em um congresso delas, não me lembro o ano, eu fui convidada para fazer uma oficina a partir dessa experiência, da minha experiência e o que o conselho de igrejas estava trazendo. Centrei um pouco mais na violência doméstica, sobre o que acontece dentro de casa, focando mais na mulher e nem tanto mais nas crianças.

Fiz quatro oficinas. Saí acabada das oficinas, no final eu saia tão exausta que a vontade que eu tinha era de deitar e dormir. Sabe que o ambiente de tensão nos faz centralizar essa questão.

Na ocasião a temática não era tão debatida, parecia uma caixa de pandora. Então, era assim, algumas mulheres estava escrito na testa que viviam violência em casa.

Teve uma que começou a falar nem tão profundamente e a outra como forma de inibir a companheira disse o seguinte: “Não irmã, somos servas do Senhor...” Aquele discursinho de sempre, como se Deus fosse conivente com a violência domestica. Eu tive que interferir trabalhando o que ela falou e deixar claro que o espaço era de respeito ao que a outra estava sentindo vontade de falar, deixando claro o intuito da proposta do trabalho.

Foram quatro oficinas que eu tive que lidar com situações não verbalizadas que estavam ali presentes. Cada coisa que eu falava elas olhavam para mim e diziam: eu vivo isso.

Passado este congresso em São Paulo, veio outro em Brasília num espaço aproximado de dois anos e eu fui convidada novamente para palestrar. Aí eu pensei o seguinte: vou falar de violência de forma mais esmiuçada, de frase em frase, foi fantástico!

O tempo foi curto para as oficinas, pois era tanto conteúdo e eu também fui fazendo tudo de vagar, de forma pensado e conversado e houve espaço para as mulheres falarem, eu já tinha a experiência da passada e decidi deixa-las a vontade pra falar e surgiram coisas fantásticas.

-Pastora como é que a gente faz quando a gente quer falar com um pastor e ele nos diz: mas irmã as mulheres tem que ser submissas aos maridos, devemos ler o versículo todo. O

versículo diz que mulher deve ser submissa ao marido que ama a esposa como Cristo amou a igreja. E como Cristo amou a igreja? Foi batendo nela? foi beliscando e maltratando ela? Nesse momento as fichas foram caindo, foi muito legal a reação foi muito boa, as mulheres participaram mais, eu levantei varias questões até que não me chamou mais, um homem fez um livro sobre isso, um pastor.

Entrevistada - Qual foi o nome do encontro?

O congresso de mulheres foi organizado pela Federação de Mulheres e dentro deles o tema sobre a Não Violência em função dos dez anos que o conselho mundial propôs e daí ficou. Eu fiquei feliz porque eu levantei essa coisa, essa possibilidade de falar sobre isso, das mulheres falarem, o que aconteceu depois eu não sei, me pediram para escrever um texto pra uma cartilha, e eu fiz o texto pra cartilha, foi colocado etc, mas é claro que a estando fora da caixinha a gente acaba...porquê não esperam que você trabalhe dessa maneira, entende? esperam até que a gente fale superficialmente, que não dê espaço para que haja reação, que eles não se coloquem, porque tem que se manter dentro da caixinha, quando você possibilita que saia, sai tudo quanto há né, guardado e escondido, muita coisa cai assim, enfim.

Entrevistadora - Eu tinha colocado aqui, a proposta é ouvir você, ouvir um pouco de sua trajetória, tudo isso você já falou não nesse momento aqui, nesse arquivo, então eu queria que você falasse um pouco de forma resumida, como que foi essa sua trajetória enquanto... Hoje as pessoas te veem como uma liderança, essa trajetória de como que foi desde sua infância, essa coisa mais concreta mesmo, o momento que chegou na igreja, as verdadeiras atuações e ações essa coisa mais concreta mesma, o eu quero fazer, não ficar no campo mais estratégico elaborando, pensando sair desse campo das ideias e ir pra ação de prática mesmo até chegar a data de hoje sabe.

Pastora Kaká - Na verdade também andei de cabeça pra baixo, meu Deus como minha vida e de cabeça pra baixo. Com 14 anos eu encontrei a igreja metodista do jardim botânico, minha mãe era empregada doméstica no Jardim Botânico e eu trabalhava com ela, então a igreja pra mim foi refúgio assim, ninho, bem ninho mesmo, lugar de frescor, de refrigério, com os juvenis, mas eu não participava das coisas de juvenis porque eu trabalhava com minha mãe então eu não tinha tempo pra isso, mas os cultos à noite, os cultos nos domingos, nós cultos durante a semana as atividades, as vigílias, eu participava, e tinha alguns jovens que eram mais próximos e tal, que a gente era amigo, eu me sentia acolhida, é claro eu já tinha alguma

coisa de evangélica, na medida que eu convivia com a família da minha mãe evangélica da assembleia de Deus, um é presbiteriano, outra Wesleyana sempre dentro perspectiva mais neopentecostal e tal, enfim, hoje já não estão na assembleia de Deus a maioria não.

Eu encontrei no metodismo, além dessa comunidade que era uma comunidade mista, gente de classe média, média alta do jardim botânico, mas também gente da favela, motorista de ônibus então estava meio que misturada, não totalmente, mas meio misturado, nas atividades e nas celebrações, então assim foi a minha experiência de Deus ali, eu me senti chamada mesmo eu não posso falar outra coisa, sem nenhum temor, sem nenhuma vergonha.

Eu me senti chamada eu me lembro de duas séries de Conferências, naquela época na igreja metodista tinha muitas séries de Conferências iam pastores convidados falarem sobre alguns temas e coisa e tal e eu me lembro do primeiro que foi, eu não me lembro nem do tema, mas eu lembro que mexeu muito comigo, quando eu vi já estava lá na frente quando ele fez o "apelo" eu já estava lá na frente eu tinha 14 anos, estava lá na frente, aí o outro também a mesmíssima coisa, eu lembro dos dois pastores e como que eu fui mexida com isso, e aí do Rio nós fomos para o interior de Barra Mansa e aí eu tive realmente muito nítido a coisa do chamado, foi muito específico, pra trabalhar e pra estar, pra caminhar junto de jovens em situação de dependência química e por aí vai e realmente aconteceu, como eu te contei, fui eu fazer uma visita na delegacia: gente um negócio de doido! A irmã me perguntou se eu conhecia o desafio jovem e eu disse que não. Ela disse que eu tinha que conhecer, eu disse que conheceria um dia, ela disse: Não você tem que conhecer hoje e acabou que eu fui, ela me deu o dinheiro pra eu ir de ônibus que eu nem tinha dinheiro pra isso, é eu subi uma escadinha, eu nem sei o que eu estou fazendo aqui, mas Deus me mandou aqui depois disso nunca mais saí, eu fiquei com esse grupo, nós ficamos em Volta Redonda, depois fomos pra Resende, Penedo, aí depois nesse grupo um dia a gente em oração, uma pessoa, não sei como que soa isso, mas eu ouvi, uma pessoa que falou pra mim e falou pro grupo: olha uma pessoa vai chegar aqui fazendo um convite, pra um de vocês, pode aceitar porque Deus é quem está mandando. Deus é quem está fazendo esse convite, isso a gente em roda em círculo na oração, e passou dias e realmente chegou o Sidney com o grupo dele de Varginha, e fez o convite pra quem? Pra essa pessoa que vos fala. Eu lembrei-me imediatamente.

Fiquei assim meio, será que vou? Vou, eu ouvi em oração sobre isso, aí eu passei um período em Varginha, com esse grupo que também trabalha com dependentes químicos, mas de uma maneira diferenciada, grupo que trabalhava a lógica do discipulado.

E foi muito legal pensar em comunidade mais fraterna porque tinha isso, mas tinha também muita manipulação, muita vigia, o que um está fazendo com a vida, eu contava uma coisa pra fulana e de repente a liderança já sabia, e já vinha o que é isso, o que está acontecendo? Isso aconteceu com uma pessoa conhecida minha, enfim, então houve muito controle, então isso me desagradou. Eu fiquei um período depois voltei pra casa com minha mãe e dali a gente foi para Belo Horizonte essas coisas também que cortam minha vida e da minha mãe.

Minha mãe trabalhou antes de se casar e até mesmo depois quando a gente chegou no Rio, para famílias muito ricas de Minas Gerais, ricas mesmo, sabe àquelas famílias endinheiradas de Minas Gerais, famílias de fazendeiros várias fazendas, cerca de doze fazendas, uma família. Imagina com doze fazendas, dava duas fazenda para cada filho e aí, nós fomos ficar com ela com a matriarca, porque a filha tinha se suicidado, então pediram que mamãe fosse ficar com ela por um período que ela estava muito sofrida, ela surtou e tal e eu fui com a minha mãe, e eu fiquei muito próxima dela, da patroa, nem com senso de empregada dela, mas por cuidado mesmo de zelar por ela e tal.

Depois disso eu conheci a Ágape, um grupo de jovens, jovens que haviam sido dependente químicos e já não mais e outros ainda eram, eu fui trabalhar com ele, conviver com eles, e fazer evangelismo. Eu tive experiências incríveis que me formaram, assim como a JOCUM, a gente tinha àquelas coisas de evangelismo na praça com música.

**- JOCUM é jovens...**

Jovens com uma missão

**-Ah é com uma missão**

Eles ainda atuam hoje

**-Atuam?**

Até mesmo aqui na Baixada em Caxias, mas mais indo a Petrópolis tem uma cede da JOCUM, Ágape era um pouco diferente assim, era cada um na sua casa, não estava na base, morando na base, assim no caso se reuniam nos cultos para as atividades e tal e eu tive uma experiência, eu fui fazer um tal evangelismo na praça e aí cheguei pra um menino e eu comecei a falar um tanto de coisas pra ele: Porque Jesus.... – como é que você fala isso



comigo? Você não me conhece, você está falando coisas que você não sabe, você não me conhece pra falar isso!

Eu parei e falei meu Deus! Eu realmente não o conheço, porque que eu estou falando isso pra ele? E eu me converti naquele momento né! Eu falei não, eu estou equivocada, não é assim que a gente faz com as pessoas. A eu vou evangelizar e coloco goela abaixo meia dúzia de versículo bíblico, eu nem sei com quem eu estou falando, claro às vezes pode acontecer que você esta se sentindo inspirada de repente, mas assim tem que ter respeito pelas pessoas, naquele dia eu aprendi isso: tem que ter respeito pelas pessoas! Eu também aprendi morando num bairro de classe média/media alta em Belo Horizonte, eu vi que pessoas comiam lixo, coisas do lixo, eu nunca tinha visto, nunca, porque em Minas Gerais onde eu morei, onde eu nasci, eu nunca vi, eu jamais vi um negócio desse e, aquilo pra mim foi um absurdo, e eu comecei a questionar um tanto de coisa, mas como é que é isso? As pessoas estão comendo lixo, as pessoas estão procurando no lixo o que comer isso sim e aí aparece, não sei se eu vi na televisão, eu não sei como é que foi eu só sei que tomei conhecimento de duas coisas que me influenciaram nesse momento, esse livro que eu falei: o Homem a procura de si mesmo que do (Rorumei), não sei se ele é psicólogo estadunidense, esse livro me marcou muito, porque ele falava dessa coisa do selfie, dessa coisa de está diante da gente mesmo, é claro que estou usando minhas palavras, está diante da gente mesmo e da religião como uma possibilidade de fortaleza e de empoderamento, palavra nossa hoje empoderamento, mas de fortaleza ou de fraqueza e infantilidade, a religião pode te deixar infantil, sempre infantil nunca sair daquele lugar que o papai me dá, ou você pode se empoderar se fortalecer como pessoa humana e ser responsável pela sua vida pelas coisas que você está fazendo pelo que você é, enfim.

Isso marcou minha vida, essas duas coisas encontrar Leonardo Boff, e eu tive a oportunidade depois de falar isso pra ele, eu falei meu filho, querido, você é uma pessoa importante na minha história, tenho fotos por aí a fora em casa, falando isso com ele e ele tipo assim oh. Então, assim foram as duas coisas que marcaram minha vida nesse período e aí eu volto pra casa porque eu tinha guardado os estudos, aí eu volto pra casa e volto a estudar e vou fazer magistério aí as portinhas da educação te abrem janelitas, janelitas, janelitas. Você começa a entender melhor o mundo, a organização social e aí o meu compromisso com a fé ele foi sendo burilado, eu ainda tinha uma fé cor de rosa, mas aí a gente volta pro Rio a gente sai de Minas, pro interior do Rio, Barra Mansa e a gente volta pro Rio pra Caxias e eu vou pra

Central do Brasil, vou trabalhar com crianças em situação de rua numa instituição chamada REMER, Refúgio de Meninas e Meninos em Situação de Rua, e eu ficava preocupada porque algumas crianças iam e vinham e falavam: A mais a minha mãe não quer que eu fique, mas a minha mãe....

Como assim? Minha mãe não quer? Onde está essa mãe? Aí eu fui conhecer onde estavam essas famílias e elas viviam na rua, ali na Central do Brasil antes dessa obra que fizeram e eram famílias mesmo, duas famílias monoparentais femininas e era um universo louco e maravilhoso porque eu conheci a violência ali mesmo, violência policial, seja civil, seja ferroviária ou militar, o tráfico que descia e enfim, a primeira morte que aconteceu foi o filho de uma das meninas que trabalhavam com a prostituição e eu fiquei passada meu Deus como é isso! As mulheres mães das crianças na sua maioria alcoólatras, não sei se o termo correto hoje é alcoólatras enfim, ou então dependentes químicas mesmo, eu me lembro na época que era muita cocaína ali. Eu me lembro de algumas assim, três em especial que a gente fazia reuniões de mulheres na rua, então era uma loucura. Sentar aonde?

A gente sentava na pedra literalmente, a gente ficava ao redor assim em círculo ali, conversando sobre um tanto de coisas, elas falando e se ouvindo também, era muito interessante, lembro de uma das mães que contou a história dela, ela era de Minas Gerais e engravidou na região de Belo Horizonte, engravidou e foi colocada pra fora de casa e do trabalho e acabou tendo que dar essa criança pra alguém, então ela vem pro Rio com esse trauma e aí começa a beber e aí também vai ter os filhos na rua. Ela teve três filhos e ela bebia demais final de semana ela entornava durante a semana a gente sempre tinha uma atividade então ela acabava segurando, ela segurava a onda, na segunda feira quando eu chegava, gente ela estava caída, não tinha comido nada o final de semana inteiro. As crianças estavam cuidadas por outras pessoas e eu comprava um leite pra ela, falava você não comeu nada menina, vai comer alguma coisa. Comprava uma sopa alguma coisa, passasse a semana comendo alguma coisa, foi um período assim meio punk, muita coisa eu vi, e aí o evangelho larga mão de ser cor de rosa.

Entrevistadora - Foi nesse mesmo período também que você já está fazendo a Teologia né?

Pastora Kaká - É porque eu comecei o seminário César Dacorso Filho, seminário metodista Bennett, eu estudava à noite, mas eu passava as tardes, pela manhã eu estava em casa em

Caxias saía de tarde, pós o almoço eu já saia pra Central, passava toda a tarde na Central com as famílias, ali com as crianças e depois eu ia pra aula, eu não tinha um centavo porque eu não estava trabalhando pra uma instituição, foram nove meses, foi uma gravidez, sem um centavo e assim, com uma conta enorme pra pagar do Seminário, eu só tinha dinheiro pra ônibus, nem pra lanche, nossa minha vida..., graças a Deus por esse período e é antes e depois, ali eu fui percebendo quão cor de rosa era o evangelho, que não real, a realidade é dura, as pessoas estão passando por sofrimento em especial as pessoas que estão em situação de rua, dependência química enfim, é a coisa da violência policial, foi nesse período que eu conheço alguns adolescentes que foram assassinados na Candelária, foi nesse período também, ai eu já estava trabalhando com o centro de defesa Bento... é e aí foi vigário Geral aquela coisa horrorosa, que aconteceu em Vigário, a gente acompanhou esse processo, acompanhou os sepultamentos, foi a coisa mais bizarra do mundo sabe assim, eu me lembro de uma mãe, uma mulher negra com a carteira de trabalho do filho sendo amparada dos dois lados e ela dizia: meu filho não era bandido, meu filho era trabalhador, e ela caía e as pessoas a levantavam, e de novo, nossa foi um negócio doido os caixões passando e o sangue pingando a gente só chorava, só chorava eu e as duas companheiras que fomos, enfim né, não dá pra sair a mesma coisa dali, é da Central eu vou acompanhar um adolescente que tinha sido apreendido ali na Central, foi pego roubando foi apreendido já no início do ECA, foi um período de transição ele ficou na ilha numa das unidades que hoje é DEGASE a escola João Luiz Alves como ele não tinha relação familiar a gente até tentou, mas não aconteceu, eu fiquei responsável por ele, então lá foi a educadora social referência pra esse menino, aí eu fazia as visitas, eu fui fazer a visita a esse menino, então o que as famílias passam assim né de revista íntima, eu passei ficava no sol lá esperando o momento da visita e tal, eu me lembro de subindo assim a rampinha do JLA, quando eu cheguei lá em cima que eu vi os adolescentes **eram todos pretos, todos pretos** e eu fiquei, eu fiquei petrificada, eu falei o que é isso? Todos os meninos pretos, eu fale gente meu Deus do céu o que que é isso? Quando eu entrei pra encontrar o menino ele ficou passado, porque jamais ia imaginar que a educadora social Kaká estaria aqui me esperando veio me visitar, ficou meio sem gracinha assim e tal, aí sentamos ficamos conversando, eu falei é meu filho como vai a vida e tal, aí um coleguinha sentou, um menino sentou ali perto e ele, - ah não tia eu já estou me preparando, já estou quase pra sair e eu perguntei: E aí o que você fazer, o que você tem pensando? Vou fazer o que eu sempre fiz, o meu destino é ser bandido. Quando ele falou o meu destino, eu falei: O que é esse negócio de destino? De destino bandido, pra mim não é por aí não. Meu filho como assim destino e

coisa e tal...tudo aquilo. Menina eu nunca mais saí né, porque pelas providencias divinas eu tenho sempre o que fazer, porque minha vida foi sempre perpassada por essas providencias divinas, eu fiquei encantada com o Degase, desejei profundamente está com esses meninos, eu fiquei inconformada com o menino dizendo que o destino dele era ser bandido e num dia eu estou lá de volta, estava lá esperando o horário da aula do seminário, estou na pastoral Bennet e eu sentei ao lado de uma pessoa que eu não sei quem é, se eu encontrar hoje eu não vou saber, só sei que era uma mulher branca, nem lembro se era baixa ou se era alta, acho que era de estatura mediana não sei nome não sei nada, começou a conversar, conversar não sei porque cargas d'água e eu falei, que tinha ido a esse lugar, que tinha ficado impressionada se eu pudesse eu gostaria de esta com esses adolescentes , tá passou , na semana tinha uma ligação pra mim no escritório da igreja era a doutora (Rosangela) que hoje é professora da UERJ, formada em direito e que estava formando o que é hoje SEDEDICA da defensoria pública, então ela me chamou para uma conversa e a defensoria me convidou para fazer uma pastoral dentro do DEGASE, o Degase que estava se formando, foi em 1994, eu me lembro dela me ligando e falando com a diretoria do Degase: bota uma pessoa que eu quero que você conheça , eu me lembro que eles pegaram ali na praça XI a direção do DEGASE estava ali naquela época e me levou até JLA e nunca mais eu saí do DEGASE né, a gente fez um grupinho de dois colegas seminaristas a gente ficou tateando que a gente faz aqui né, a gente vai fazer esse negócio, aí no começo a gente foi conversar com os meninos, ouvir os meninos, depois a gente criou as quartas feiras culturais, em que a gente passava filmes, com a parceria dos funcionários, a gente tinha funcionários que boicotava, e tinha funcionário que fechava, tinha os meninos que fechavam com a gente então os meninos sempre estavam, às vezes tinham coisas que sumiam uma extensão aí os meninos faziam uma gambiarra pra colocar a televisão pra funcionar enfim e a gente via filme e conversava sobre o filme, comia pipoca e tomava refrigerante, e aí foi né, foi toda uma caminhada em que a gente ia fazendo o processo de construção dessa pastoral e até a ter mais consistência , assim até a gente construir uma pequena metodologia, pequena não, a gente construiu uma metodologia, não está escrito nem registrado, mas agente construiu uma metodologia

Entrevistadora - Que na verdade nem vocês sabiam.

Exato

Entrevistadora - Foram aprendendo durante o percurso mesmo, a pratica foi ensinando no dia a dia mesmo?

Pastora Kaká - E aí foi muito marcado, porque aí surgiu a questão das facções e eu coloquei pé que não trabalhava com facção, que nos íamos trabalhar com adolescentes e não com a facção, então os meninos já sabiam que quem quisesse entrar pro grupo, em parceria com a escola, a escola sempre cedia uma sala pra gente sentar e conversar então da porta pra cá e da porta pra lá da porta pra fora deixa a facção, deixa a camisa, tira a camisa e põe lá fora, da porta pra dentro a referência é Jesus e o evangelho, então você pode escolher, se você não a fim de ficar, não tem problema, não é obrigado. A gente pactuava algumas coisas né, como é que seria ali dentro, porque são facções diferentes né, o respeito e tal e nunca aconteceu nada, a gente fazia também os aniversariantes do mês, festejava os aniversariantes, e era muito legal, por que também sem divisão de facção então manter o equilíbrio, e não eram meninos que necessariamente estavam conosco toda semana, porque a gente estava duas vezes por semana na unidade, e os aniversariantes era do geral entende, era qualquer menino, que não nos conheciam e que não tinha pactuado nada com a gente, então naquele momento a gente tinha que pactuar né, a regra era essa, sem brincadeira, sem olhares, sem piadinha porque não cabe aqui.

Eu me lembro um dia que começaram as piadinhas e eu parei tudo e disse: e aí gente o que nós conversamos lá no início? vamos lá então? tudo bem? tudo bem, vamos lá, aí os olhares ameaçadores no outro, gente o que nós conversamos no início? na terceira vez eu falei acabou a festa agora.

- Mas Kaká ainda tem bolo e tem salgadinho

Acabou, acabou a festa eu estou falando aqui desde que nós iniciamos, que não tem piadinha, não tem olhares, nem provocação, vocês seguem fazendo o mesmo, o que foi pactuado não foi cumprido, então acabou. Funcionário por favor pode vir buscar os adolescentes, mas.... Fiquem tranquilos porque os funcionários vão comer, tranquilos, acabou, vocês escolheram assim, acabou, funcionário Toda a unidade ficou sabendo,

- *a Kaká é papo reto não tem curva não...*

Nunca mais aconteceu porque um foi falando pro outro, falando pro outro e todo mundo soube, e foi muito legal, porque criou assim: nossa a Kaká e papo reto, não tem como vacilar, nossa aqui tem conversa de "sujeito homem" eu sempre falava: aqui é conversa de sujeito homem com sujeita mulher. Foi um processo de construção

Entrevistadora - Foi um processo bem construtivo e nesse processo construtivo a partir de que momento você percebeu que você era uma liderança? Assim não de outra pessoa falar, ah você é uma liderança, não, mas você também perceber isso, mas sem também ter essa coisa hierárquica né, eu estou acima porque eu sou liderança, não, sabe assim, eu sou uma mulher abaixo de Deus que estou exercendo uma liderança.

Pastora Kaká - Na relação com os adolescentes, porque eu lidava as vezes ali com meninos que estavam na situação de gerência do tráfico, é e como na construção dos encontros o que eu falava né, sempre levando em consideração o fato de que eram meninos e a gente tinha às vezes que discutir as questões de gênero com eles, porquê eles se sentiam donos do corpo das namoradas, por exemplo, a gente fazia essa desconstrução, da paternidade responsável, porque alguns diziam a não vou meter o pé e eu dizia: a não espere aí, seu pai não fez o mesmo? Você vai repetir a história do seu pai? Você contou aqui que seu pai deixou sua mãe quando você era um bebê, ou você não tinha nascido ainda. Você vai repetir a história?

Então assim, eu fui percebendo como que eles me respeitavam, porque eles poderiam dizer: quem manda aqui sou eu e tal, mas não eles me ouviam com muito respeito e isso gerou entre os adolescentes, não só entre eles e também entre os funcionários, porque muitos funcionários achavam que eu fica passando a mão na cabeça dos meninos eles podem fazer o que quiserem, eles foram vendo que não era bem assim, tinha limites que a gente tinha regras ali, regras que eram pactuadas entre nós do grupo, não era uma coisa de cima pra baixo, era construída né? Surgia ali do grupo e que os meninos não quebravam as regras, assim, era muito interessante isso porque eram meninos de diferentes grupos de facção criminosa e no entanto eles bancavam com a gente ali no grupo, não fazer piadinha, não fazer acusações ao outro, não ameaçar nem com olhar, eles entendiam que naquele momento, o nome do grupo era recriando com Deus, não de recreação, mas de recriação, criar novamente, a gente sempre falava dessa coisa de recriar a vida, buscar novos caminhos, abrir janelas, viver mais amplamente, é do quanto eles aproveitavam o fato de serem adolescentes, desfrutavam dessa condição, no sentido do que você faz de legal? Você vai a praia? Você solta pipa? Você vai ao cinema? Alguns nunca foram a praia, nunca foram ao cinema a coisa do empobrecimento e do rigor mesmo do tráfico de drogas. Que dizem que é um trabalho fácil, não é um negócio muito pesado e naquele momento a gente discutia essas questões.

Entrevistadora - E como é que foi também esse reconhecimento também de você um corpo negro, uma mulher negra com uma mente, muito descolonizada também pra igreja, como é

que foi pra essa comunidade também perceber que você era uma liderança? Teve uma resistência?

Ai sim

Entrevistadora - Como é que foi também pra essa comunidade cristã?

Pastora Kaká - Teve episódios também muito engraçados, assim engraçados no modo de dizer. Eu me lembro de que num carnaval aconteceu um retiro no Norte Fluminense, aí lá vai a Kaká da pastoral dos adolescentes em conflito com a lei fazer a oficina, um calor, lá fomos nós de carrinho, chegando era num CIEP, a primeira oficina eu entrei né, ajeitei as cadeiras coisa e tal e aí entra uma irmã que, me olha de cima abaixo, eu de conga, cabelo de trança, cabelo trançado, ela me olhou de cima a baixo, não falou nada, mas aquele olhar tipo de espanto, nem tipo que horror não, tipo que horror!!! sem uma vírgula de possibilidade, e aí claro que eu notei né, eu senti o olhar a maneira que ela "falou" ou que não falou. E eu falei pra ela pra ver se quebrava o gelo: que pastora estranha né irmã? Ela nem me respondeu, cara fechada estava, de que absurdo, cara de nojo, aí eu comecei a minha oficina, e de repente faltou um professor pra adolescentes, que que fizeram, enfiaram os adolescentes pra dentro daquela classe, aquela oficina pra adultos, foi pensada pra adultos e eu tive que me reorganizar e fiz a oficina, todo mundo participou, os juvenis participaram, os adultos participaram e foi tudo tranquilo e todo mundo gostou da oficina, no final essa irmã veio me procurar, veio falar: pastora... e aí ela me bajulou né: pastora que ótimo sua oficina, aí quando a senhora voltar....

E eu achava nossa que mudança hein irmã?

Entrevistadora - Mas aquele olhar no início?

Pastora Kaká - Aquele olhar no início sabe não foi de aceitação, não foi de aprovação, minha caminhada foi muito assim, de rejeição mesmo.

Criou um clima enorme com alguns colegas, ficavam uma arara, como é que pode misturar permitir que os meninos do Benette, os alunos do Benette converse com os meninos do teatro, meninos presos, eu fiquei muito brava com isso porque eu achei desrespeito, então assim, eu tenho uma amiga que falava assim: a Kaká é ótima, mas não pisa no calo dela não, eu falei é, mas não pisa no meu calo não em defesa própria, não em defesa de ego, mas em defesa da causa, como diz Pedro: Minha causa é maior que eu. Então é ficavam até com certa vergonha

de me alfinetar ou de falar mal na minha cara, é claro que falavam por trás e eu sabia que sim, mas diante de mim tinham que me respeitar, mesmo não gostando, mas assim me respeitando.

Entrevistadora - Interessante! Tudo isso que você está colocando nessa esfera, porque é, esse espaço, a instituição igreja é um espaço também que não era pra está do jeito que está, no que se tornou assim, mas como é que tem um pensamento muito limitado né, até às atuações também acabam limitando né, a gente pensa muito em expandir pra outros espaços tem que fazer lá e a gente não forma no nosso território, hoje a gente vê muito essa questão de missões tem que alcançar o povo da África.

Sempre a África ...

Entrevistadora - Porque lá? As fotos das crianças com chinelo de garrafa pet, desnutrido e tal e parece que lá e que falta comida né, aqui não, lá tem muita doença e aqui não, então é essa coisa, porque aquele povo lá coitado precisa ser alcançado.

Pastora Kaká - Até que ponto é esse racismo estrutural e estruturante que a gente enquanto instituição religiosa cristã com as suas diferenças entre o cristianismo católico e protestante, mas esse olhar pra esse outro africano que foi escravizado né, que entraram lá na terra, que foi roubado, que foi saqueado, foi sequestrado né, pra um trabalho é enfim.

É desumano! Então, é muito interessante e aí assim, todas as atualizações que você tem diretamente com esses adolescentes, com esses meninos lá do Degase, você consegue também dialogar, porque é isso, eu consigo ver, mas eu quero te perguntar, consegue fazer uma correlação com a questão da violência e a violência doméstica?

Infelizmente, é nossa, dois dados assim, perceber como esses meninos vem de famílias evangélicas e eu não estou falando isso agora que todo mundo já sabe, o porque os meninos do tráfico, ah foi o traficante que mandou, é o traficante mandou, mas a formação que ele teve também, porque são filhos de igreja, esses meninos são filhos de igreja é de você ler um versículo, eu me lembro de um menino que um dia nós começamos a atividade aí ele falou: Kaká quantos salmos você sabe de côr ? Eu uí porquê você está me perguntando isso? Porque eu sei tantos. Eu falei meu filho o que você faz com esses salmos que você decorou? Então assim, passou pela igreja, a famílias é de igreja, filhos de pastores inclusive e um nível de violência tão presente, enfim. A incoerência da violência né, ah meu pai é pastor, mas meu pai, nossa meu pai me deixou quebrado, ah meu pai me bateu muito desde pequeno, essas coisas loucas assim sabe, é tudo muito louco. Eu fico pensando como é assim, como é que a



gente lida com o evangelho, ou melhor a gente lida com o evangelho ou com a instituição seja ela qual formais é mais fácil lidar, porque o evangelho ele é muito de raiz, ele é muito radical no pulsar vida.

Ama a teu próximo como a ti mesmo, ui, como é isso? amar o diferente? amar o feio? Não é qualquer coisa não, é dureza.

Então entre outras coisas. Assim, eu tenho pensado muito sobre isso, aí você pega os evangelhos o, aí você vai no sermão do monte que o primeiro discurso público, gente é de uma radicalidade só, você vai vendo verso por verso, assim o que a gente vive hoje é inconcebível com essa praxe de Jesus com esse primeiro discurso de Jesus, ele alí, ele dá alí o tom né, o primeiro discurso do sermão do monte ele dá o tom, qual é? Ele está dizendo que fim, o que que é, é de uma radicalidade, de respeito, de auto respeito, de respeito ao outro que é assim, é impressionante é mais fácil viver a instituição e as regras da instituição, construídas e elaboradas por seres humanos **homens do sexo masculino branco**, do que você permitir que as pessoas reflitam, avaliem e concluam, nossa eu tenho errado nisso, nossa eu tenho errado naquilo, se forme pessoa humana, eu acho que a missão é essa ajudar que as pessoas sejam pessoas melhores né, plena de humanidade, porque é...eu sempre falo isso, a gente ainda não é humano, "na minha observação, nós não somos humanos ainda" está num processo a gente é muito animalesco, nem digo tão animal porque meu animalzinho está aqui, meu cachorro está aqui e ele é essa gracinha, mas ele morde também né, ele é essa gracinha, e eu acho que nem nesse lugar a gente está ainda sabe? Então a gente ainda está no processo de saber o que é ser um ser humano e tal, mas o evangelho eu acho que tem essa carga de sacode, sabe? Do que é de fato.

Entrevistadora - E assim é, com tudo isso que você acabou colocando e ate mesmo eu estou aqui repensando também muitas coisas, é o teu ponto de vista qual é a importância? Porque precisa ter um agente transformador, sujeito homem, mulher, mulher negra e tal nesse espaço da igreja pra falar da importância, porque é importante falar da não violência contra as mulheres? Porque é importante levantar a discussão de gênero? Porque que é importante é, a gente se colocar enquanto sujeitos também sócias? Porque a gente não está distante, a gente vive no mundo, porque numa época em que dizem ah a gente não pertence a este mundo, sim a gente está nesse mundo, a gente vive nesse mundo, a gente trabalha, a gente se relaciona, enfim né a gente vive, faz tudo nesse mundo.

Pastora Kaká - O que nos diz o texto é: Não ameis o mundo, não ameis o mundo, amar o mundo.

Paulo fala da transformação, de transformar a mente, não vos conformeis, não tomeis a forma, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente. Nós somos pessoas humanas ou a gente precisa se tornar pessoa humana, é homem e mulher em paridade e não em disparidade né? Igualdade na diferença, porque assim, eu não sou um homem, eu não tenho pênis, mas isso não significa que ele seja mais que eu, ele é pessoa humana tanto quanto eu, ele é um homem e eu sou uma mulher. Eu tenho, e aí é muito interessante é que cada pessoa tem né, aí falam assim né, porque o homem tem isso e a mulher tem aquilo, não personalidade é personalidade tem mulher que tem **personalidade forte**, e tem homem que não, que é mais sensível mesmo e tem uma fala mais calma enfim, então assim esse estereótipo assim é bobagem, mas nós somos todos pessoas humanas e a gente precisa chegar nessa condição de equilíbrio, de humanidade, de humanização, é desumano o homem tratar a mulher como inferior, é desumano isso e ele perde a humanidade dele também, porque não apenas ele olha pra mulher como não humana, como ele também se coloca como não humano.

**- Mas é importante fazer essa discussão no espaço evangélico?**

É claro, é claro

**-De gênero...**

Claro, é claro...

**-De sabe?**

Porque é evangelho, é importante no espaço evangélico? Sim, porque é evangelho, ser evangélico não é título e não pode ser título, como Coca-Cola, suco de uva Aurora, Pepsi, Omo, Ariel, sabe?

Quando eu digo que alguém é evangélico, eu estou dizendo, deveria ser assim, os pilares em que ele está firmado é o evangelho, que evangelho? O evangelho de Jesus. Não vou nem entrar no mérito dos Cristãos Espíritas né, do evangelho de Kardec, é outra linha, são Cristãos repetem todo o evangelho, mas enfim. Mas se entra aqui evangélico, Cristãos católicos ou protestantes evangélicos estão sobre a base do evangelho, do evangelho de Jesus. Jesus é essa pedra Angular não é não? E aí não construa sua casa na areia, não tem esse versículo lá? Vai

construir sua casa na pedra. Porque o que acontece com a areia? O que acontece com a pedra? Jesus é a pedra angular, então assim é, se não esta construída na pedra, que é o evangelho o vento vai, a água do mar vai bater, não tem solidez, não é solido, não consistência, o evangelho tem consistência, o evangelho ou o evangélico como rotulo não tem consistência, se a igreja não vive o evangelho, eu sinto é pesado o que eu vou falar, mas não tem consistência, não tem consistência pra ser representante do Cristo, não é isso? Cristão não é isso? Ser representante do Cristo? Ser um pequeno Cristo? Quem é esse Cristo? Quem é esse Jesus? Olha a radicalidade dessas posturas, gente é radical demais né? Entra pra roda as mulheres. Lembra-se daquela que trouxeram pra ser apedrejada?

*-Sim*

Aí Jesus diz: olha quem é que aqui não tem pecado, pode atirar a primeira pedra, não tem não pode atirar, ninguém pode fazê-lo, mas o homem não foi levado, a mulher foi levada, que a lei diz....essas coisas né? E tem muitos outros textos, que Jesus traz a mulher para o centro e está conversando com ela, a despeito dos discípulos que estão por ali, achando estranhíssimo, como aquela que unge os pés dele com perfume, e Judas fala assim: como é que pode fazer um negócio desse? Poderia guardar esse dinheiro, esse perfume vender. E ela unge ali e ela está num espaço com Jesus, é uma interação com Jesus, aquele homem que todo mundo diz: O mestre, bom mestre. Ele que dava algumas cortadinhas, porque estão me chamando de bom?

Toda aquela reverencia, mas que não entendiam muitas coisas o que ele fazia, eu acho que há muita ignorância não se entende de fato.

Entrevistadora - Eu escrevi aqui, mas eu acho que quando a gente vai colocando as coisas vão se ordenando, mas eu coloquei aqui que recentemente a mídia tem noticiado bastantes casos de violência doméstica e você enquanto liderança está tendo conhecimento de casos de violência envolvendo mulheres evangélicas aqui na baixada, nesse contexto de Baixada Fluminense?

Pastora Kaká - Eu, numa época eu até desejei o mestrado pra trabalhar isso, que graças a Deus você está fazendo, assim porque a gente sabe de casos, sabe de casos né? E assim é uma coisa às vezes tão delicada, porque tem todo um discurso bíblico teológico que de certa forma dá respaldo para o homem pra isso, a leitura que você vai fazendo daquele texto, a construção em cima daquele texto, que o marido é o cabeça da mulher, sem levar em conta

que essa comparação desse Cristo como cabeça, como é que entra o Cristo como cabeça? Isso dá autoridade para o homem se sentir mais que a mulher? E oprimir? Enfim, as diversas modalidades de violência, agora eu vejo também que a igreja pode ser para a mulher um refugio, então a importância de lidar com a equidade, sabe de ter a equidade presente nas falas.